



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - CENTRO DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

LAÍS ROSSATTO WIGINESKI

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO FORTALECIMENTO DA  
AGROECOLOGIA – O CASO DA ESCOLA LATINO-AMERICANA DE  
AGROECOLOGIA**

Amargosa - BA

2022

LAÍS ROSSATTO WIGINESKI

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO FORTALECIMENTO DA  
AGROECOLOGIA – O CASO DA ESCOLA LATINO-AMERICANA DE  
AGROECOLOGIA**

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito para obtenção do título de mestra em Educação do Campo.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação do Campo

Orientador: Prof. Dr. Franklin Plessmann de Carvalho

Amargosa - BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA - CFP/UFRB  
**Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515**

W658p

Wigineski, Laís Rossatto.

O Papel da Educação do Campo no fortalecimento da agroecologia: o caso da Escola Latino-americana de Agroecologia. / Laís Rossatto Wigineski. – Amargosa, BA, 2023.

99 fls.; il. color.

Orientador: Prof. Dr. Franklin Plessmann de Carvalho.

Relatório técnico (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2022.

Bibliografia: p. 98 - 99.

1. Educação do Campo. 2. Educação. 3. Escolas – Organização e administração. I. Carvalho, Franklin Plessmann de. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379

LAÍS ROSSATTO WIGINESKI

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO FORTALECIMENTO DA  
AGROECOLOGIA – O CASO DA ESCOLA LATINO-AMERICANA DE  
AGROECOLOGIA**

Produto, Processo ou Técnica apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito à obtenção do título de Mestra em Educação do Campo.

Amargosa- BA, 28 de novembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Franklin Plessmann de Carvalho  
(Orientador)



Profª. Dra. Priscila Gomes Dornelles Avelino  
(Membro Interno/UFRB)



Profª. Dra. Tânia Mara dos Santos Bernardelli  
(Membro Externo/UERJ)

Amargosa - BA

2022

*Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América.*

*Nestas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios, outra razão.*

*Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.*

*Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.*

*Eduardo Galeano*

## AGRADECIMENTOS

À Escola Latino-Americana de Agroecologia, pela oportunidade formidável da formação que recebi.

À Turma Abya Yala que tanto me ensinou e me ensina.

Ao Colegiado Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Campo da UFRB, por ter me recebido no mestrado e colaborado para meu crescimento humano e intelectual.

À Turma 2020 do PPGEDUCAMPO, pelas trocas, partilhas e apoio durante o período do curso.

Ao meu orientador Prof. Dr. Franklin Plessmann de Carvalho, pela paciência e por me permitir muita liberdade na pesquisa e no desenvolvimento dos produtos finais.

À Prof<sup>ª</sup>. Dra. Priscila Gomes Dornelles Avelino e à Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tânia Mara dos Santos Bernardelli, pelas contribuições e pela generosidade nos processos de qualificação e banca.

À minha família e especialmente à minha mãe, pelo apoio e amor incondicional.

À todas as gentes boas que vieram antes de mim e abriram caminhos para que hoje eu possa trilhar minha trajetória, que é também coletiva.

Aos amores e afetos que me atravessam e me forjam.

## RESUMO

Essa pesquisa se debruçou sobre a experiência da turma Abya Yala, procurando sistematizar como os(as) egressos(as) avaliam o processo de formação e como tem atuado no fortalecimento da agroecologia em suas comunidades e movimentos de origem ou em outros territórios em que estejam inseridos(as). Para melhor compreensão dos processos foi feita uma contextualização sobre a Escola Latino-americana de Agroecologia, apresentando um breve histórico e as práticas pedagógicas desenvolvidas e posteriormente a sistematização das experiências de agroecologia desenvolvidas pelos(as) egressos(as) onde três aspectos principais se destacaram: as situações de conflito, a questão de gênero e a educação em agroecologia, que atravessam as realidades dos sujeitos entrevistados influenciando suas vivências de territorialização agroecológica. A metodologia utilizada se baseou em três eixos principais, uma pesquisa bibliográfica prévia, investigando o contexto da agroecologia e da educação do campo e a maneira como interagem e se sobrepõem fundamentada em autoras como Caldart, Guhur e Toná, assim como uma análise nos trabalhos de pesquisa já realizados na ELAA. Posteriormente foram feitas 14 (catorze) entrevistas semiestruturadas via zoom em dois períodos distintos, das quais 13 (treze) foram utilizadas para o trabalho. A escolha dos(as) entrevistados(as) aconteceu pelo critério disponibilidade seguida da distribuição geográfica, finalmente foi realizada a transcrição, análise e categorização dos trechos das entrevistas para compor esse relatório. É interessante notar a multiplicidade do alcance da agroecologia e as diversas possibilidades de atuação. Mesmo que sinteticamente, foram descritas experiências com educação, comunicação, assistência técnica, práticas agroecológicas, mobilização social, conservação de sementes e gênero. O período da realização da pesquisa coincidiu com o período da pandemia da COVID-19 influenciando na dinâmica dos trabalhos desenvolvidos. Conclui-se que Escola Latino-Americana vêm cumprindo seu papel ao formar humana-político e tecnicamente militantes que se capacitam para incidir nos territórios e fomentar a ampliação ou construção da agroecologia.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Educação do Campo. Juventude. Movimentos Sociais Camponeses.

## RESUMEN

Esta investigación se centró en la experiencia de la clase Abya Yala, buscando sistematizar cómo los(as) egresados(as) evalúan el proceso de formación y cómo han actuado para fortalecer la agroecología en sus comunidades y movimientos de origen o en otros territorios donde están insertos(as). En este sentido, para una mejor comprensión de los procesos, se realizó una contextualización de la Escuela Latinoamericana de Agroecología, presentando una breve historia y las prácticas pedagógicas desarrolladas y posteriormente la sistematización de las experiencias de agroecología desarrolladas por los(as) egresados(as), donde tres aspectos se destacaron como principales: las situaciones de conflicto, las cuestiones de género y la educación en agroecología, que atraviesan las realidades de los sujetos entrevistados, incidiendo en sus experiencias de territorialización agroecológica. La metodología utilizada se basó en tres ejes principales, una investigación bibliográfica previa, investigando el contexto de la agroecología y la educación rural y la forma en que interactúan y se superponen a partir de autoras como Caldart, Guhur y Toná, así como un análisis de los trabajos de investigaciones ya realizadas en ELAA. Posteriormente, se realizaron 14 (catorce) entrevistas semiestructuradas vía zoom en dos periodos diferentes, de las cuales 13 (trece) fueron utilizadas para el trabajo. La elección de los(as) entrevistados(as) se basó en el criterio de disponibilidad seguido de distribución geográfica. Finalmente, se realizó la transcripción, análisis y categorización de extractos de las entrevistas para componer este informe. Es interesante notar la multiplicidad del alcance de la agroecología y las diferentes posibilidades de acción. Aunque brevemente, se describieron experiencias en educación, comunicación, asistencia técnica, prácticas agroecológicas, movilización social, conservación de semillas y género. El período en que se realizó la investigación coincidió con el período de la pandemia de COVID-19, influyendo en la dinámica del trabajo realizado. Se concluye que la Escuela Latinoamericana viene cumpliendo su rol formando militantes humana-política y técnicamente capacitados para incidir en los territorios e impulsar la ampliación o la construcción de la agroecología.

**Palabras clave:** Agroecología. Educación del campo. Juventud. Movimientos Sociales Campesinos.



## SUMÁRIO

1. PERTENCIMENTO E TRAJETÓRIA
2. AGROECOLOGIA E A ESCOLA LATINO AMERICANA DE AGROECOLOGIA
3. INTERSEÇÕES ENTRE AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO
4. A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE AGROECOLOGIA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
  - 4.1 O PRONERA
  - 4.2 A Pedagogia da Alternância
  - 4.3 O Trabalho como Princípio Educativo
  - 4.4 A Pedagogia Freiriana
  - 4.5 O Diálogo de Saberes
  - 4.6 A Pedagogia do Movimento Sem Terra
5. A TURMA ABYA YALA
  - 5.1 Avaliações da Turma Abya Yala
6. HISTÓRIAS DE VIDA E AGROECOLOGIA
  - 6.1 Conflitos
    - 6.1.1 Minas Gerais – do caos da exploração mineradora a lama da Vale
    - 6.1.2 Guatemala – o país da eterna primavera ou da eterna tirania?
    - 6.1.3 Mato Grosso – água e energia não são mercadoria
    - 6.1.4 A seca em Petorca no Chile – recorte de uma crise ambiental e política
    - 6.1.5 Ameaças de despejo e formas de luta no MST de Macaé - Rio de Janeiro
    - 6.1.6 Projetos antagônicos para o campo – um território em disputa
  - 6.2 Mulheres e Agroecologia
  - 6.3 Educação e Agroecologia
  - 6.4 Trajetórias rumo a territorialização da agroecologia
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## 1 - PERTENCIMENTO E TRAJETÓRIA

Quando criança minha mente foi povoada pelas histórias da vida no campo que minha mãe contava. Parecia fantástico e essa realidade me gerava tanto encantamento, quanto espanto. Ao longo de minha trajetória foi-se nutrindo um anseio de retorno ao campo. As memórias da minha família materna e paterna não puderam deixar de constituir no meu imaginário a perspectiva do campo enquanto símbolo da pobreza, da escassez, do atraso, ao mesmo tempo que – paradoxalmente - eu sempre encontrei tanta riqueza nos relatos e me surpreendi com a capacidade de autonomia, com o conhecimento tão vasto e com a enorme disposição ao trabalho que se refletiu ao longo da vida da minha mãe, mesmo depois de ter saído da roça.

Hoje, com um pouco mais de subsídio teórico e uma compreensão melhor dos processos históricos, sociais, culturais e econômicos que atravessam o campesinato brasileiro, eu me pego pensando sobre as constantes adequações e reinvenções que tiveram que passar os povos do campo no Brasil. Desde os mais privilegiados, como minha família, que apesar de estarem fugindo da fome e da falta de oportunidades em seu país de origem, no Brasil tiveram acesso à terra e eram bem vistos e bem quistos aos olhos da sociedade conservadora que apoiava as políticas de branqueamento. Até os povos indígenas e afrodescendentes que tiveram e ainda tem que enfrentar uma guerra sangrenta, uma intensa perseguição ao seu modo de viver e existir. Com estas diferenças, podemos afirmar que foi se constituindo um povo do campo brasileiro bastante plural, marcado por resistência e pela ressignificação nas formas de organizar a vida social. Quantas histórias ainda não foram contadas sobre a vida destes povos? Há um apagamento de memória, tanto nos processos de violência sofridos quanto nos deslocamentos forçados. No campo da agricultura, as transferências de tecnologias, o impacto da denominada revolução verde que buscou se impor, passando por cima de tradições, de saberes e sapiências que se reproduziam em cada território.

Eu nasci em 1991, começo da década de noventa. O país vivia o respiro da redemocratização, havia uma movimentação, uma articulação de base que parecia estar movendo as estruturas. Meu pai e minha mãe se deslocaram de suas pequenas cidades, da zona rural onde moravam, para a maior cidade da região, Francisco Beltrão. Mas antes de sair, participaram das comunidades eclesiais de base, onde ideias de organização social e de luta por direitos foram semeadas em suas existências. Em Francisco Beltrão, eu e minha irmã nascemos, primeiro ela depois eu, com pouco mais de um ano de diferença. Nascemos em meio a campanhas políticas, reuniões, encontros, muito trabalho, pouco dinheiro e um tanto de esperança.

Fui uma adolescente que viveu o período de ascensão econômica que quase toda a classe trabalhadora brasileira acessou dos meados para o fim dos anos 2000. Quando me formei no ensino médio, comecei a despertar interesse pela agroecologia e pela cultura popular. Respondendo as minhas inquietações para descobrir outros Brasis, que não aquele predominantemente euro-centrado do sul do país, me mudei para a cidade de Salvador – BA, onde em meio ao cotidiano de branca trabalhadora pouco qualificada fui compreendendo as questões históricas, econômicas, sociais e raciais que atravessam a realidade brasileira e latino-americana. Sempre achei a vida em Salvador uma grande aula de história e da complexidade racial que atravessa o Brasil.

Ao fim de dois anos vivendo na capital da Bahia, fiz uma viagem que foi determinante para minha formação e para as escolhas que vinha trilhando. Foram três meses percorrendo o litoral baiano conhecendo experiências de agroecologia, agricultura e comunidades tradicionais e de pescadores(as) em intenso aprendizado e diálogo com o povo. Conheci as roças de cacau embaixo da mata atlântica, comi cuscuz de inhame quiçare, bolo de puba assado na folha de bananeira, moqueca de arraia, fiz azeite de dendê no pilão, saí pra maré na catraia de Bina, aprendi a remar, conheci as ruínas da casa dela numa ilha isolada no meio do mato, cozinhei nos fogões de lenha que ficam no terreiro das casas e vi no céu tantas estrelas até perder de vista, aprendi as constelações que mudam conforme a estação, escorpião no inverno, órion no verão.

Na sequência se deu um período de muitas andanças e experiências, entre interior do Paraná, interior de Minas Gerais e Uruguai, vivendo majoritariamente no campo, desenvolvendo atividades vinculadas a agroecologia e arte-educação em diversas frentes.

Em 2015, ingressei no curso de Tecnologia em Agroecologia oferecido pela Escola Latino-americana de Agroecologia. Considero esse um divisor de águas na minha vida, ainda que sempre tenha estado próxima à militância e a agroecologia, foi a partir do início do curso e da aproximação com o MST que realmente acessei a formação tanto técnica, quanto política para atuar ativamente na defesa de um outro projeto de sociedade, que passa também pela construção da agroecologia.

A ELAA foi uma das passagens mais importantes da minha história, hoje com certo distanciamento posso perceber isso mais nitidamente. Foram muitos anos, entre idas e vindas que me atravessaram por completo e colocaram no prumo tanta coisa aqui dentro. Se fecho os olhos posso ver com nitidez a paisagem, as araucárias frondosas, a mata de onde vinham os gritos dos bugios, e aonde nos refugiávamos em muitos momentos. Lembro do casarão, construído ainda no tempo da escravidão e que agora é lugar de formação, de festa e de arte do

povo camponês e trabalhador. As épicas fogueiras do quiosque, as rodas de pandeiro, o velho barreiro, nosso fiel companheiro.

Os sapecos inesquecíveis, e pra quem não conhece, explico: outono-inverno é época de pinhão, as pinhas caem das araucárias e nós costumamos coletar o pinhão sob a mata, no dialeto paranaense isso se chama campear pinhão. Com a própria folha seca da araucária, que tem um formato peculiar e é conhecida como grimpa, nós fazemos um fogo e espalhamos os pinhões pelo meio, o tempo é perfeito, a grimpa termina de queimar e o pinhão tá no ponto de comer, sapecado e delicioso!

Vejo também a agrofloresta, nosso local de aprendizado, experiência, trabalho e produção de alimento. Durante o curso ela foi tomando forma, se diversificando e ficando mais bonita e produtiva. Plantamos tanta coisa boa!

No assentamento acompanhávamos as famílias em suas unidades produtivas uma vez por semana e também participávamos dos mutirões entre os grupos. Foi um período de muita troca, de um acúmulo de ricas experiências e de aprendizados profundos.

A Turma Abya Yala, essa da qual fiz parte, se formou em 2019. Foi uma festa linda feita por muitas mãos e corações e a partir de então cada um(a) seguiu seu caminho por esses muitos sendeiros da Latino-américa. Eu continuei no Paraná por um tempo, contribuindo no MST em algumas frentes e tocando a vida, me organizando. Hoje vivo na Bahia e estou há quase dois anos somando na Rede de Agroecologia Povos da Mata, onde desenvolvo um trabalho de fortalecimento da agroecologia junto de outros(as) profissionais, agricultores(as), camponeses(as), assentados(as) e quilombolas, seguimos em movimento e em luta.

Em 2020 iniciei o mestrado profissional em educação do campo. Foi um sonho bonito que se tornou realidade, não da forma esperada, mas sem perder a potência. Nossa turma foi marcada pela pandemia do COVID-19, tivemos exatamente dois dias de encontros presenciais antes de que se desse início ao período de distanciamento social, que atravessou nossos dias e sacudiu as estruturas de toda a organização da sociedade. Ainda que sob essas condições, encontrei muita riqueza nas aulas do programa, muitas lacunas que haviam ficado da graduação foram sendo preenchidas, assim como outras cadeias de pensamentos foram se formando.

A ideia de pesquisar a ELAA e a Turma Abya Yala foi crescendo enquanto o curso acontecia. Meu projeto inicial não era esse, mas fomos estimulados(as) pelos(as) professores(as) a mudar nossa direção caso fosse necessário diante das possibilidades de se fazer pesquisa acadêmica, com toda a dinâmica alterada pela pandemia. Nas minhas reflexões fui me dando conta da potência desse projeto, a ELAA já foi tema de diversas pesquisas, muita gente investigou sua estrutura, sua história, seus limites e contradições e ao me deparar com

todos esses trabalhos, assim como no contato com minhas e meus colegas egressas(os), eu fui percebendo que um aspecto muito importante desse processo formativo pouco foi abordado. Na verdade, se trata daquilo que vem depois da formação e o motivo pela qual ela existe, minha pesquisa procura investigar o alcance do curso de Tecnologia em Agroecologia na territorialização da Agroecologia na América Latina.

A ELAA foi o a primeira instituição brasileira a oferecer um curso de nível superior em Agroecologia, se destacam entre os objetivos da consolidação do curso a necessidade de formação técnica e política entre agricultoras(es) e militantes dos movimentos sociais camponeses que possam fomentar a transição agroecológica em seus territórios. Nesse trabalho, procuro sistematizar como os(as) egressos(as) da Turma Abya Yala avaliam o processo de formação e como tem atuado no fortalecimento da Agroecologia em suas comunidades e movimentos de origem ou em outros territórios em que estejam inseridos(as).



## 2. AGROECOLOGIA E A ESCOLA LATINO AMERICANA DE AGROECOLOGIA

A educação do campo e a agroecologia coexistem em uma relação intrínseca, segundo Silva e Miranda (2015, p. 1) “(...) correspondem à mesma matriz histórica social, constituindo esses movimentos campos de conhecimentos que têm em comum a luta pela terra; protagonismo dos movimentos sociais; outra concepção de educação, de desenvolvimento de campo e sociedade.”.

A primeira é uma conquista atual advinda das lutas dos movimentos sociais do campo pelo direito constitucional à educação que, historicamente, foi negado aos povos camponeses. Nesse sentido, essa educação tem sido pensada e projetada pelos próprios sujeitos do campo para contemplar as(os) estudantes de forma adequada, em suas localidades de origem ou nas proximidades, com temáticas que refletem o cotidiano rural, que dialogam com a realidade vivenciada nas comunidades, promovendo uma identificação positiva e o sentido de pertencimento à cultura camponesa.

A agroecologia, por sua vez, tem sido adotada por parte do campesinato, especialmente aqueles setores que se organizam enquanto sujeitos políticos ativos, como proposta de um novo modo de vida no campo. Uma junção de saberes tradicionais aliados ao conhecimento científico, voltados ao manejo de agroecossistemas complexos, com centralidade nos seres-humanos e suas especificidades e constitutivamente de teor sócio-político ao propor uma mudança de paradigma do intrincado sistema alimentar, em oposição ao modelo predatório do agronegócio, que tem suas bases na Revolução Verde.

A introdução em larga escala, a partir da década de 1950, em muitos países do mundo, inclusive no Brasil, de variedades modernas de alta produtividade agrícola foi denominada Revolução Verde. Esse ciclo de inovações, cujo objetivo foi intensificar a oferta de alimentos, iniciou-se com os avanços tecnológicos do pós-guerra, com um programa de valorização do aumento da produtividade agrícola por meio de uma tecnologia de controle da natureza de base científico-industrial, a fim de solucionar a fome no mundo, visto que na época se considerava a pobreza, e principalmente a fome como um problema de produção. (CALDART et al., 2012, p. 687).

A Via Campesina é uma organização global que reúne movimentos sociais camponeses de mais de 80 países ao redor do mundo, pautando a reforma agrária, o direito à terra, a soberania alimentar, a educação camponesa e a agroecologia enquanto novo modelo produtivo bem como uma alternativa de organização social e política. Nesse sentido, visando a territorialização da agroecologia, um conjunto de estratégias é adotado. Segundo Troilo e Araújo (2017, p. 304):

A construção da educação em agroecologia tanto em nosso país quanto no continente latino-americano tornou-se uma demanda política firmada em compromisso por movimentos camponeses de todo o continente, integrados à articulação internacional

La Via Campesina. Ao tomar a construção do modelo da agroecologia como projeto internacional, na construção da soberania alimentar dos povos, os movimentos sociais que compõem esta articulação dão o tom de centralidade política à mesma, criando uma agenda que passou a guiar as estratégias de luta contra-hegemônica na produção de alimentos. A formação de profissionais e a produção de conhecimento e tecnologia foi uma das primeiras demandas a serem cumpridas desta agenda. Para tanto a Via Campesina passa a articular a criação de espaços educativos para inserir a formação em agroecologia na educação dos camponeses em todas as nações latino-americanas.

Nesse conjunto de estratégias está inserida a construção e manutenção de centros de formação que possam capacitar militantes camponeses(as) que atuem como propulsores da agroecologia em suas comunidades e regiões e que também possam disputar o campo epistêmico na construção de uma ciência popular.

As escolas e os institutos de agroecologia vinculados à LVC e à CLOC exercem um papel estratégico, seja na formação desse sujeito histórico-político, como também na mediação pedagógica das metodologias de transmissão de conhecimento e no diálogo de saberes que atravessa a territorialização da agroecologia. (Rosset - 2012, p.12)

A Escola Latino-americana de Agroecologia figura nesse contexto, enquanto espaço formativo para a classe trabalhadora e camponesa e dá o pontapé inicial na formação em agroecologia de nível superior no Brasil, atendendo também educandas(os) oriundas(os) de diversos países da América Latina. O desafio que está posto as(aos) egressas(os) do curso é que retornem aos territórios, comunidades e movimentos de origem enquanto técnicas(os)-pedagogas(os)-militantes que sejam capazes de potencializar e acompanhar experiências agroecológicas ou de transição, assim como enriquecer e fomentar o debate político da agroecologia nos respectivos contextos locais.

Nesse sentido o objetivo geral dessa pesquisa foi investigar como têm se desenvolvido as atividades das(os) egressas(os) do curso de Tecnologia em Agroecologia no retorno aos seus territórios, comunidades e movimentos, fazendo o recorte da Turma Abya Yala, formada em 2019. Para tal tem-se como objetivos específicos: a) Contextualizar a ELAA: história e dinâmica; b) Sistematizar as avaliações sobre o curso e as experiências de Agroecologia desenvolvidas pelos(as) egressos(as); C) Apontar os avanços e desafios do processo de territorialização da agroecologia a partir da educação do campo.

Para tanto a metodologia utilizada se baseou em três eixos principais, uma pesquisa bibliográfica prévia, investigando o contexto da agroecologia e da educação do campo e a maneira como interagem e se sobrepõem, assim como uma análise nos trabalhos de pesquisa já realizados na ELAA. Posteriormente foram feitas 13 (treze) entrevistas semiestruturadas via zoom em dois períodos distintos, sendo as quatro primeiras no mês de março de 2021 e as nove últimas entre agosto e outubro de 2022. A escolha dos(as) entrevistados(as) aconteceu pelo critério disponibilidade dos(as) egressos(as) seguida da distribuição geográfica, finalmente foi

realizada a transcrição, análise e categorização dos trechos das entrevistas para compor esse relatório.

As entrevistas semiestruturadas se basearam no seguinte roteiro: a) Nome, cidade, movimento, ocupação; b) A relação com a agroecologia antes do ingresso no curso; c) Os aspectos mais marcantes da formação; d) Avaliação dos aspectos técnico e político; e) Pedagogia da Alternância – limites e potencialidades; f) Avaliação sobre a capacidade do curso instrumentalizar para a territorialização da agroecologia; g) Relatos das experiências pós-formação.

Assim sendo, o(a) leitor(a) vai encontrar a seguinte estrutura na organização desse relatório de pesquisa, o capítulo que se segue intitulado “INTERSEÇÕES ENTRE AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO” onde procuro trazer o referencial teórico e um panorama geral dessas duas bandeiras de luta, no capítulo seguinte apresento a(o) leitor(a) a Escola Latino-Americana de Agroecologia e as suas práticas pedagógicas, aqui já há bastante diálogo com os(as) entrevistados(as) trazendo suas percepções sobre o processo formativo. Seguindo encontra-se a apresentação da turma Abya Yala com algumas avaliações a respeito de dois eixos principais da formação – a política e a técnica. Em “HISTÓRIAS DE VIDA E AGROECOLOGIA” apresento três temáticas principais que se destacaram na sistematização das entrevistas no que se refere as realidades e perspectivas que os(as) egressos(as) se depararam na atuação profissional, quais sejam as situações de conflito que deflagram a condição política e social da América Latina, a agroecologia sob uma perspectiva de gênero e o potencial das experiências educativas em agroecologia. Finalmente chegamos aos relatos dos(as) egressos(as) onde é possível conhecer um pouco mais da história de cada um(a) e como está sendo a atividade profissional desde o fim do curso na ELAA. Na conclusão são abordadas as considerações finais apontando desafios e avanços no ensino e na territorialização da agroecologia.



### 3. INTERSEÇÕES ENTRE AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ao mesmo tempo em que se acentuam as crises de cunho ambiental, social e econômico a cultura camponesa, no Brasil e em todo o globo têm sido alvo de importantes violações. Isso não acontece simplesmente pelo avanço da modernização em nível mundial, muito pelo contrário, carece-se de tecnologias apropriadas às pequenas unidades produtivas diversificadas e agroecológicas, que muito auxiliariam os trabalhadores e as trabalhadoras do campo. Segundo Da Silva (2014) O que está em andamento é um projeto para dizimar os povos camponeses e sua maneira de ser, viver e produzir.

Além de acelerar o processo clássico de diferenciação do campesinato, “espremendo” os camponeses entre as indústrias produtoras de insumos e as agroindústrias que se utilizam de suas matérias-primas, os modelos de produção e tecnológico dominantes oferecem hoje um horizonte que pode, enfim, pôr em questão a permanência do camponês, concluindo assim o processo de separação dos produtores diretos de suas condições de produção. (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 60).

No entanto, o campesinato, em suas diversas formas de existir, resiste aos processos de violência e colonização que se sobrepõem ao longo da história. Para tanto, se articula em distintos, mas não divergentes campos de luta, que constroem a pauta principal - o projeto popular para o campo. O tema abordado na presente pesquisa traz à tona dois desses campos, que são pilares na luta dos povos camponeses: a agroecologia e a educação do campo.

A agroecologia é um termo que tem sido amplamente difundido e que apresenta diferentes conceituações a depender do contexto. Sua indefinição e suas multidimensões, ainda que descortinem fragilidades conceituais, reforçam seu caráter holístico, sistêmico e de intensa complexidade. Schmidt (2018, p. 124) afirma que “Embora a agroecologia como uma ciência tenha evoluído de forma significativa e as definições tenham se articulado, uma grande diversidade ainda é encontrada em abordagens e definições em diferentes países e regiões do mundo.”.

Dessa forma, pode-se tratar então de agroecologias, assumindo a pluralidade inegável desse conceito. Enquanto ciência a agroecologia aparece, no Brasil, abarcando aquelas que antes eram designadas por agriculturas alternativas, mas, para além das ciências agrárias, inclui também as ciências naturais e as ciências humanas.

A agroecologia procura reunir e organizar contribuições de diversas Ciências Naturais e Sociais. Sem descartar os conhecimentos já gerados, procura incorporá-los dentro de uma lógica integradora e mais abrangente que a apresentada pelas disciplinas isoladas. (NOORGARD, 1989, p. 25).

A centralidade no ser humano e na sua relação com o agroecossistema é praticamente uníssona nas diferentes vertentes da agroecologia. Os(as) agricultores(as) têm, portanto,

protagonismo na construção da agroecologia, visto que os agroecossistemas manejados ao longo dos séculos pelas comunidades camponesas tradicionais são o foco das sistematizações agroecológicas acadêmicas. Segundo Noorgard (1989, p.36):

Os agroecologistas são fascinados por sistemas agrícolas que foram desenvolvidos por séculos, nos quais pessoas foram ativamente envolvidas. Os agroecologistas estudam como estas pessoas interagem nesses sistemas e aprendem sobre importantes relações através das explicações dos produtores porquê eles assim cultivam.

E, ainda, Teran (2018, p. 1 *apud* Schmidt 2018, p. 38) ressalta que “A prática agroecológica se baseia no e enfatiza o conhecimento dos agricultores e camponeses e é melhor compreendida não como um conjunto de receitas, mas como princípios aplicados de acordo com a realidade única de cada agricultor.”.

No caminho entre a ciência e a prática a agroecologia pode ser entendida como uma matriz produtiva. Em se tratando de técnica, ela orienta o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis nas mais variadas condições. Norgaard (1989) sustenta que ela oferece princípios para a consolidação de formas de agricultura de base ecológica.

Para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável e produtiva, a agroecologia orienta práticas de: aproveitamento da energia solar através da fotossíntese; manejo do solo como um organismo vivo; manejo de processos ecológicos – como sucessão vegetal, ciclos minerais e relações predador–praga; cultivos múltiplos e sua associação com espécies silvestres, de modo a elevar a biodiversidade dos agroecossistemas; e ciclagem da biomassa incluindo os resíduos urbanos. (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 63).

E, por fim, é importante destacar que a agroecologia tem representado um movimento, que reúne camponeses(as), técnicos(as) acadêmicos(as) e pessoas do meio urbano preocupadas em recuperar os ecossistemas degradados pela agricultura moderna extensiva, bem como assegurar uma vida digna às populações que são vítimas do modelo predatório do agronegócio.

É dessa maneira que a reprodução social dos camponeses passa a exigir uma mudança na maneira de produzir, motivando experiências de resistência ao modelo do agronegócio. Paralelamente, as consequências ambientais desastrosas desse modelo e sua cada vez mais evidente insustentabilidade acabaram levando à confluência entre os interesses dos camponeses e de pesquisadores da área. (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 60).

Segundo Faria (2021) o movimento agroecológico no Brasil não nasce instituído, mas sim está em contínuo processo de construção e movimento. A mesma autora afirma que esse processo se dá principalmente a partir da resistência ao modelo agrícola convencional e a estrutura fundiária, baseada nos grandes latifúndios e na concentração de terra.

(...) o movimento agroecológico brasileiro vai se constituindo a partir e através de uma permanente busca por caminhos de resistência. A cada resistência, uma afirmação. Da resistência na terra, emerge a afirmação do potencial produtivo da agricultura familiar. Da resistência ao modelo tecnológico agroquímico, emerge uma nova matriz tecnológica de base agroecológica. Da crítica à imposição de verdades

científicas ou populares, a troca de saberes. E, por fim, da invisibilização sócio-histórica do rural, a afirmação política do potencial econômico, social, ambiental e humano de um desenvolvimento fundamentado na agricultura familiar. (FARIA, 2021 p.65).

Os movimentos sociais camponeses, em especial àqueles vinculados a Via Campesina adotaram a agroecologia como bandeira de luta e apostam nela como um novo projeto para o campo capaz de conferir regeneração e conservação de biomas e ecossistemas, autonomia, relações horizontais, valorização dos saberes empíricos e o restabelecimento da cultura camponesa. Nessa direção, é urgente pensar estratégias de difusão e construção popular da agroecologia nos territórios camponeses.

Os movimentos sociais do campo, principalmente o MST, geraram um acúmulo de experiências, práticas, conhecimentos e unidade política em torno do modelo da agroecologia no período recente, sendo que tornou-se extremamente necessário traduzir este processo para o campo da educação. Deste modo a educação em agroecologia vem sendo um dos investimentos centrais da sustentação do modelo da agroecologia. (Araújo e Troilo p. 303)

No que se refere ao Movimento dos Trabalhadores(as) Rurais Sem Terra – MST, é importante considerar que a agroecologia não estava na pauta do movimento desde o início. Em um primeiro momento o MST experimentou inserir em suas áreas um modelo produtivista e cooperativista, com o fracasso desse modelo o movimento adota a agroecologia e passa a difundir-la em seus territórios.

Por uma série de motivos (...) que impediram que a maioria da base social do MST aderisse ao projeto, mas também devido à intervenção do Estado, incompetência gerencial e estratégica, além de condições macroeconômicas, muitas das CPAs entraram em crise, evidenciando a inviabilidade prática desse projeto. Em relação ao aspecto produtivo, esse modelo se baseava exclusivamente nas proposições da Revolução Verde, fato que levou os assentados a dependerem do mercado para aquisição de todos os insumos necessários à produção agrícola. Ademais, como produziam majoritariamente commodities para o mercado, também ficaram na dependência dos oligopsônios agroindustriais em relação aos preços auferidos por sua produção. Paradoxalmente, o MST difundiu em seus assentamentos um modelo de produção que tinha sido a causa da expropriação dos camponeses em um momento anterior. É certo que este modelo tinha incorporado novas dimensões, como a coletivização e sistematização do trabalho, bem como a divisão social do capital com vistas a suplantarem os problemas anteriores; porém, os agricultores continuaram dependendo do mercado, tanto para a aquisição dos bens para produção quanto para a comercialização de suas mercadorias, fato que levou os assentados a ficarem reféns de conjunturas que não estavam sob o seu controle. Também é certo que os princípios preconizados pelas teorias de Marx, Lênin e Kautsky, quando transformados em práxis pelo MST, não se confirmaram. As CPAs, salvo exceções, não viraram modelos de sucesso a serem seguidos, pelo contrário, criaram nos assentados um forte sentimento de resistência a este projeto cooperativista. Não obstante, a maior parte dos agricultores dos assentamentos, apesar da falta de um projeto de desenvolvimento, continuou a (sobre) viver como assentados, adotando outras estratégias de sobrevivência. Com a falência desse modelo, o Movimento se viu órfão de diretrizes teóricas e políticas que subsidiassem suas ações em relação à organização dos assentamentos. O MST precisou buscar novos aportes teóricos e, mais enfaticamente,

estabelecer novas práticas para continuar o seu trabalho. O cooperativismo continua sendo um dos eixos principais nos debates do Movimento, porém, agora, de forma mais flexível e democrática, com a consideração e valorização das especificidades locais. (BORSATTO E DO CARMO, p. 655).

A educação do campo cumpre importante papel na construção da agroecologia, como anteriormente citado, ambas pertencem a uma mesma matriz histórica social e caminham no sentido da construção do projeto popular para o campo, passando pela retomada da importância do conhecimento empírico acumulado pelas populações camponesas, bem como o protagonismo dos sujeitos do campo na consolidação de uma educação adequada ao campesinato.

Segundo Caldart *et al* (2012, p. 259) “A Educação do Campo nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.” Pensada dessa forma ela é essencialmente complexa, tendo em vista que os interesses sociais das comunidades camponesas são, paradoxalmente, específicos e bastante amplos de modo que todo esse universo é colocado em pauta para a construção de uma educação emancipatória para o povo camponês.

Temos uma preocupação prioritária com a escolarização da população do campo. Mas, para nós, a educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Nesse sentido, educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social. (KOLLING, CERIOLI e CALDART, 2002, p. 19).

A educação do campo reivindica, portanto, um sem número de anseios do povo camponês, e deflagra um processo sociocultural de estreita relação com a valorização das experiências culturais, a matriz produtiva, os saberes empíricos historicamente acumulados e os processos de luta que são parte da sua constituição. (SILVA, 2015). Nessa direção, educação do campo e agroecologia se cruzam e se somam, ao proporem uma construção social desvinculada da lógica capitalista, contribuindo para a emancipação humana dos sujeitos que compõem essa realidade.

A Escola Latino Americana de Agroecologia desde 2005 desenvolve atividades que partem dessa convergência e irradia uma experiência em formação agroecológica, com raio de proporções continentais.

#### 4. A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE AGROECOLOGIA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A ELAA nasceu em 2005 e é fruto de articulação da Via Campesina formalizada em uma parceria firmada entre o Governo Estadual do Paraná e o Governo Venezuelano, acordo que previa também a construção de um centro de formação de agroecologia na Venezuela, materializado um ano mais tarde no Instituto de Agroecologia Latino-Americano Paulo Freire.

Os dois formam parte da rede de IALA's - Institutos de Agroecologia Latino-Americanos que inclui também o IALA Guaraní, no Paraguai; o IALA Sembradoras de Esperanza, no Chile; o IALA María Caño, na Colômbia; a Universidad Nacional Indígena Campesina SURI (UNICAM), na Argentina; o IALA Amazônico, no Pará/BR; a Escuela Nacional de Agroecología, no Equador; e outras experiências mais recentes como o IALA Centro América, em Nicarágua e o IALA Haiti. A criação desses centros formativos se dá na medida que os movimentos sociais camponeses organizados adotam a agroecologia enquanto bandeira de luta e traçam estratégias para a massificação das práticas agroecológicas em seus territórios ao mesmo tempo que se orientam para a integração latino-americana.

No processo de escolarização dos IALAs, os princípios gerais que orientam suas práticas políticas-pedagógicas são: o trabalho como princípio pedagógico e a práxis, que se estabelecem especialmente na relação dos tempos-comunidade e tempos-escola, pela Pedagogia da Alternância; a organicidade que, assim como nos movimentos sociais, permitem a participação do coletivo estudantil na construção do político, do pedagógico, do social e do produtivo da escola; e o internacionalismo, que busca, através do intercâmbio de práticas, ações e participação de estudantes e militantes de diferentes países, unificar e fortalecer a luta dos movimentos sociais populares do campo (LA VIA CAMPESINA, 2015, p. 5)

Eu acho que esses instrumentos como a ELAA, como os IALA's, que são as propostas da Via Campesina são fundamentais, para construir essa militância, eu acho que cada território, cada região, cada estado tinha que ter um instrumento desse para formar nossa militância. (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-22)

O formato do curso ele já direciona para isso, para essa formação, já deixa evidente essa intencionalidade, também por conta da escola fazer parte dessa rede dos institutos de agroecologia latino-americano (IALAS). Porque aí é bem direcionado para essa formação, uma formação para inserção mesmo nas comunidades, uma inserção militante, não só para a parte estritamente técnica. Acabou que o curso ele vai lá pra esse lado da dimensão mais política da agroecologia. (Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22)

No Brasil, a ELAA foi pioneira dos cursos de nível superior em Agroecologia, amparada pelo Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – PRONERA. O consórcio se deu com a então Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná - UFPR e foi transferido, anos mais tarde para o Instituto Federal do Paraná - IFPR Campus Campo Largo. Ao longo do processo o projeto político pedagógico do curso sofreu algumas alterações, mas segue

essencialmente mantendo a proposta inicial da formação agroecológica sob uma perspectiva sistêmica e com forte apelo político pautado pelos movimentos sociais, sendo a coordenação sempre compartilhada entre a instituição parceira e a Via Campesina, com destaque para o MST, que abriga o espaço físico da ELAA no Assentamento do Contestado, município da Lapa – PR.

O objetivo geral do Curso de Tecnologia em Agroecologia é contribuir na formação política, humana e técnica em agroecologia, de jovens camponeses da América Latina, para que estes aprimorem a capacidade de pesquisa e reflexão sobre a realidade onde estão inseridos, para que contribuam na orientação e na promoção da reconstrução ecológica da agricultura, na geração de formas sociais de cooperação no trabalho e na construção de um novo projeto de sociedade. (TARDIN, 2014, p. 27).

Desde a fundação até o momento, a ELAA formou quatro turmas de Agroecologia: Mata Atlântica, Semente Latina, Resistência Camponesa e Abya Yala, totalizando aproximadamente 165 egressos(as). Atualmente a V Turma está em processo de formação.

#### 4.1 O PRONERA

O curso de Tecnologia em Agroecologia da ELAA se viabiliza pelo PRONERA, o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária, uma política educacional estabelecida a partir de 1998, que é fruto da mobilização e da luta dos sujeitos coletivos do campo. Desde então, trabalhadoras(es) camponesas(es), aos milhares, vem tendo a oportunidade de acessar a educação em diversos níveis, um avanço histórico para o campesinato brasileiro.

O programa, que foi instituído por meio do Decreto Presidencial nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 como integrante da Política de Educação do Campo promove o acesso à educação de qualidade em consonância com as especificidades do povo do campo, considerando suas diversidades.

É o direito à diversidade contrapondo-se à uniformidade do direito. Nesta perspectiva, o PRONERA institui uma nova concepção de política pública, que se constrói não com sujeitos isolados, mas com sujeitos concretos, territorializados, sujeitos coletivos de direitos, capazes de instituir novos direitos e de universalizá-los a partir da sua concretude. E a sua concretude é a diversidade. (SANTOS *et al*, 2010 p. 25).

Os recursos disponibilizados para a manutenção da escola que chegam através nas bolsas do PRONERA, cobrem parcialmente os custos de alimentação e manutenção de espaços, visto que recursos destinados a 40 alunos via PRONERA, são compartilhados entre a totalidade da turma que se aproxima de 60 pessoas, incluindo as 20 vagas para internacionalista, para os quais nunca se logrou acessar um recurso próprio.

No diálogo estabelecido com os(as) egressos(as) essa reflexão da inclusão surge quando ao olharem para a própria história e de seus pares conseguem perceber suas expectativas relacionadas a um modelo educacional e uma estrutura social que convencionou a marginalização dos jovens camponeses.

“É importante ressaltar que quando você começa a ter contato com a luta, começa a entender o formato da educação burguesa que nos é apresentado desde pequenininho, até se concluir ensino médio, eu fui perdendo a vontade de estudar, de fazer uma faculdade. Porque na minha cabeça estudar significava a saída do meu território, sair da minha casa, sair da minha cidade, do meu sítio e ter que ir para a cidade e me formar em qualquer coisa que fosse também me tirar do campo. Então, a concepção que eu tinha até então era essa, porque eu não tinha tido contato com esses outros modelos de educação, por mais que a gente discutisse que tinha que ter outros modelos de educação, eu nunca tinha tido contato real com alguma experiência dessa. Eu, na minha cabeça, eu tinha desistido, eu não queria fazer faculdade, eu queria ingressar na militância, cuidar do meu lote, cuidar do meu sítio.” (Tiago Paiva, entrevistado em 15-08-22)

“Aí eu estava em casa e fui avisado que abriu vaga pro curso de tecnólogo em agroecologia, então eu pensei, mano não tenho nada a perder, qual que é a chance de um cara como eu fazer faculdade, é muito pequena. Tinha lá na convocação qual que era o esquema, que eu precisaria arcar com os custos da viagem, isso eu tinha condição de fazer, o que eu tinha a perder? Literalmente nada, então eu fui e deu no que deu, tamo aí até hoje. Mas no fundo assim, eu não tinha encontrado o meu lugar no mundo até aquele momento. Sabe quando você está perdido sem saber o que fazer, aquele caos depois que sai do ensino médio e não tem uma perspectiva, a maioria dos jovens pobres do campo não tem essa perspectiva de sair do ensino médio, fazer uma faculdade e seguir no campo, não tem uma parada que você consiga falar: é isso que eu vou seguir pra minha vida, você fica meio solto, onde bater o vento é onde você vai parar.” (Valmir Fernandes, entrevistado em 31-03-21)

## 4.2 A Pedagogia da Alternância

A Pedagogia da Alternância é presente na Educação do Campo brasileira desde 1968, especialmente nas Escolas Famílias Agrícolas que se baseiam nessa dinâmica para possibilitar o acesso à escola das(os) filhas(os) de agricultoras(os) camponesas(es), promovendo assim a democratização da educação, visto que questões como transporte, logística e longas distâncias sempre foram impeditivos para que populações camponesas acompanhassem o sistema escolar convencional, de frequência diária. Segundo o texto da Proposta de Regulamentação da Pedagogia da Alternância (2020, p.2):

A Pedagogia da Alternância pode ser uma resposta aos problemas enfrentados por comunidades do campo, do cerrado, das florestas, indígenas, quilombolas e comunidades e povos tradicionais, que apresentam reduzidos números de alunos, constante ausência de alimentação escolar (muitas vezes única alimentação diária da criança), ausência ou precário sistema de transporte escolar e não escolar, situações estas que muitas vezes causam suspensão de aulas ou mesmo fechamento de escolas, prejudicando o desenvolvimento educacional dos alunos. A Pedagogia da Alternância possibilita pensar processos educativos inovadores no atendimento às crianças de

comunidades remotas, inclusive com escolas itinerantes ou professores/as itinerantes, em que a escola é o/a professor/a que vão até ao aluno.

Na ELAA a pedagogia da alternância toma a forma necessária para a formação em nível superior de jovens e adultas(os) camponesas(es) oriundas(os) de diferentes localidades do Brasil e América Latina. A dinâmica se estabelece em dois tempos formativos por semestre: O Tempo Escola (TE) e o Tempo Comunidade (TC), sendo o último complementar ao primeiro.

“Eu acho fundamental essas pedagogias para formar a militância, sabe? Porque assim, de outra forma, é muito mais complexo. Numa proposta de universidade convencional, onde é preciso ir todos os dias, regularmente, de horário tal ao horário tal. Assim, a dinâmica dos movimentos sociais é muito complexa. Então, você não consegue dar conta de fazer isso, é uma questão muito complexa, então para mim foi fundamental ter a pedagogia da alternância para me formar. É um período que eu estava ali sem tarefa, a minha tarefa era estudar, ficar 3 meses ali comprometido com aquilo, para quem está na militância cotidiana dos movimentos sociais, se não for desse jeito assim, não rola, sabe? Não rola. A geografia, eu abandonei, porque não era essa metodologia. Tinha que ir lá na universidade todos os dias e tinha dia que eu simplesmente não podia porque eu tava com a tarefa do meu dia a dia. É muito mais difícil de organizar. Muito mais difícil, muito mais difícil. Então, a ELAA como uma escola que se propõem a formar militantes sociais ela só cumpre esse papel através da pedagogia da alternância.” (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-22)

“(...)acho super importante assim, esse formato do processo de formação, essa divisão entre tempo escola e tempo comunidade. A gente tem muito a ganhar, quem tem a oportunidade de estudar nesse formato, acaba tendo uma formação bem mais abrangente, mais qualificada. Porque acaba que a gente, seguindo aquele mesmo ritmo permanente, não é do tempo escola durante um ano inteiro você acaba que já vai desmotivando. Aí essa quebra, essa divisão entre o tempo escola e o tempo comunidade acaba dinamizando, acho que ficou bem interessante a formação, porque faz essa junção entre o que a gente estuda como teoria e prática no tempo escola, mas o que a gente aprofunda como prática num tempo comunidade. (Ana Karoline Dias, entrevista em 17-08-22)

“Relacionado a pedagogia da alternância, eu acredito que às vezes numa graduação, por exemplo, numa universidade federal, seja ela no campo da nossa área, da agricultura ou em outra na graduação normal, a gente perde o contato com a nossa comunidade, com o nosso espaço e isso vai moldando o estudante, para aquela visão do que ele tá vendo ali, na sala de aula, no livro, na tela do computador. Já nesse processo da pedagogia da alternância, tem essa oportunidade de estar vendo a teoria e depois investigar a prática, então a gente tem a capacidade de fazer essa ligação, de observar os processos ecológicos que a gente consegue ver no dia a dia no campo, desde acompanhar o cultivo e observar a nutrição, observar o desenvolvimento de doenças nas plantas e tudo isso, são formas da gente estar desenvolvendo um melhor conhecimento. A gente entende que a agroecologia é interdisciplinar, então para além de estudar várias matérias, a gente tem que ter esse processo de observação da agricultura, observação da natureza, toda essa complexidade para a gente conseguir avançar nessa construção. E até mesmo no nosso curso, a gente trazia as questões das nossas comunidades pra debater em sala de aula, isso enriqueceu muito o processo.” (Hudson Vialeto, entrevistado em 25-08-22)

No TE acontecem as aulas presenciais diárias em dois turnos e o coletivo se organiza em uma dinâmica de auto-gestão para dar conta da manutenção dos espaços da escola, assim como das atividades extra que fazem parte das etapas como o círculo de cultura, as noites culturais, o diálogo de saberes, a organização pessoal e os mutirões. Nessa organização está



disposto um complexo arranjo em que as(os) educandas(os) se inserem na Brigada Chico Mendes em que participam também militantes que trabalham na ELAA. As divisões estabelecidas pela Proposta Metodológica - PROMET são os Núcleos de Base, as Equipes e os Setores de Trabalho. Na chegada de uma nova turma, bem como a cada início de etapa a PROMET é estudada e, ao fim do processo, avaliada.

No TC as(os) educandas(os) desenvolvem atividades encaminhadas pelas(os) professoras(es) das disciplinas cursadas naquele semestre e tem a oportunidade de vinculá-las a realidade do seu território, são disponibilizados materiais para as leituras complementares e é estimulada a participação ativa na agenda política do movimento e/ou comunidade de origem. A complexidade de diferentes grupos, tarefas, atividades e reuniões exige uma plena atenção e uma apropriação da proposta para que ela possa ser levada adiante pelas(os) educandas(os).

É rigorosamente necessário ter presente a magnitude desafiadora da ELAA como uma ‘comuna’ embrionária, germinal, onde o fazer educativo é transversal, sistêmico, holístico, omnilateral e permanente que perpassa e conecta o conjunto dos sujeitos sociais conviventes na fluidez da organicidade por meio de uma dada estrutura orgânica que é ajustada segundo as condicionalidades de cada período. (TARDIN, 2014, p. 26)

<b>Descrição dos Tempos Educativos</b>
O <b>Tempo Escola – TE</b> que tem em média 75 dias em que as atividades de formação são organizadas de maneira intensiva em tempo integral, com os educandos-educandas convivendo coletivamente na escola e cumprindo a programação da etapa.
O <b>Tempo Comunidade – TC</b> , período de aproximadamente 90 dias em que os educandos-educandas retornam para suas comunidades de origem com tarefas delegadas pelo curso – estudo dirigido, pesquisas, oficinas, estágios, sistematização de experiências agroecológicas, diálogo de saberes, elaboração de monografia e outros.

Fonte: Relatório Interno da Experiência da Escola Latino-Americana de Agroecologia – ELAA, 2014. Tabela: A autora.

### 4.3 O Trabalho como Princípio Educativo

Na organização presente na estrutura fundamental da ELAA, o trabalho ganha destaque enquanto princípio educativo. As(os) estudantes estão presentes em todos os setores de trabalho da escola e tomam parte efetiva da funcionalidade e gestão, que muitas vezes depende da presença das turmas para que certas atividades sigam ativas. Esse processo vem de encontro as condições materiais presentes na realidade da classe trabalhadora e camponesa. Assim como outras, a Escola Latino-Americana de Agroecologia é fruto de luta, trabalho e resistência cotidiana.

Outra dimensão significativa nas escolas do campo é a lógica do trabalho e da organização coletiva. Ensinar os alunos e a própria organização da escola a trabalharem a partir de coletivos é um relevante mecanismo de formação e aproximação das funções que a escola pode vir a ter nos processos de transformação social. Esta dimensão envolve também as vivências e experiências de resolução e administração de conflitos e diferenças decorrentes das práticas coletivas, gerando aprendizados para as atitudes fora da escola. (FREITAS e SÁ *apud* FREITAS e MOLINA, 2011, p.26).

Então, eu acho que uma das coisas que marcou bastante na minha experiência foi o trabalho coletivo. Então sempre a escola se caracterizou por isso mesmo, uma escola comuna, né? Porque a gente ao chegar lá se sente como em sua casa. Sente essa energia positiva, de uma construção coletiva do que a gente mesmo quer fazer. Porque a gente sente esse espaço, esse lugar como nosso mesmo, foi construído por pessoas como nós, pessoas que tiveram ideias, pessoas que tiveram sonhos, então sentir essa energia da coletividade dos companheiros e das companheiras, o internacionalismo, eu acho que isso marcou bastante, né? Porque ao perceber que a ELAA era um instrumento para nós, pra gente poder usar mesmo e para poder estudar, então eu acho que o marcou foi o trabalho coletivo e o processo da formação que a gente logrou construir todo junto, sempre coletivamente. É um espaço que a gente logrou construir com vontade, com bastante esforço. Não foi uma coisa que caiu do céu, foi na construção coletiva massiva e o mais bonito que foi construído para nós da classe trabalhadora, então isso foi muito motivador para mim ver esse logro coletivo, coisa que aqui no meu país (Paraguai) ainda nós não temos, um espaço de formação acadêmica como esse. (Claudio Diaz, entrevistado em 23-03-21)

Os setores de trabalho presentes na organicidade interna são: cozinha e refeitório, pedagógico, infraestrutura, administrativo e produção. Cada aluna(o) se insere em um desses setores ao início da etapa e se responsabiliza por colaborar no trabalho designado pelo coletivo do setor, o trabalho costuma ser diário e é encaixado em horários matinais, vespertinos ou noturnos a depender da função. A rotina de estudo, trabalho, reuniões e demais atividades demanda um verdadeiro malabarismo para que seja possível cumprir todas as agendas. A seguir uma tabela que discrimina as atividades referentes a cada setor:

<b>Setores de Trabalho e seus objetivos</b>
<b>1-Produção:</b> planejar e implementar a produção agropecuária em bases agroecológicas, atividades de processamento junto ao Setor de Cozinha, e o paisagismo, com vistas a atender as necessidades alimentares e pedagógicas da ELAA.
<b>2- Pedagógico:</b> Planejar, organizar, acompanhar e desenvolver atividades relativas ao curso de Tecnologia em Agroecologia, à educação infantil, à formação dos trabalhadores e as estruturas de apoio pedagógico, para isto está organizado em 5 Frentes: Biblioteca, Ciranda Infantil, Pedagógico, Relatoria e Memória, Comunicação e Cultura.
<b>3-Administrativo:</b> Organizar e executar o planejamento administrativo e financeiro da ELAA, com a elaboração e acompanhamento de projetos; preparo e organização de documentos e controle financeiro; relações externas e internas e gerenciamento do patrimônio e do pessoal.
<b>4-Cozinha e Refeitório:</b> Garantir a provisão e a preparação de alimentos; organização de cardápio; controle de estoques, bem como a manutenção e higiene dos espaços de alimentação.

**5-Infra-Estrutura:** Garantir o desenvolvimento do planejamento estrutural, a organização e manutenção dos espaços coletivos e do patrimônio da ELAA.

Fonte: Relatório Interno da Experiência da Escola Latino-Americana de Agroecologia – ELAA, 2014. Tabela: A autora.

#### 4.4 A Pedagogia Freiriana

Paulo Freire é o patrono da educação brasileira, sua produção e experiência inspiram educadoras(es) ao redor do mundo. Os movimentos sociais, em sua maioria, se pautam em suas elaborações para alavancar processos pedagógicos emancipatórios de caráter popular. As produções do autor, assim como a perspectiva crítica e humanizadora estão presentes desde a primeira até a última etapa, calçando a ideia de educação popular reivindicada pelo curso, segundo Souza (2018):

Apenas o fato de essa formação se dar no espaço de um assentamento de reforma agrária e ser vinculada ao PRONERA não a faz necessariamente uma experiência de educação popular. O que a faz ser uma experiência de educação popular é o fato de ela ser conduzida conforme a pedagogia freiriana nos instiga pensar a Educação como uma educação ideal: do povo para o povo.

O curso da ELAA, além de oferecer o conteúdo necessário a formação tecnológica em agroecologia, procura preparar as(os) educandas(os) para as atividades políticas e educativas em que estejam inseridas(os) ou venham a se inserir em seus territórios, nesse sentido a ideia é formar técnicas(os)-militantes-pedagogas(os) em agroecologia capazes de pensar a si e ao mundo de maneira reflexiva e ao mesmo se aproximando muito da pedagogia crítica freiriana que procura, através da educação, afastar os(as) educandos(as) da alienação.

A educação crítica busca realizar conexões entre as práticas educacionais e culturais e a luta pela justiça social e econômica, direitos humanos e uma sociedade democrática, para que se possa ampliar as compreensões críticas e as práticas libertadoras, com o objetivo de buscar transformações sociais e pessoais. (TEITELBAUM, 2011. Apud VICENTINI & VERÁSTEGUI, p. 36).

Chegando lá eu falei mano, que lugar é esse? que realidade é essa? Era tudo diferente do que eu estava acostumado, no primeiro dia foi um impacto, a partir do terceiro dia eu entendi: é isso que eu quero pra minha vida, é uma coisa que eu nem sei explicar, eu me apaixonei por todo aquele processo. Aqui não tem ninguém mais do que ninguém e ninguém menos, muito diferente da sociedade que eu tava acostumado. Aí que eu comecei a ficar um pouco mais político, comecei a ler um pouco mais leituras que eu nunca tinha visto e então eu comecei a entender um pouco mais desse processo. A etapa preparatória traz muito conteúdo político, histórico, cultural da sociedade, a questão organizativa do MST e de outras organizações que nós mesmos apresentamos lá. (Valmir Fernandes, entrevistado em 31-03-21)

Na formação se destaca a perspectiva freiriana da comunicação. Uma das atividades presentes na agenda semanal e conduzida pelos(as) educandos(as) é o círculo de cultura,

inspirado no conceito de mesmo nome utilizado por Freire em seus programas de alfabetização, que procura congrega a diversa bagagem cultural presente no coletivo e as ricas trocas que podem ser estabelecidas a partir dela.

O livro *Extensão ou Comunicação* conduz as discussões sobre as atividades de campo, desde a formação até o exercício da profissão, através daquilo que se conhece como assistência técnica e extensão rural, mas que a partir da abordagem freiriana se trata da ação pedagógica construída a partir de intensa comunicação e diálogo de saberes com as comunidades acompanhadas.

Na programação das Etapas, que são os períodos de Tempo Escola, a turma passa por processos de avaliação e auto avaliação. Organizados(as) nos Núcleos de Bases - NB e nos Setores de Trabalho, educandos(as) elaboram um documento fazendo uma avaliação de todo o processo formativo incluindo as disciplinas estudadas, os(as) professores(as), as atividades desenvolvidas, a atuação da coordenação político-pedagógica (CPP), os trabalhos executados e também o desempenho de si próprios(as) na dinâmica coletiva, assim como são avaliados(as) pelos(as) companheiros(as) de NB.

Junto a isso também, os nossos processos de crítica e autocrítica que tinha na escola todo fim de semestre. Algo que eu avalio como importante mais no sentido da nossa construção política, construção e desconstrução, da gente tentar se entender melhor a partir disso, o que é bom? O que vale a pena a gente continuar com aquilo e o que a gente tem que rever novamente? (Cleidineide Pereira, entrevistada em 19-08-22)

E a outra coisa importante, que eu acho bem interessante também foi no final de cada etapa as avaliações, porque assim, nós chegávamos e conversávamos, falando das qualidades e também dos defeitos de cada um. Isso nos ajuda a nos conhecer melhor, talvez você não percebe os seus principais defeitos e isso ajuda a melhorar e através desse processo, isso nos ajuda a nos conhecer melhor. (Édio Bernardi, entrevistado em 21-09-22)

Através dessas práticas, que inicialmente pareciam difíceis de executar, justamente pela falta de familiaridade com uma criticidade direcionada a construção de si e do coletivo, a turma Abya Yala foi se constituindo, propondo ajustes e adaptações, pensando temas para serem trabalhados que nos ajudassem a superar questões problemáticas e por fim realmente amadurecendo enquanto grupo, ao passo que cada indivíduo ali também se transformava.

#### 4.5 O Diálogo de Saberes

Enquanto prática profissional, o curso desenvolve o diálogo de saberes que permeia todas as etapas e propõem uma construção coletiva da agroecologia, tanto no território onde

está situada a ELAA - o Assentamento Contestado, como em cada comunidade onde as(os) estudantes vivem e atuam. É uma ação continuada, aprofundada de diálogo, trabalho em conjunto e construção de perspectivas junto das famílias que se inserem no programa.

A agroecologia demanda a experimentação/investigação constante por parte dos sujeitos envolvidos. No Diálogo de Saberes, estimula-se a experimentação pelos camponeses e camponesas, desde as formas mais simples até mais complexas e controladas, entendendo que ela pode motivar novos passos, até um planejamento “desenho” dos agroecossistemas. (TONÁ e GUHUR, 2009, p. 3).

Metodologicamente o Diálogo de Saberes é composto de diversas etapas que vão se dando ao longo de todo o período de formação, inicialmente educandos(as) são organizados(as) em duplas ou trios e passam a acompanhar semanalmente a rotina de uma família assentada. As primeiras interações são de apresentação da proposta de trabalho a ser elaborada com a família. O acordo da escola com o assentamento é que os(as) educandos(as) também auxiliem nas tarefas cotidianas enquanto fazem uma leitura e sistematização daquela realidade. Posteriormente é feita a entrevista do histórico de vida de cada familiar e então o levantamento do inventário, depois passamos para o desenho do agroecossistema e a sistematização dos fluxos de investimentos, trabalho, energia, produção, entre outros.

A partir do material colhido e da vivência com as famílias são elaborados relatórios onde são elencados pontos chave que podem ser trabalhados em uma ação pedagógica no conjunto do assentamento. Ao mesmo tempo que se trabalha o Diálogo de Saberes na própria ELAA ao longo das etapas, essa metodologia é aplicada paralelamente nas comunidades de cada estudante.

Os frutos colhidos são uma vasta elaboração agroecológica advinda das experiências camponesas, das histórias de vida e luta das(os) agricultoras(es) e dos intercâmbios com o conhecimento acadêmico. No entanto, a Turma Abya Yala apresentou alguma resistência na adoção desse método, primeiramente por uma aparente desorganização da dinâmica que na sequência foi compreendida como uma resistência do próprio assentamento, visto que a metodologia estava sendo realizada pela quarta vez no mesmo território, causando uma saturação e uma sobreposição pouco positivas. De todo modo o método foi aprendido pelos(as) alunos(as) que após a formação fizeram os seguintes relatos:

Isso o que ajudou bastante também foi o diálogo de saberes, para mim foi bastante importante nesse aspecto, porque foi a matéria que mais se acercou a realidade de cada comunidade, é que mais se acerca da realidade da pessoa, porque você vai junto com as pessoas e analisa, então você vê os problemas, os limites e as potencialidades que a gente tem, isso é uma arma poderosa para nós usarmos. Eu acho que eu, como pessoa e como um militante para mim foi muito proveitoso porque eu acho que consegui aportar algo na minha organização e também na minha comunidade. (Claudio Diaz, entrevistado em 23-03-21)

Desse processo, eu acho que o que me marcou mais, por mais que no momento parecesse ser ruim, depois eles se torna bom e construtivo, é o diálogo de saberes. Eu acho que é um marco, na verdade, por mais que tenha sido dolorido, mas quando a gente volta, quando encerra esse período aí da formação e a gente volta e vai atuar, a gente percebe assim, como foi construtivo como isso foi importante, eu poderia ter até aproveitado mais. (Cleidineide Pereira, entrevistada em 19-08-22)

Eu vejo assim esse debate acontecendo no dia a dia do acampamento, eu me sinto melhor capacitado para fazer esse debate ali no cotidiano, porque eu estou inserido naquela dinâmica. Um pouco daquele debate que a gente tinha no diálogo de saberes eu acho que é uma metodologia muito boa de fato, pra construir um trabalho sistemático, a partir do cotidiano das relações com as famílias. (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-2022)

Por exemplo, o diálogo de saberes, na época eu fazia e achava interessante o método do Tardin. Aí depois teve o drama da sistematização que muita gente criticou. Eu pensei, isso deve servir para alguma coisa e hoje eu estou usando pra organizar a questão administrativa aqui na roça. (Hudson Vialto, entrevistado em 25-08-22)

Não só o diálogo de saberes, mas também outras propostas do curso foram duramente criticadas durante o período da graduação e mais tarde se mostraram importantes para a atuação profissional dos(as) egressos(as). Nesse sentido, é possível observar que a formação passa também por esse lugar do desconforto, do incômodo, atravessando questões culturais, sociais e pessoais que pela constituição mesmo da sociedade são delicadas, complexas e contraditórias, mas que no seu conjunto objetivam a emancipação humana e a formação de profissionais sensíveis e críticos as variadas condições de opressão que a sociedade capitalista impõem.

#### 4.6 A Pedagogia do Movimento Sem Terra

A pedagogia do movimento orienta os cursos da ELAA através de uma experiência acumulada na vasta trajetória do MST na educação do campo.

Os fundamentos teóricos e metodológicos dos Centros/Escolas de Formação da Via Campesina e MST/PR se vinculam aos princípios filosóficos e pedagógicos da Educação e da Pedagogia do Movimento Sem Terra, cuja sistematização é fruto da reflexão sobre a sua práxis política educativa, a partir de três fontes fundamentais: a Pedagogia Socialista, a Educação Popular e o materialismo histórico dialético. Com base nesses fundamentos, o ser humano é concebido, nos processos de formação, como sujeito histórico e protagonista, que cria e estabelece relações sociais em interlocução com a natureza e com o movimento histórico, dialético e contraditório de seu modo de vida social (LIMA et al, 2012 *apud* TARDIN, 2014, p. 26).

O Projeto Político Pedagógico se baseia, então, nos princípios filosóficos e pedagógicos da educação e da pedagogia do Movimento Sem Terra. Os princípios filosóficos são aqueles que, de forma mais geral, inspiram e subsidiam as escolhas dos princípios pedagógicos, são como substrato, como terra fértil, como adubo para conduzir a elaboração das ações educativas,

são eles: educação para transformação social, educação para o trabalho e a cooperação, educação voltada às várias dimensões da pessoa humana, educação com/para os valores humanistas e socialistas e, por fim, educação como um processo permanente de formação e transformação humana (TARDIN, 2014).

Os princípios pedagógicos tem caráter mais prático e objetivo, procurando transformar em ações aquilo que a filosofia guia, nesse sentido encontramos: relação entre prática e teoria; combinação metodológica entre processos de ensino e de capacitação; a realidade como base da produção do conhecimento; conteúdos formativos socialmente úteis; educação para o trabalho e pelo trabalho; vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos; vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos; vínculo orgânico entre educação e cultura; gestão democrática; auto-organização dos(as) educandos(as); criação de coletivos pedagógicos e a formação permanente dos(as) educadores(as); desenvolvimento de atitude e habilidade de pesquisa; e, por fim, a combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais. (SOUZA, 2018). Nesse sentido os(as) egressos(as) trazem significativas considerações sobre como essa pedagogia aplicada reverberou em suas histórias.

Eu acho que uma das coisas que mais marcou foi essa coisa do andar junto do processo coletivo mesmo, da construção coletiva, tanto de consciência política quanto do conhecimento técnico ali na turma, de absorver os conteúdos, eu nunca fui muito paciente para isso, para esperar os outros, mas a nossa dinâmica passa por isso. É a desconstrução pessoal e a construção, a reconstrução, depois dessa desconstrução pessoal. No início eu tive muita resistência, em relação a isso, de as pessoas dizerem para mim, olha, você precisa mudar isso porque isso está errado, eu tinha muita resistência a isso, eu dizia não, quem está errado é você e eu estou certo. E assim, foi a duras penas que a gente aprendeu que de fato, se duas, três, quatro, cinco ou seis pessoas te dizem a mesma coisa, não é possível que elas estejam erradas e você certo, né? Então esse processo de desconstrução pessoal e de reconstrução junto ao coletivo também marcou bastante a minha caminhada. Posso dizer até que eu consegui evoluir, do que eu era quando eu entrei na turma. Hoje eu sinto que eu sou bem melhor como ser humano. (Tiago Paiva, entrevistado em 15-08-22)

E a nossa formação foi para além disso, não só político, mas como formação humana, né? Que eram as questões que abordavam vários aspectos, desde as noites culturais, as atividades culturais que a gente fazia. Da nossa forma de enxergar a sociedade, eu avalio que o nosso curso, para quem teve essa atenção, teve a condição de avançar muito, inclusive como pessoa, como postura, a partir dos debates, das questões que apareciam, sobre o machismo, a observação do patriarcado mesmo dentro dos nossos espaços. (Hudson Vialto, entrevistado em 25-08-22)

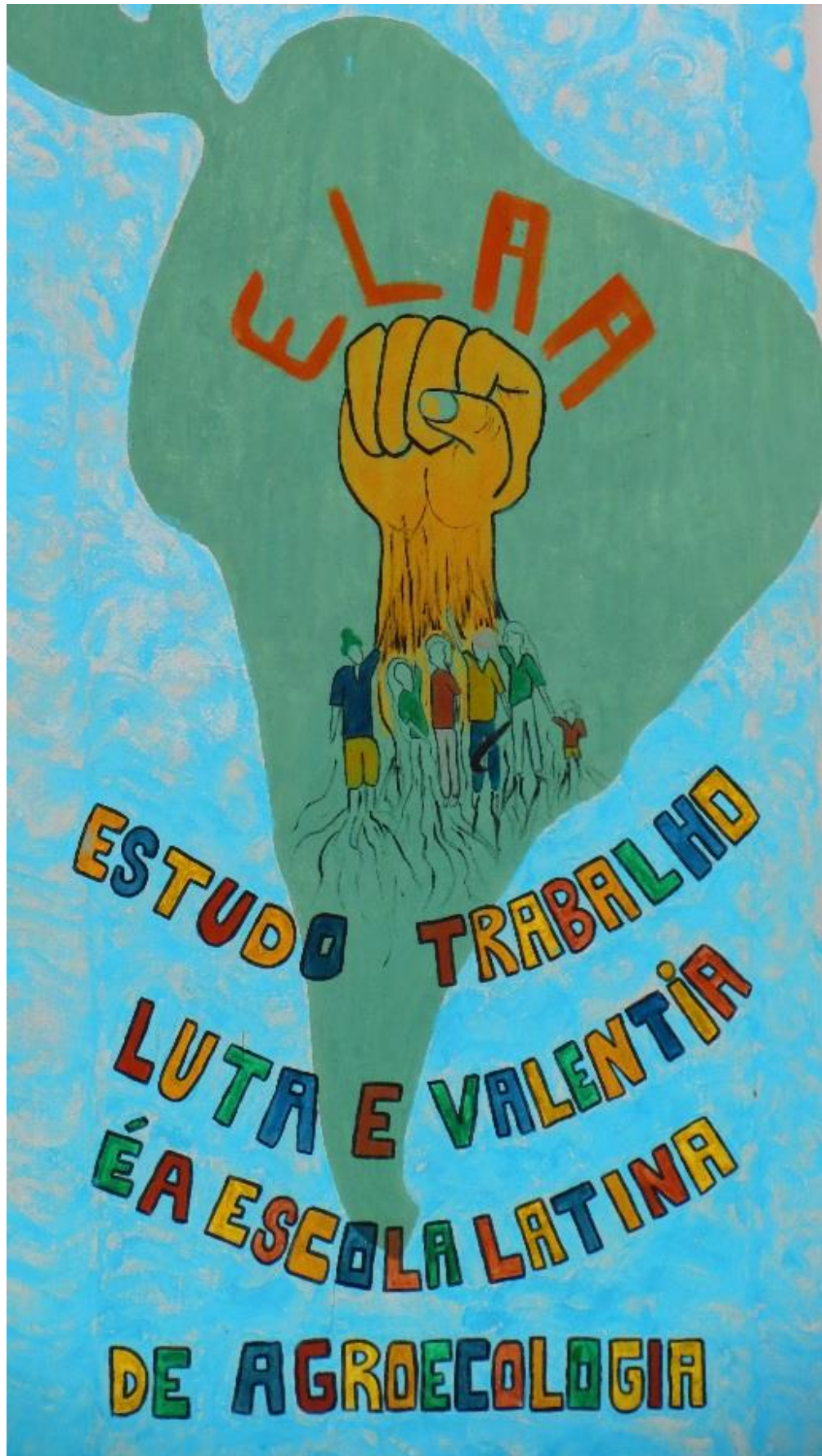
A gente sempre vai pra ELAA com uma visão bastante utópica do processo. Como a nossa imersão na ELAA é muito profunda, o choque também é muito profundo. Quando eu olho pro João Carlos de 2015, eu observo um militante completamente diferente do que sou hoje. Por mais que tenham ficado algumas cicatrizes menores do processo da ELAA, que uma gastrite tenha piorado, que a ansiedade tenha ficado loucura por duas vezes, ainda assim eu olho pro João Carlos de hoje e vejo, nossa, o que amadureceu enquanto processo de organicidade, o quanto eu amadureci dentro da organização. Apesar de todas aquelas coisinhas, que pareciam um leviatã quando a gente tava na ELAA, tem essa coisa que ficou gostosa, meio saudosa, de vez em

quando eu tô tomando um chimarrão e lembro dos rolês. Tem essa quebra de expectativa, pra quem chega tanto de maior contato com movimentos sociais ou não. Então você percebe que as pessoas vão se moldando, você percebe que nesse sentido ela cumpre o seu papel e ela mostra: uma coisa é aquilo que a gente quer fazer e outra coisa é o que a gente dá conta e vamos nos esbarrar com esses choques de realidade. Esse choque de realidade que é tão importante na formação do militante agroecólogo, pedagogo ou da militante agroecóloga, pedagoga. Esse processo, esse choque de realidade, ver que não é bem assim, não é perfeito, tem defeito, tem problema a organização, não funciona do jeito que a gente quer, não é redondinho, tem quina e as quinas cê bate o dedinho do pé, vai doer, vai chorar. Mas a gente depois percebe que se não fosse isso talvez eu não teria essa maturidade que eu tenho hoje. (João Carlos Pereira, entrevistado em 19-03-21)

A ELAA foi um divisor da água pra mim, principalmente foi isso. Acho que a minha vida inteira se baseia no antes da ELAA e agora, depois da ELAA. Por que foi a partir daí que eu me inseri no movimento social que é o MST, minha família também tá inserida agora, eu não era acampado, eu era um sem-terra antes sem saber, hoje tamo acampado, então todos esse processo de eu entrar na ELAA pra mim eu acho que foi uma mudança muito grande. Nós era camponês, só que nós não tinha terra pra plantar, pagava aluguel, e a partir do momento que eu entrei na escola latina, teve toda essa mudança, porque a ELAA me trouxe todos esses aspectos, essa forma de enxergar a sociedade como ela se estrutura, uma visão mais crítica e saber onde eu ia me colocar né, então a partir daí eu tive a coragem ou a audácia de me acampar, então eu entrei de cara no movimento social. (Valmir Fernandes, entrevistado em 31-03-21)

Esses trechos das entrevistas apontam claramente para a potencialidade do curso no sentido da formação humana. Ademais da ruptura da “cerca do latifúndio do conhecimento” em ciências agrárias, o processo social e pedagógico na ELAA corresponde com a práxis transformadora posta em prática pelas organizações e movimentos sociais camponeses articulados na La Via Campesina e CLOC e desde esta vinculação orgânica se orienta por princípios e valores humanistas, ecológicos e socialistas alcançando de forma sistêmica o conjunto da coletividade que convive na escola. Este campo de princípios e valores que orientam e permeiam a práxis social na escola rompe com o elitismo das instituições acadêmicas e a prática anti-dialógica dos profissionais técnicos concretizando-se como uma universidade popular que propõe e exercita a prática do ‘diálogo de saberes’ na convivência social e entre técnicos(as) e camponeses(as). (TARDIN, 2014)





## 5. A TURMA ABYA YALA



A Turma Abya Yala se trata de um coletivo de educandas (os), em sua maioria jovens oriundas (os) de movimentos sociais do campo brasileiros e latino-americanos ligados a Via Campesina. Esse coletivo esteve inserido no Curso de Tecnologia em Agroecologia, sediado na Escola Latino Americana de Agroecologia, no período de 2016 a 2019. A ideia aqui é abordar brevemente os contextos e culturas específicos desses sujeitos. Difícil tarefa visto que se trata de um grupo grande e diverso, ainda que muito se compartilhe, em se tratando da vivência da juventude camponesa latino-americana contemporânea.

Há aqui um intento de introduzir esse ajuntamento de gentes tão diferentes vindas de onze estados brasileiros e mais cinco países da América Latina, provocadas a caminhar numa trilha que, se bem está sendo aberta no presente, refaz passos antigos, sendeiros já percorridos em Abya Yala. Era assim que alguns dos povos originários chamavam a mal nomeada América.

A turma Abya Yala se trata de um coletivo de em média 55 educandos(as). O termo “em média” é utilizado porque o número de alunas(os) foi flutuante durante o processo, da etapa preparatória até a conclusão muita gente passou pela turma. O hiato de quase um ano entre a etapa preparatória e a etapa I fez com que muitos não pudessem retornar, mas em sua maioria as vagas foram preenchidas e a turma se formou com 51 educandas (os), a menor evasão da história da ELAA.

Nesse coletivo estavam representados onze estados brasileiros: Ceará, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rondônia, Mato Grosso, Paraná, Santa

Catarina e Rio Grande do Sul, bem como seis países latino-americanos, quais sejam: República Dominicana, Bolívia, Chile, Paraguai, Argentina e Brasil.

Se por um lado avançou-se no quesito diversidade de territórios, visto que nas turmas anteriores predominaram estudantes da região sul brasileira, a paridade de gênero, mais presente nas demais turmas ficou longe do ideal, com 12 mulheres para 39 homens, o que, infelizmente é muito comum em se tratando de formações mais voltadas a área técnica e a produção dentro dos movimentos sociais. Enquanto as formações em educação e pedagogia são ocupadas massivamente pelas mulheres. Lógica que deve ser questionada, repensada e reformulada em se tratando de um horizonte de emancipação humana.

No âmbito dos movimentos sociais, também houve muita diversidade, eram 16 as organizações presentes na Turma: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Movimento das Mulheres Camponesas – MMC, Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, Pastoral da Juventude Rural – PJR, Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo – CEFURIA, Articulación Nacional Campesina – ANC, Organización de Mujeres Campesinas e Indígenas – CONAMURI, Levante Popular da Juventude, Organização da Luta no Campo - OLC, Confederación Nacional de Mujeres Campesinas Indígenas Originarias de Bolivia - Bartolina Sisa, Movimento dos Pequenos Camponeses – MPC, Consejo Nacional de Productores de Chile – CONAPROCH, Organização de Luta pela Terra – OLT, Sindicato do Trabalhador Rural – STR/SJT, Movimiento Nacional Campesino Indígena MNCI – Argentina e Cooperativa Terra Livre.

Na proposta educativa da ELAA a auto-organização da turma e a manutenção das atividades necessárias ao funcionamento da escola fazem parte do processo formativo, manejando a materialidade das condições de reprodução social da classe trabalhadora e camponesa e partindo da perspectiva do trabalho como princípio formativo segundo a Pedagogia Socialista. Nesse sentido a turma se divide em Núcleos de Base, para estabelecer a cadeia de comunicação e de tomadas de decisões participativas, assim como se insere nos setores de trabalho, espaço esse dividido com as(os) trabalhadoras(es) da Brigada Chico Mendes, militantes majoritariamente do MST que trabalham voluntariamente possibilitando o desenvolvimento das atividades de formação.

A organização do cotidiano da escola com os Núcleos de Base (NB's), os horários estabelecidos para aulas e atividades, os setores de trabalho, e como se deram as escolhas de tarefas, se assemelham muito com uma auto-organização estabelecida pelo MST, o que de certo modo é entendido pelos(as) educandos(as) dos demais movimentos sociais, já que a ELAA está

inserida em um território deste movimento, o que também reforça muito o fato de os militantes do MST serem maioria nos cursos de formação via PRONERA. (SOUZA, p. 104)

No cotidiano do Tempo Escola, as demandas do trabalho acabam não permitindo um maior aprofundamento nos conteúdos trabalhados nas disciplinas. No entanto se avança na construção, experimentação e aprimoramento de espaços coletivos e autônomos protagonizados pelos sujeitos do campo, a partir da inspiração pedagógica freiriana.

É interessante notar que, desde o princípio, a Turma Abya Yala rapidamente se separou em grupos, quase todos relacionados as regiões das quais as(os) educandas(os) eram originárias(os). Mas também alguns que se reuniam por afinidade. Assim os grupos foram se dividindo e, no sentido do convívio social e na defesa de determinadas posturas, essa organização foi bem determinante para a interação da turma.

A despeito dessa separação em nichos, a questão da diversidade cultural e da troca de conhecimentos e experiências entre militantes vindos(as) de diferentes localidades se configura como um dos elementos mais importantes destacados pelos(as) egressos(as) no processo formativo.

“Essa troca de experiência foi muito, muito importante na nossa formação. Eu acho que a questão central ali na ELAA, do debate da agroecologia enquanto um projeto de sociedade para o campo, eu acho que foi muito significativo também, esse diálogo dessa construção nos diferentes movimentos que compõem a Via Campesina, como esses debates se complementam. Por eu ser do MST, eu tenho uma compreensão maior de como esse debate é travado dentro da organização, os limites, os avanços e aí a gente tem isso mais sistematizado em forma de documento, no nosso programa agrário, que é a proposta da reforma agrária popular, que tem a agroecologia como tema central. E aí ter o contato com as formas que os outros movimentos também debatem isso, o MPA, o MAB enfim, os movimentos da Via Campesina, das diferentes perspectivas que os movimentos trazem, eu acho que isso foi muito importante para esse trabalho que eu estou fazendo hoje na unidade pedagógica, eu consigo pensar a agroecologia e trabalhar a agroecologia de uma forma muito mais ampla do que antes.” (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-22)

“De fato, acho que o que fica mais forte assim da nossa formação, é a oportunidade desse intercâmbio cultural e de conhecer experiências de diversas regiões do país e de outros países da América Latina, a diversidade cultural muito grande, acho que foi muito marcante para a nossa formação.” (Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22)

“Citando o aspecto cultural, passa muito por essa diferença de culturas, pessoas ali que tinham um conhecimento técnico e prático muito grande, outras tinham conhecimento prático muito grande, porém não tinham o técnico, outros tinham o técnico, não tinham prático, então, cruzar tudo isso ali na ELAA foi uma experiência muito marcante, essa cruz de conhecimentos, de trazer cada um o seu ponto de vista e o seu ponto de conhecimento. Quando você começa a caminhar junto no processo, você começa a entender que o fato de você estar milhas na frente de outra pessoa, no conhecimento técnico, não significa que na construção coletiva você está a milhas na frente, porque talvez você está no técnico, no prático, não. Às vezes você está no técnico e no prático, mas no político não. Às vezes você tá só no político e nos outros não, é um processo de construção coletiva rico por isso, se não fosse assim, não seria tão rico.” (Tiago Paiva, entrevistado em 15-08-22)

“Para mim foi uma experiência muito importante, tá indo para outra região do país, conhecendo outras realidades, inclusive nossa turma teve essa coisa de ser muito diversa, isso foi bem marcante, até pra gente entender também outras realidades e como que a agroecologia vem sendo construída em cada espaço, quais são as limitações, quais são os pontos fortes de cada local e a gente reúne isso tudo em sala de aula, traz toda essa experiência pro debate.” (Hudson Vialto, entrevistado em 25-08-22)

As falas acima representam um pouco de que tipo de diversidade estamos falando. A primeira nos mostra que, mesmo num campo relativamente mais restrito aos movimentos da via campesina, há diferentes perspectivas em jogo. Representa um desafio e ao mesmo tempo uma rica experiência colocar militantes do MST, do MPA e MAB, de distintas regiões e situações, mas que basicamente possuem uma base relativamente próxima, uma matriz ideológica semelhante, para dialogar. A ELAA proporcionou encontros de militantes de diferentes países, os desafios de estudarmos e trabalharmos com pessoas de perspectivas, experiências e conhecimentos distintos já é uma riqueza em si e a experiência em ter que lidar com essa diversidade nos preparou para outras situações de complexidade ainda maior.

Ao mesmo tempo que a riqueza inerente a uma diversidade cultural tenha sido palpável na vivência da turma Abya Yala, essa mesma diversidade abriu caminho para uma série de conflitos de ordem pessoal e coletiva ao longo dos quatro anos de curso.

Eu não consigo me pensar enquanto ser humano hoje, enquanto indivíduo inserido em uma sociedade sem a agroecologia, e eu não teria essa visão da agroecologia que eu tenho hoje sem a ELAA. Então isso aparece muito forte na minha construção hoje, mas não é o que me vem primeiro quando eu penso na ELAA, o que vem primeiro são aquelas tensões do coletivo, os aprendizados de organicidade da estrutura de luta de classes, que nem todo mundo tem a mesma visão de como ela deve acontecer, mesmo dentro de quadros de liderança. E aí a agroecologia vem e casa esse negócio todo, parece bonito a gente falando assim hoje, mas é difícil quando a gente tá vivendo isso lá, no entanto é essencial para o processo de formação da classe trabalhadora e tomara que isso se reproduza de forma muito mais frequente nos nossos espaços. (João Carlos Pereira, entrevistado em 19-03-21)

Quando a gente vem pra esse espaço de formação, a gente acha que já está tudo certo no processo e na verdade é só o início, a gente aprende que as coisas nunca estão 100%, a gente é que vai construir esses processos e vai ter muita pedra no caminho, muitas contradições, mas também se não tivesse, a gente talvez não avançaria, ficaria inerte. Eu acho que é isso, o movimento não para, as contradições vão estar e a obrigação nossa é encarar isso e modificar, melhorar sempre. Tiveram momentos que a gente não gostou, mas que, de certa forma, é tudo aprendizado para nossa formação, é natural que aconteça assim. (Fernando Schalm, entrevistado em 22-08-22)

Os desafios e as contradições vivenciados fizeram parte do aprendizado proporcionado na ELAA e, de certa maneira, nos prepararam para encarar situações de tensões na nossa atuação profissional posterior, fazendo-nos compreender que divergir faz parte do processo. Como estabelecer processos de tomada de decisão, de organização, a partir de um diálogo

franco e aberto? Como encarar situações que encaram questões como machismo, homofobia e racismo, que estão incrustados em nossa sociedade? A vivência na ELLA nos proporcionou caminhos para experimentação, desconstrução e construção desses processos.

Quero destacar o intenso debate sobre as questões de gênero, pautado exaustivamente por algumas mulheres que já traziam a discussão do feminismo de outros espaços como o próprio MST e o Movimento de Mulheres Camponesas. Apesar dos desgastes, houve grandes avanços ao menos no sentido de que foram proporcionados ao coletivo inúmeras oportunidades de discutir os aspectos da construção sistêmica que é o patriarcado e o conjunto de suas implicações.

Muitos desafios também, que eu acho que foram marcantes, a composição mesmo da nossa turma, a diferença, a quantidade de homens que faziam parte da turma e a quantidade de mulheres, como isso sobrecarregava a gente na defesa do debate das relações entre homens e mulheres, na participação - então, de um lado, a gente defende a paridade do outro a gente não tinha paridade na turma - isso acabava sobrecarregando a gente, assumindo muitas tarefas e praticamente levando a turma nas costas. Acabou que isso foi um aspecto marcante do nosso processo lá enquanto turma, muitos debates que a gente teve que travar, para não sermos invisibilizadas e excluídas do processo da formação. (Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22)

Gênero ficou muito marcado pra mim, agora entendi essa discussão entre mulheres e homens, divisão de tarefas, a responsabilidade de cada um, isso ficou muito gravado pra mim. (Yoseth Condori, entrevistada em 13-10-22)

As formações que nós tivemos, principalmente sobre a questão de gênero, patriarcado, foram muito importantes para repensar, porque a gente tem as bases culturais totalmente defasadas, construídas por familiares, então a gente chega ali e começa a estudar e perceber outras questões, para mim foi muito importante. (Édio Bernardi, entrevistado em 21-09-22)

Foram várias gatilhos na turma que foram acionados com relação à construção coletiva, episódios de homofobia, de machismo, de racismo, esses gatilhos foram disparados e proporcionaram a oportunidade da gente conflitar contra isso, bater e construir e se não conseguir construir coletivamente, minimamente combater dentro da turma. (Tiago Paiva, entrevistado em 15-08-22)

É certo de que eu recuperei a convicção política de que é preciso lutar, esse eu acho que foi meu grande ganho na ELAA, que eu conheci pessoas, especialmente mulheres que me mostraram, realmente reafirmaram minha visão de que eu sou feminista e a partir de então eu pude entender muito bem porquê. (Marileu Avendaño, entrevistada em 21-03-21)

E eu faço uma ressalva também que (o curso) poderia, na verdade deve continuar, com enfoque na questão da discussão de gênero mesmo e da pauta da agroecologia voltada para mulheres. Discutir isso e dar uma visibilidade para isso também, para além dos movimentos, não vamos falar que o movimento A ou B adota a prática da agroecologia, mas vamos olhar para o público feminino dentro das comunidades, independentemente que faça parte de um movimento social ou não, essa construção é bem forte. (Cleidineide Pereira, entrevistada em 19-08-22)

Assim como essa temática se mostrou importante no processo formativo, ela também o é no cotidiano de trabalho e militância de muitos(as) egressos(as), se mostra necessário, portanto,

que essas discussões estejam presentes na formação em agroecologia independentemente do perfil de pessoas que formem as turmas.

### 5.1 Avaliações da Turma Abya Yala sobre duas perspectivas centrais da formação: técnica e política.

A formação da ELAA procura abordar a agroecologia de maneira sistêmica, englobando assim diferentes perspectivas da produção da agroecologia nos territórios, como visto anteriormente, diversos aspectos da vivência do coletivo também se somam na construção de um espaço pedagógico e de formação humana.

Contrariando essa abordagem, em um dado momento das entrevistas solicitei que os(as) egressos(as) avaliassem separadamente pontos específicos da formação, quais sejam a técnica e política a partir de suas experiências já como profissionais atuando nos mais diversos projetos e frentes de trabalho que veremos na sequência.

Muitas avaliações foram quase unânimes, como por exemplo o déficit de uma formação técnica de mais qualidade, especialmente se comparada a formação política, que é muito bem avaliada segundo os(as) egressos(as).

Mas eu acho que a gente no tempo escola teve um foco muito grande na formação política. É assim, de forma comparativa, é muita formação política e menos formação técnica. Do ponto de vista prático mesmo, porque teve muita formação teórica, mesmo quando era na parte técnica, ficamos muito na teoria. Eu acho que isso deixou a desejar na nossa formação, mas também entendendo todas as condições do local, a infraestrutura de certa forma precária para a formação do ponto de vista mais técnico e tecnológico, científico, pra gente fazer pesquisa, fazer experimentação, tudo isso teve essa dificuldade por conta mesmo das condições locais, do contexto do assentamento que tinha vários limites. Por outro lado, tinha essas possibilidades, mesmo dentro assentamento nas experiências junto com as famílias nesses processos de formação, junto à cooperativa, as feiras, as oficinas para além do nosso tempo escola. Então, acho que isso, de certa forma foi se compensando, complementando a formação, digamos assim, em agroecologia. (Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22)

No aspecto técnico eu avalio que o nosso curso, dentro da própria grade, tinha algumas disciplinas que quando chega na parte da fundamentação e tudo mais, foi muito bom agora, quando chegou disciplinas que eram para ser mais técnicas a gente trabalhou de forma muito atropelada. Teve outras coisas que a gente poderia estudar, mas eu não sei se também pela avaliação do próprio IF a partir da complexidade da nossa turma, são tantas realidades que às vezes algumas matérias ficaram insuficientes. Teve disciplinas que a gente poderia ter trabalhado de uma forma melhor e que hoje poderia contribuir mais com a gente, principalmente nas questões das culturas. (Hudson Vialetto, entrevistado em 25-08-22)

No aspecto político, para mim foi muito bom. Se a gente for olhar, do que nós entramos no início e do que nós saímos, politicamente nós saímos bem melhores. Quem quis avançar, avançou e muito, aí eu vejo que a escola tem um potencial enorme

na questão política, que a ELAA foi excelente nisso, buscou os temas necessário, os temas que nós achamos importantes também, essa abertura da gente escolher muitos seminários que eram importantes trabalhar na realidade daquele momento, daquelas pessoas que estavam lá. (Édio Bernardi, entrevistado em 21-09-22)

Eu acho que no aspecto técnico, a gente ficou bastante defasado. Eu acho que poderia ter sido muito melhor, mas há de se compreender que a nossa foi a primeira turma junto com o IF. Era uma galera no IF que estava aprendendo ali, junto com o com a gente. Tinha uma galera que inclusive colocava isso, vamos aprender junto aqui o processo. Por outro lado, a gente teve experiências também de experimentar a arrogância acadêmica, um cara que estava fechado no mundo dele e ficou difícil, realmente, o debate técnico. Eu acho que é outra coisa que também foi um limitante assim para esse aspecto da nossa formação eram os poucos recursos que a gente tinha ali a mão, muita coisa foi a gente que ajudou a construir, a reconstruir na verdade, a agrofloresta foi um processo que a galera que teve mais à frente ali daquele processo, acumulou pra caramba, a gente conseguiu construir uma horta que bem ou mal nos alimentava. Mas a gente tinha pouco acesso, pra botar em prática as coisas que a gente deveria ter aprendido no quesito técnico. (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-22)

É difícil, em meio ao universo de questões levantadas nesse trabalho aprofundar nessa temática que demandaria maior estudo sobre a quantas andam as formações em agroecologia a nível de Brasil e como egressos(as) dos cursos as avaliam. A formação em agroecologia é bastante complexa, sendo também uma ciência interdisciplinar que mescla temas de diferentes campos do conhecimento (ciências agrárias, ciências humanas e ciências naturais). Nesse sentido é compreensível que, na formação, em se tratando de um curso de nível tecnológico, não se tenha tempo hábil para muito aprofundamento.

Outra reflexão importante a ser feita é sobre a forma como é conduzida a coordenação do curso, que é dividida entre Instituto Federal do Paraná e Via Campesina, representada majoritariamente pelo MST. Os(as) professores(as) do curso são quase todos(as) do Instituto Federal, mas algumas disciplinas especialmente as que possam ter uma abordagem mais política são realizadas por professores(as) convidados(as) pelo MST, assim como são realizadas formações políticas extracurriculares.

Ao mesmo tempo que são feitas essas avaliações que apresentam as deficiências do curso, através das entrevistas é possível perceber que a formação conseguiu capacitar esses(as) profissionais, tecnólogos(as)-militantes-educadores(as) para estarem hoje atuando de forma a contribuir para o avanço da agroecologia, seja na roça, na militância dos movimentos sociais, em escolas ou espaços educativos ou em projetos de ATER.

Com certeza, a ELAA me ajudou muito, está me ajudando muito, porque assim como eu falei que nós tivemos muita teoria, mas ela trabalhou muito bem isso. Quem quis, quem aproveitou aquele espaço lá, ele pode atuar em qualquer espaço, em qualquer lugar do Brasil, na comunidade local, ou fora do Brasil, porque foi muito amplo, a formação buscou as várias teorias sobre a agroecologia. Então é eu saí ali pronto para atuar. Não tenho dificuldade sobre trabalhar a agroecologia. (Édio Bernardi, entrevistado em 21-09-22)



A experiência da ELAA é fundamental para eu estar cumprindo esse papel que é estar ajudando a organizar uma escola em outro território e me fez compreender melhor a importância desses instrumentos dos movimentos sociais, das organizações da classe trabalhadora nos territórios, são importantes para formar e capacitar uma militância em melhor condição para fazer a luta cotidiana nas suas diferentes dimensões, a dimensão do debate político, a dimensão da aplicação técnica da agroecologia, a construção da agroecologia enquanto ciência, então forma uma militância muito mais capaz de fazer isso no cotidiano. (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-22)

A passagem pela ELAA me instrumentalizou para contribuir com o avanço da agroecologia, hoje em dia em milito na CONAPROCH e estou como secretária geral e encarregada da articulação dos jovens na CLOC Chile. Sim me contribuiu, porque antes mesmo de concluir o curso, eu e meu companheiro nos mudamos de Santiago para Chincolco que é um pequeno povoado do município de Petorca e aí começamos a criar a Escola de Agroecologia Germinar, que é uma organização de base da CONAPROCH. Eu acho que me contribuiu a ELAA a ser mais militante, de corpo inteiro. (Marileu Avendaño, entrevistada em 21-03-21)

Eu acho assim que esse momento da gente poder ter acesso a um conhecimento mais teórico e científico, que é importante, mas também estar dentro de um espaço que tem a bandeira de luta da agroecologia e a prática, então a gente pôde nesse período ter esse momento teórico na sala de aula e também poder vivenciar a prática, seja no diálogo de saberes ou na troca com as famílias do assentamento que a gente fazia no dia a dia. Você vê que o que você está estudando dá certo, não fica só naquela ideia de que leu um livro ou viu um vídeo na internet, mas sim você sentir toda a dificuldade que é o trabalho, o quanto que o agricultor tem que se dedicar para produzir um alimento mais saudável, ter sua autonomia na parte de renda econômica e na função social do processo. Então acho que tem essa junção dessa teoria e prática muito próximo, eu acho que marca bastante na vida de um estudante. Acho que isso é muito importante na nossa formação, você perceber que é um caminho que realmente dá certo, não é tão fácil, tem todo um processo por trás pra gente conseguir atingir nosso objetivo, mas é possível. (Fernando Schalm, entrevistado em 22-08-22)

E aqui podemos fazer uma ponderação sobre quais eram nossas expectativas sobre a formação que receberíamos e o que nos foi ofertado. Talvez nós mesmos(as) gostaríamos, em alguma medida, sair mais seguros(as), dominando uma diversidade de práticas e de técnicas. Mas não seria essa uma formação convencional, de aprender técnicas para depois replicá-las? E se os princípios da agroecologia nos mostram a necessidade de respeitar cada processo e cada saber em cada situação, como uma escola poderia antecipar a diversidade de situações que cada educando(a) iria ter que encarar depois de formado(a)?

Analisando a experiência de cada colega aqui entrevistado(a), e mesmo com as contradições que se apresentam, podemos perceber que a formação recebida na ELLA proporcionou saber lidar com uma diversidade de situações e nos preparou para participar de processos coletivos de construção de conhecimentos. Por mais que a expectativa fosse outra, de uma carga maior de técnicas, a experiência da educação em agroecologia vivenciada na ELAA pela turma Abya Yala, deu conta de uma preparação mais ampla que preparou cada um(a) de nós para lidar com os desafios que nos deparamos em nossa trajetória profissional.

O processo formativo que vivenciamos, a análise da estrutura do curso e das avaliações daqueles e daquelas que estiveram inseridos(as) nessa vivência, podem e devem ser mais aprofundadas. Mas podemos indicar que a Escola Latino-Americana de Agroecologia se insere no cenário da Educação do Campo brasileira enquanto uma importante experiência no ensino de agroecologia. É uma escola que viabiliza o acesso à formação de nível superior a camponeses(as) e militantes dos movimentos sociais de todo Brasil e América Latina, cumprindo dessa forma um papel de centro irradiador da territorialização da agroecologia. Em países em que o Estado historicamente travou verdadeiras batalhas contra a população do campo e a possibilidade de sua reprodução social, essa pode ser considerada uma conquista histórica e significativa da classe camponesa e trabalhadora.



## 6. HISTÓRIAS DE VIDA E AGROECOLOGIA

Gostaria de apresentar, de forma sucinta, algumas trajetórias, indicando percepções, desafios e trabalhos desenvolvidos pelos(as) egressos(as) da Turma Abya Yala no retorno a suas comunidades de origem, ou na atuação em outros territórios. Convido o(a) leitor(a) a se preparar para uma viagem, que vai percorrer alguns estados brasileiros e três países da América Latina e contar as histórias de vida, de agroecologia e de luta de um povo que segue esperando e se mobilizando no intuito de construir uma sociedade mais justa, plural e humana. O título desse capítulo se inspira em livro de mesmo nome que conta a história de Ana Primavesi, agrônoma, professora e ser humano fantástico que tanto contribuiu para o avanço da agroecologia no Brasil e no mundo.

Inicialmente quero fazer algumas reflexões a cerca de três temáticas principais que se destacaram na sistematização das entrevistas, são pontos de confluência que aparecem em diferentes contextos em que os(as) egressos(as) estão inseridos(as) e chamam atenção justamente por comporem uma realidade comum no que tange ao avanço da agroecologia nos territórios da América Latina.

### 6.1 As veias abertas da América Latina - cenários de conflito e disputas de território

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra. (Há quatro séculos, já existiam dezesseis das vinte cidades latino-americanas mais populosas da atualidade.) Para os que concebem a História como uma disputa, o atraso e a miséria da América Latina são o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas acontece que aqueles que ganharam, ganharam graças ao que nós perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já se disse, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial e neo-colonial, o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta do cimo dos esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos filões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da selva amazônica da borracha;

o nordeste açucareiro do Brasil, as matas argentinas de quebrachos ou alguns povoados petrolíferos de Maracaibo têm dolorosas razões para crer na mortalidade das fortunas que a natureza outorga e o imperialismo usurpa. A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes - dominantes para dentro, dominadas de fora - é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga. (GALEANO, 1971, p. 23).

Segundo o Atlas do Agronegócio publicado em setembro de 2018 a América Latina possui a pior distribuição de terras do mundo: 51,19% das terra agrícolas estão nas mãos de apenas 1% dos proprietários rurais. O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking de desigualdade no acesso à terra. (GUERRA, 2018)

Essas informações são importantes para compor junto com o trecho de *As Veias Abertas da América Latina* de Eduardo Galeano a introdução desse subcapítulo onde vamos tratar sobre as situações de conflito e disputa de territórios apresentadas pelos(as) egressos(as) da Turma Abya Yala. A proposta de territorialização da agroecologia certamente vai adentrar territórios de conflito, visto que esse é, infelizmente, um cenário comum nessa parte do mundo, onde historicamente se sobrepõem processos de disputas violentas por terra e território, especialmente se tratando do campo, da zona rural.

Esse problema perpassa por reflexões e estudo histórico, sociológico, antropológico, entre outros, dos processos estruturais e simbólicos de exclusão social, fruto da história da ocupação espacial através do apossamento, da expansão, expropriação e dominação que, por sua vez processaram-se sincronicamente ao projeto “civilizatório” e “modernizante” de racionalização econômica, bem como da relação entre o acesso à terra, o desenvolvimento e as revoluções agrícolas. (MACHADO, TEDESCO e GIRBAL-BLACHA, 2020)

Caberia uma densa explicação sobre como esses processos históricos vêm se constituindo ao longo dos séculos, mas isso já foi feito por diferentes autores(as) e sugerimos ao(a) leitor(a) acessar o Atlas do Agronegócio citado anteriormente, bem como os relatórios anuais da CPT sobre os conflitos do campo brasileiro.

Aqui gostaria de trazer as vivências cotidianas dos(as) egressos(as) que através de seus relatos nos mostram o quanto essa situação é palpável e real, para além de relatórios, estudos e historiografias, mas que se materializam na experiência das comunidades camponesas e onde também se esbarram os intentos de expansão da agroecologia, que justamente se trata de uma proposta para o campo que procura superar essa lógica de exploração.

### 6.1.1 Minas Gerais – do caos da exploração mineradora a lama da Vale

Aí eu vim para o trabalho que eu estou agora na AEDAS - Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social, que foi um trabalho bem desafiador, tá sendo na verdade, que é trabalhar com os atingidos e atingidas por barragens ou, no nosso caso, os atingidos pelo crime da Vale. Onde eu atuo é na região Rio Paraopeba 2 e tudo isso me fez pensar também o quanto é violado nosso território, sabe? Pelas grandes empresas e muitas das vezes a gente está só como os sujeitos passivos ali a sofrer um ataque a qualquer momento. Nesse trabalho, que está sendo bem desafiador e ao mesmo tempo fantástico, na questão da gente pensar tudo o que a gente tem para ser explorado além das nossas terras aqui em Minas tem a questão do minério, o quanto isso não tem um retorno bem visto na questão da conservação ambiental, simplesmente não é feito, então fica tudo de fato devastado, muito, muito devastado, é triste. (Cleidineide Pereira, entrevistada em 19-08-22)

O crime da Vale ao qual Cleidi se refere foi o rompimento da barragem Mina Córrego do Feijão em Brumadinho que aconteceu em janeiro de 2019, provocou a morte de mais de 270 pessoas e produziu uma série de impactos ambientais: a contaminação do Rio Paraopeba de maneira a inviabilizar a reprodução material de comunidades ribeirinhas, chegando a contaminar inclusive o Rio São Francisco, um dos mais importantes do país; a perda de 138 hectares de florestas nativas e cerca de 17 municípios afetados pela lama, atingindo aproximadamente 600 mil pessoas. Cleidi trabalha atualmente em um projeto da AEDAS - Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social que visa buscar a reparação integral para as vítimas do crime ambiental prestando assessoria técnica as comunidades atingidas. Segundo a AEDAS e o plano de trabalho desenvolvido para a região a reparação integral se trata de fazer as circunstâncias da vida dessa(s) pessoa(s) voltarem a ser como eram ou melhores do que eram antes do dano, na maior medida possível considerando as opressões que existem na sociedade e fazem as pessoas sentirem o impacto dos danos ambientais de formas diferentes, a partir dos lugares que ocupam em sociedade, considerando as violências raciais, de gênero e classe social. Logo, pensar uma reparação integral que articule essas dimensões possibilitará maior alcance efetivo da reparação para além do caráter meramente indenizatório.

### 6.1.2 Guatemala – o país da eterna primavera ou da eterna tirania?

Passei seis meses na Guatemala vivenciando a realidade das comunidades camponesas, nesse formato de intercâmbio que é em parceria com uma organização da Noruega que financia intercâmbios entre Brasil, Colômbia e Guatemala. Aí para dar uma intencionalidade mais política mesmo para o intercâmbio, começaram a definir temas, a gente aqui do Brasil para a Guatemala, foi com o enfoque de mulheres, agroecologia e cooperação. Foram duas pessoas, então eu fui com essa tarefa, digamos assim, de conhecer as experiências das mulheres com agroecologia e fazer essa troca de compartilhar o que a gente tinha das nossas experiências de avanços a partir das áreas nossas do movimento (MST). A gente passou nesses 6 meses lá conhecendo as comunidades camponesas, é uma realidade muito mais difícil do que eu já tinha

conhecido aqui na nossa região, muito tenso. A situação das comunidades camponesas indígenas, a infraestrutura é muito precária, não tem acesso à terra, uma luta muito dura para ter acesso à terra. O dirigente do movimento que andava com a gente, andava com escolta armada, então imagina o risco também que a gente correu, claro que tinha toda uma articulação pra gente poder ir para as comunidades, mas não era nada tranquila. (Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22)

A Guatemala é conhecida mundialmente por seu clima agradável durante todo o ano, sendo descrito como o país da eterna primavera, no entanto apresenta um dos sistemas de concentração de terra mais injustos do mundo, Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Alimento, em 1998, 0,15% dos produtores tinham 70% das terras aráveis, produzindo para exportação, enquanto 96% dos produtores ocupavam apenas 20% das terras. A distribuição totalmente desigual das terras guatemaltecas tem origem na conquista espanhola, com a expropriação das terras indígenas pelos colonizadores. Após a independência, em 1821, uma série de eventos e estratégias traçadas pelo Estado e pelas elites agrárias não só mantiveram como agravaram as condições de desigualdade e marginalização da população camponesa. Atualmente a Coordenação Nacional das Organizações Camponesas e Indígenas (CONIC) que tem representantes em 20 dos 22 estados do país, sendo 90% indígenas, luta por direito à terra e desenvolvimento rural com acesso a serviços básicos.

### 6.1.3 Mato Grosso – água e energia não são mercadoria

Até o final do ano passado minha atuação no MAB era estadual, estava indo pra Cuiabá eventualmente, quando estourou aquela barragem em Nossa Senhora do Livramento, que era uma barragem de mineração, que não teve vítimas fatais, ainda bem, mas teve trabalhadores que tiveram prejuízo de cerca, medo, ameaça de morte, até correr de jagunço eu tive que correr, esse tipo de coisa. Mas aí obviamente que SINOP a gente acompanha mais, porque é onde tá a secretária estadual, não fica na capital, mas é onde tá a barragem que mais gerou conflito que mais causa dano ambiental, é a Usina Hidrelétrica de SINOP. Uma das políticas que a gente tem dentro do MAB é não pensar na defesa dos direitos das comunidades atingidas só enquanto a usina não tá construída. É preciso considerar antes, durante e a vida inteira, filhas, filhos, netos e netas dessa comunidade serão impactados, porque aquele lago vai tá ali, aquele lago enterrou a história e a memória. Nessa ideia de pensar um pouco mais o amplo, sabendo que essas usinas no Brasil historicamente nunca se preocupam com a estrutura econômica, financeira, social e de bem estar, qualidade de vida de alimentação das famílias no pós- lago. Algumas empresas prometem fomentar feiras, bancar assistência técnica, isso acontece por cerca de 6 meses, depois aqueles técnicos desaparecem e os projetos ficam lá igual um elefante branco e fica aquela loucura. (João Carlos Pereira, entrevistado em 19-03-21)

O estado do Mato grosso é marcado por um processo de ocupação calçado em iniciativas governamentais que buscavam integrar o Cerrado, o Pantanal e a Amazônia ao mercado de energia e do agronegócio dominante no país, esses ecossistemas eram tidos como pouco

povoados e isolados desconsiderando a presença de povos indígenas, comunidades camponesas, ribeirinhos, quilombolas e extrativistas. O estado tem o modelo hidro-energético, as construções de barragens e inundações e o agronegócio como principais atividades geradoras de conflitos, mapeados pela Comissão Pastoral da Terra. A presença das populações tradicionais é constantemente invisibilizada por um discurso de “vazio demográfico” que abre caminho para a apropriação territorial em curso. O Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB é uma organização nacional com cerca de 30 anos de atuação, com foco nos conflitos ambientais gerados pela imposição de um modelo energético predatório, no Mato Grosso o MAB atua em diversas cidades e comunidades que passam por essa experiência de inundações e apropriação territorial, como veremos mais à frente a agroecologia tem tido seu papel nessa luta, auxiliando na reconstrução da vida das comunidades camponesas afetadas pelas grandes obras das hidrelétricas da região.

#### 6.1.4 A seca em Petorca no Chile – recorte de uma crise ambiental e política

Aqui temos a situação da falta de água, com o avanço da monocultura principalmente de abacate, mas também cítricos, como laranja e limão, nozes e também tem a mineração. Aqui é um dos municípios mais pobres do Chile, por essa situação da falta de acesso à água, tem gente que vive com menos de 50 l de água por dia, muito abaixo do que diz a OMC que tem como medida 100 litros diários como mínimo. Tem uma taxa de desemprego muito alta, tem muita pobreza, dificuldade de locomoção, o transporte público é muito ruim e caro, aqui não tem universidade, não tem institutos técnicos. Então uma das coisas que caracteriza esse município é a exclusão, é a falta de oportunidade, falta trabalho, falta educação, falta água que é o mais básico, se falta água todo o restante fica precarizado. O que caracteriza nossa região é a miséria, a precarização, o roubo da água é feito institucionalmente, aqui o roubo está institucionalizado, o Estado subsidia o poder privado para fazer as construções e os tanques, onde fica presa a água e essa água que está aí contida é a mesma água que é usurpada dos rios, das nascentes, da água subterrânea. E o Estado está avalizando isso, entendeu? A comissão nacional de irrigação e o Estado não faz nada, não supervisionam, não se responsabilizam sobre o que acontece, enquanto você vê um morro verde (com plantios irrigados) imediatamente abaixo você consegue enxergar o rio totalmente seco e abaixo também as comunidades camponesas totalmente empobrecidas, sem cultivos, aqui a taxa de mortalidade do gado o ano passado foi de quase 100%, quase todo o gado morreu. Não somente nesse município mas na região como um todo, você encontra pessoas procurando água, é como estar no deserto mas do seu lado tem os morros verdes, enquanto os camponeses procuram água, não com um equipamento adequado, mas com um pedaço de pau e suas próprias mãos, cavando 20 ou 30 metros procurando água e tem gente que morre procurando água, é assim cruel, porque não tem dinheiro para pagar o maquinário, porque o Estado não cumpre sua função porque o desespero de salvar o que dá de comer que é a produção agrícola. Então Petorca é o epicentro a nível nacional do roubo da água e efetivamente é isso porque aqui se conjugam grandes empresas e a classe política, que na verdade são as mesmas pessoas. (Marileu Avendaño, entrevistada em 21-03-21)

O relato de Marileu sobre a situação da cidade de Petorca, onde ela mora e atua, deflagra uma situação muito maior que se espalha por sete das 16 regiões chilenas. Para além de passar por um evento climático extremo, com uma seca que já dura cerca de nove anos é importante dar uma olhada para trás e entender a responsabilidade do Estado na condução da situação que hoje configura uma calamidade pública. Segundo Faria (2022) “o ponto de partida para entender os problemas da água no Chile é a legislação parida na ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990) através do Código de Águas. A rigor, a Lei nefasta tirou dos gestores públicos os instrumentos necessários para ações básicas frente à escassez de água, inclusive água para o abastecimento humano.”. A materialização da legislação a longo prazo se vê em relatos como visto acima, cidades inteiras afetadas por uma pobreza extrema enquanto vicejam plantações do agronegócio irrigadas pela água “roubada”.

#### 6.1.5 Ameaças de despejo e formas de luta no MST de Macaé - Rio de Janeiro

Bem no período que a gente estava indo para a última etapa do nosso curso, que era entregar o trabalho e tudo mais, no acampamento a gente sofre um processo de despejo, e aí a forma que a gente tem de se defender do despejo é organizar a nossa escola, não é? Então, em uma semana nós montamos o curso, articulamos os parceiros necessários e começamos uma turma, a primeira turma de agroecologia, isso já em 2019. Foi muito esse processo assim da gente ir rebatendo a ameaça de despejo, construindo uma escola, foi um momento de muita aprendizagem. A gente não pode dar mole se não a gente vai perder a área, então a gente tem que estar constantemente construindo o nosso curso, a escola tem que estar funcionando. (Diego Fraga, entrevistado em 20-09-22)

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST tem 39 anos de história e é um dos maiores movimentos sociais camponeses do mundo, organizado em 24 estados das cinco regiões brasileiras, cerca de 450 mil famílias conseguiram ter acesso à terra por meio da luta e organização do movimento. Os latifúndios desapropriados para assentamentos normalmente possuem poucas benfeitorias e infraestrutura, como saneamento, energia elétrica, acesso à cultura e lazer. Por isso, as famílias assentadas seguem organizadas e realizam novas lutas para conquistar estes direitos básicos.

A atuação do movimento se insere no cenário da questão agrária brasileira, com um sistema fundiário extremamente desigual que apresenta alta concentração de terra e um histórico de violência e marginalização das populações camponesas. Dentre os instrumentos de luta figuram a ocupação e o acampamento com grande importância pelo poder de mobilização política e denúncia de terras improdutivas e ou griladas. Nesse processo de ocupar a acampar as ameaças de despejo, bem como a efetivação deles estão sempre assombrando as famílias. Os



despejos ocorrem porque a partir da ocupação se iniciam as negociações jurídicas para a desapropriação da terra, indenização dos donos e posterior concessão aos acampados, esses trâmites costumam levar anos, visto que não há uma política séria de reforma agrária no Brasil. É interessante observar a maneira como o movimento se articula com a sociedade e propõem resistências construtivas como é o caso da Unidade Pedagógica em Agroecologia Marielle Franco, a escola que nasce no acampamento Edson Nogueira em Macaé em resposta a ameaça de despejo e contribui na formação e capacitação de dezenas de pessoas sejam elas ligadas ao movimento ou não.

#### 6.1.6 Projetos antagônicos para o campo – um território em disputa

A gente também tem as contradições dentro da comunidade, então não é todo mundo que está nesse pensamento da conservação da produção que quer fazer agroecologia, senão que também tem pessoas que não gostam da agroecologia e que querem fazer outro tipo de produção, então a gente logrou avançar bastante nesse aspecto também de poder dialogar com os companheiros que tem essa presença de querer fazer outra produção, mas estamos caminhando bem, a gente consegue analisar bastante e eles estão mudando a forma da produção, começando a se interessar mais pela produção agroecológica com todo esse sentido também da cultura e do cuidado. É bem preocupante o avanço do agronegócio, está se expandindo cada vez mais no território, isso também é uma preocupação grande para nós dentro da comunidade, mas aqui a gente conseguiu parar a produção do agronegócio, porque a gente já tem esse conhecimento, a gente já tem vários anos de debate da agroecologia, debate do que é agronegócio, então a gente já tem experiência nas escolas da comunidade, então a gente dialogou bastante com a escola, com os professores, com outras escolas próximas a comunidade, a gente dialoga bastante. Quando o agronegócio quis entrar na comunidade, no território, a gente percebeu muito rápido e conseguimos frear o plantio da soja que eles queriam fazer. Isso me motivou bastante, porque percebi que a gente está fazendo bem, estamos desenvolvendo consciência na comunidade. Mas a realidade, é o avanço do agronegócio bastante preocupante aqui no território, aqui no município e também no nosso departamento. A questão é que estamos muito perto da fronteira, não é? Então, aí no Alto Paraná, aí na Itapuã é outra realidade, já é mar de soja, você somente vê soja, plantação da soja e isso está se estendendo bastante rápido no território e quase já está entrando no nosso município, com uma plantação massiva. Nesse sentido faltam mais políticas públicas para poder enfrentar e falta também organizar-se melhor pra poder elaborar como contrapor o agronegócio, porque a realidade é essa o agronegócio está vindo. (Claudio Diaz, entrevistado em 23-03-21)

E aí também no último ano, a gente estava ligado a uma associação no sudoeste do Paraná, a ASSESSOAR que também toca projetos com foco na agroecologia, a gente acessou um desses projetos chamado Horta Pomar e estava tocando uma horta modelo lá na nossa propriedade, foram 70 hortas que saíram nesse projeto e era uma das formas que a gente encontrou na região de tocar a produção de uma forma agroecológica, porque na nossa região é bem complicado, são pequenas propriedades, assim são tudo muito pequeno, mas o jeito que se trabalha, o tanto que se usa de veneno é muita coisa. E quando a gente fala de agroecologia é bem difícil assim, porque é difícil as pessoas saberem o que é, a única referência que a gente tem em agroecologia é a ASSESSOAR mesmo, mas que apesar de tratar da agroecologia desde do princípio da existência da entidade, ainda é algo que engatinha, porque é difícil avançar com agroecologia na região. Na minha comunidade quando eu falava que eu fazia agroecologia, as pessoas perguntavam o que era isso e se dava dinheiro.

Então eu falava que não, que era um jeito de cultivar diferente do que a gente estava acostumado a fazer e as pessoas me perguntavam o porquê que eu estava fazendo isso se não dava dinheiro? (Danieli Bassanesi, entrevistada em 04-10-22)

Esses dois relatos representam bem o cenário de disputa de território do campo brasileiro. O que ocorre é que mesmo dentro das comunidades camponesas e em alguns casos dentro até mesmo de áreas de reforma agrária segue em curso um conflito de discursos e de práticas que divergem na forma de pensar a produção, a comercialização e a organização social desses espaços.

Existe, portanto, uma disputa de dois projetos antagônicos para a agricultura. Por um lado temos a agricultura camponesa e tradicional que é uma construção cultural desenvolvida durante milhares de anos e foi exitosa em manter equilíbrio e diversidade ecológica durante milênios, produzindo alimentos altamente nutritivos e diversos. Por outro temos a agricultura industrial e moderna que produz alimentos-mercadoria pouco nutritivos e legítima a superexploração de todos os elementos da natureza, especialmente dos seres humanos, causando desigualdades econômicas e desequilíbrios ecológicos, bem como a padronização das culturas em seus mais variados aspectos e a monotonia alimentícia. (WIGINESKI, 2019, p.14)

No caso de Claudio que é Paraguaio de *Repatriación* vemos a situação do avanço desenfreado da monocultura da soja que vêm modificando o contexto agrário e político do país há cerca de 15 anos, com forte influência de latifundiários brasileiros que levam para o território paraguaio o pacote tecnológico utilizado do lado de cá da fronteira: sementes transgênicas, fertilizantes químicos, agrotóxicos, máquinas pesadas e violência para controlar os levantes populares de camponeses.

Danieli apresenta um panorama da sua comunidade em Flor da Serra no sudoeste do Paraná, região marcada por dois momentos históricos importantes de luta pela terra, a Revolta de 57 e a sequência de lutas dos anos 80 que culminou na fundação do MST em 84. No entanto a região foi altamente afetada desde a década de 60 pela modernização da agricultura que também difundiu o pacote tecnológico da Revolução Verde.

Nesse sentido fica a reflexão sobre a construção da agroecologia nos territórios camponeses, que ao longo da história vem passando por transformações e que especialmente na segunda metade do século XX foram submetidas ao processo de modernização da agricultura, onde a agricultura familiar também foi conduzida a produção de commodities e ao uso do pacote tecnológico, apresentado a época como solução para todos os problemas do campo. É nesse cenário que aos poucos vai se introduzindo a agroecologia, uma outra forma de pensar e produzir no campo que se depara com inúmeros problemas estruturais e desafios culturais, mas ainda assim encontra caminho e segue em expansão.

## 6.2 Mulheres e agroecologia

O tema gênero, mulheres e feminismo permeou a experiência da Turma Abya Yala do começo ao fim, isso se alinha a um movimento mundial de levante e resistência das mulheres que tem sido interpretado como a quarta onda feminista com características menos institucionalizadas, maior presença da juventude, debates interseccionais e forte veiculação de informação, bem como mobilizações via internet.

Na agroecologia, de modo geral, se avançou no debate feminista ao longo dos anos, visto que uma transformação social real somente é possível através da equidade de gênero e da superação da invisibilização feminina no campo e na cidade, porém ainda há um longo caminho para combater todo um sistema econômico e social que se baseia também na exploração e subestimação das mulheres, suas potências e capacidades.

A agroecologia é um movimento relativamente novo no Brasil (...) e há estudos que mostram que, muitas vezes, são as mulheres quem iniciam a “conversão” da propriedade para sistemas sustentáveis, por estarem mais envolvidas com as propostas que tratam da saúde e da alimentação das famílias. Porém, em função da forma como se organizam as relações de produção e as relações familiares nesse tipo de agricultura, muitas vezes, quando o empreendimento começa a ter resultados positivos, o comando das atividades volta para as mãos dos homens. Esse processo faz com que as contribuições das mulheres à construção da agroecologia, na maioria das vezes, não sejam reconhecidas, o que é agravado pelo fato de que, em muitas das organizações que tratam desses temas, a presença feminina seja visivelmente minoritária. Constata-se, portanto, que também no campo agroecológico persiste uma invisibilidade sobre as questões das mulheres, tal como ocorre na agricultura familiar em geral. Sua participação não é valorizada e as suas reivindicações específicas acabam ocupando um espaço marginal, ou mesmo não sendo contempladas nas pautas políticas dessas organizações. (Siliprandi, 2009, p. 17-8).

Atentas a esses processos de invisibilização as mulheres de diferentes organizações e territórios tem demandado e pautado processos de agroecologia com especial atenção ao público feminino. Na vivência das egressas da Turma Abya Yala é possível perceber a crescente disseminação de projetos com esse caráter, que procuram instrumentalizar as mulheres para reconhecer sua importância na dinâmica social e econômica, bem como orientar e discutir sobre casos de violência e opressão.

Depois de um período em casa durante a pandemia, eu fui trabalhar lá no território Velho Chico, com essa experiência do ATER para mulheres. E quando eu cheguei no ATER para as mulheres, a gente teve esse processo de formação sobre a caderneta agroecológica, ela é fantástica de tudo, o quanto dá visibilidade para o trabalho das mulheres, porque aí algumas falavam assim, ó, às vezes o meu marido fala que eu não faço nada, mas é isso muitas coisas também que a gente não compra, e com a caderneta, eu anotando todo o dia, se eu fosse comprar isso todo dia, só agora que eu vejo mesmo o quanto a gente consegue produzir e muitas das vezes eu achei que não é nada. Então o quanto é invisibilizado esse trabalho. Dentro desse processo também tiveram as oficinas de gênero, invisibilidade, trabalho e quando eu saí tava no processo da oficina de violência contra a mulher do campo. (Cleidineide Pereira, entrevistada em 19-08-22)

Elaboramos umas propostas de projeto e colocamos para esses editais de apoio financeiro e aí conseguimos aprovação de um projeto para trabalhar com a metodologia com enfoque na formação das mulheres como promotoras da agroecologia dos territórios, pensar na territorialização da agroecologia a partir, principalmente das experiências das mulheres, dos quintais produtivos. Quando o projeto nosso foi aprovado, a gente começou formando um coletivo de pelo menos dez mulheres em cada um desses assentamentos, então fizemos um coletivo ampliado no estado de 160 mulheres. A gente foi fazendo formações virtuais, definimos uma coordenação inter-setorial para conduzir, para pensar estrategicamente, planejar as atividades para a gente fazer todo mês um encontro de formação virtual. (Ana Karoline Dias, entrevistada em 17-08-22)

Depois que me formei, eu voltei pra Bolívia com a ideia de fazer a militância e trabalhar com agroecologia como técnica, então os primeiros momentos foram assim, assistência técnica com as mulheres que eu pesquisei no meu trabalho de conclusão de curso, fiquei cerca de dois anos trabalhando com elas dando sequência a pesquisa das ervas medicinais e também trabalhamos acerca da violência contra mulheres e o tema das juventudes. Agora eu sigo fazendo parte do Movimento Bartolina Sisa e estamos estruturando um novo movimento das mulheres, formando lideranças, trazendo para a Bolívia novos projetos pra impulsionar novas ideias e criar condições para poder estar sempre fazendo esse trabalho de base com as mulheres. (Yoseth Condori, entrevistada em 13-10-22)

Através dos relatos fica perceptível a importância de uma formação em agroecologia que seja capaz de abarcar a questão de gênero e que capacite as(os) profissionais no sentido do trabalho com as mulheres que costumam ser as promotoras da agroecologia em seus núcleos familiares, quintais e territórios.

### 6.3 Educação e agroecologia

Esse relatório de pesquisa traz como temas centrais a educação do campo e a agroecologia e através do estudo de caso aqui proposto é possível dimensionar, ainda que por meio de um pequeno recorte, as potencialidades e desafios circunscritos nesses campos.

A educação popular muitas vezes adota a formação de formadores como estratégia para avançar com os projetos políticos estabelecidos pelas organizações. Na experiência da Escola Latino-Americana de Agroecologia, mais especificamente no curso de Tecnologia em Agroecologia, há esse objetivo claro de formar militantes-técnicos(as)-educadores(as) em agroecologia que sejam capazes de contribuir ou mesmo alavancar processos de territorialização de agroecologia e muitas vezes esses processos passam pela educação.

As(os) egressas(os) da turma Abya Yala tem atuado contundentemente nessa esfera dos(as) 13 entrevistados(as) ao menos seis estão diretamente envolvidos com processos

educativos e pedagógicos. Veremos mais detidamente essas experiências nas trajetórias de cada um(a) deles(as) a seguir, mas gostaria de elencar brevemente essas ricas vivências

No município de Petorca, no Chile, Marileu compõem a *Escuela de Agroecologia Germinar*, que é um coletivo de base da CONAPRCH – Coordenação Nacional de Produtores do Chile, além de oficinas, cursos e práticas a escola tem contribuído no fomento a comercialização de produtos agroecológicos.

No município de Macaé - RJ, Diego faz parte da coordenação político pedagógica e é também educador da Unidade Pedagógica em Agroecologia Marielle Franco, situada no acampamento Edson Nogueira, atualmente a Unidade está com três cursos em andamento: Educação para Jovens e Adultos – EJA, Curso Básico de Agroecologia e Agente Popular de Saúde.

No estado do Ceará, Karol que contribui no setor de educação do MST está ativamente envolvida na viabilização de dois cursos técnicos – de agroecologia e administração que inicialmente serão ofertados em duas escolas, para posteriormente se replicarem por mais oito escolas do estado.

Na cidade de SINOP - Mato Grosso João Carlos está atuando como professor da Escola Técnica Estadual de Educação Profissional de SINOP nos cursos técnicos em agricultura e agropecuária, onde aborda o tema da agroecologia transversalmente visto que a mesma não está na ementa dos cursos.

No Paraná, Tiago e Fernando continuam na ELAA, agora não mais como estudantes mas sim como educadores, contribuindo na Coordenação Político-Pedagógica e no Setor de Produção, promovendo importantes reflexões e transformações através da experiência que tiveram como alunos do curso.

#### 6.4 Trajetórias rumo a territorialização da agroecologia

Nesse subcapítulo a ideia é apresentar a(o) leitor(a) um resumo das trajetórias dos(as) tecnólogos(as) através de seus próprios relatos. Há histórias mais concisas e outras mais prolongadas a depender da forma como cada um(a) se expressa, a ideia não é padronizar e sim mostrar a diversidade desse coletivo, com toda a sua riqueza. Majoritariamente os relatos se iniciam com uma colocação sobre qual era a relação da pessoa com a agroecologia antes de ingressar no curso da ELAA e depois vêm as descrições dos trabalhos desenvolvidos após a

formação, em alguns casos há uma introdução inicial, com as informações sobre a origem geográfica da pessoa e sua inserção em movimentos sociais.

*Claudio Diaz – Repatriación, Paraguai*



Claudio é paraguaio da cidade de Repatriación, é agricultor e milita na CONAMURI - Coordinadora Nacional de Organización de Mujeres Trabajadoras, Rurales e Indígenas.

“Eu antes de estudar a agroecologia mesmo na ELAA, tive algumas informações básicas dentro da organização da CONAMURI, porque elas (as mulheres organizadas) já vinham pautando a agroecologia dentro do movimento, dentro dos eixos temáticos e nesse caso a soberania alimentar puxa o debate da agroecologia. Tem uma escola no departamento e no município de Repatriación, então eu participei dessa escola, sempre gostando do trabalho coletivo, o trabalho da produção mesmo e entendendo um pouco também sobre a cultura do camponês. Eu fiz essa formação na escola durante um ano e aí tive acesso as informações básicas sobre agroecologia, conceitos principais sobre como funciona. Mas são informações bastante básicas, que a gente ficava com uma informação que quase não se poderia aproveitar dentro do processo coletivo ou dentro da família mesmo do indivíduo. Para eu despertar um entusiasmo maior pela agroecologia, eu tive o privilégio de participar em 2014 do CONESUL, que foi na ELAA mesmo, no Assentamento Contestado. Eu fiquei muito, muito entusiasmado em perceber que não éramos nós somente aqui na comunidade que estávamos loucos (risos), que havia muitas pessoas que sonhavam com a agroecologia, com um mundo melhor. Então enquanto eu participei no curso do CONESUL, eu fiquei maravilhado, né? Com tanta informação, conhecendo pessoas diferente de outros países, outras culturas, todo esse processo, porque a agroecologia é isso mesmo. No CONESUL falaram que ia ter a quinta turma da agroecologia que ia começar em 2015. Então, eu acho que o ponto da partida para eu estudar na ELAA foi esse, eu fiquei maravilhado com agroecologia e então decidi ir estudar.

Então, depois de terminar o nosso curso da ELAA, no ano seguinte em 2020 eu comecei a trabalhar com a CONAMURI. A organização fez um projeto de agroecologia e as companheiras, me deram essa oportunidade. Era um projeto de expansão da agroecologia dentro



das comunidades campesinas indígenas, um projeto elaborado e captado pela organização mesmo com apoio do Fundo da União Europeia, a gente trabalhou em três departamentos, aqui no Paraguai e eu fui um dos técnicos agroecólogos, nós éramos em três, duas companheiras e eu, cada um(a) com seu departamento, eu fiquei com três comunidades, foram duas comunidades indígenas e uma comunidade campesina.

O projeto era fazer mesmo agroecologia, a produção da agroecologia e o que a gente tem para poder aprofundar, ou o que a gente tem e como potencializar essas atividades que eles têm dentro do seu território. E nisso também articular a parte da comercialização um pouco, porque a gente entende, compreende que não basta somente produzir, senão que também a gente tem que comercializar a produção, não somente para gerar recursos econômicos para a família, senão para que as pessoas percebam que nós, como camponeses e indígenas também estamos trabalhando, estamos presentes na sociedade, temos nossa forma de trabalho, nossa forma de ser e nossa forma de produção, então essa é a ideia que o projeto enfocava mais. Eu acho que a gente logrou avançar bastante nesse sentido, mas era um projeto somente de 1 ano, então foi pouco tempo, mas houve essa iniciativa para a gente poder colocar dentro do território.

A ideia era fazer uma escola de agroecologia nas comunidades. Como seria isso? Fazer três dias de estudos na comunidade, para implementar o conceito da agroecologia. Bom, primeiro seria conhecer o lugar mesmo, fazer o mapeamento, no meu caso em três municípios. Não somente fazer as visitas, mas elaborar um trabalho bem parecido com o que foi o diálogo de saberes. Dentro do processo de formação com algumas famílias que sejam lideranças na comunidade. Isso foi elaborado e aí eu acho que conseguimos fazer três ou quatro visitas e veio

a pandemia, que criou obstáculos pra seguir com as visitas nas comunidades. Mas o projeto continuou, a gente fez vídeos bastante práticos, sobre planejamento da unidade produtiva, sobre como plantar, como fazer uma horta. Então todo esse processo de trabalho a gente terminou fazendo em vídeo, vídeo chamada, e em áudio visual. Depois a gente conseguiu fazer uma ou duas visitas dentro da pandemia. E aí o projeto se encaminhou para o encerramento. Mas, foi muito legal eu acho que a gente conseguiu fazer muitos vídeos bem animadores para o pessoal entender e poder fazer. E o diálogo era permanente, porque a gente criava um grupo de WhatsApp, e aí as consultas, as perguntas eles faziam e nós respondíamos fazendo vídeo e textos para facilitar a informação.”

*Cleidineide Pereira de Jesus – Bahia*



“Meu nome é Cleideneide, sou do interior da Bahia, município de Riacho de Santana, comunidade quilombola de Duas Lagoas e sou também militante do Movimento de Mulheres Camponesas, o MMC. A minha experiência com agroecologia antes de entrar na ELAA, eu já tinha uma certa proximidade por conta do movimento de mulheres. Então a gente já vinha debatendo sobre esse tema, sobre a inserção das mulheres e crianças também no processo da



agroecologia. E quando cheguei na ELAA, foi um espaço assim bastante construtivo, uma chave, na verdade, para juntar com as experiências do movimento, buscando também mais formação, a fim de aprimorar o conhecimento. Eu acredito que foram dois passos bem importantes, juntando esse início já com o debate do movimento até o momento que eu chego na ELAA e começo a fazer o curso. Meu ensino médio foi na escola família agrícola, curso técnico integrado em meio ambiente. Eu digo que é um pouco integrado também com a agroecologia, até porque as pautas que eram discutidas e os assuntos desde o tempo comunidade também, nosso compromisso era voltar para casa, para a comunidade buscando colocar em prática aquilo que era feito, as experiências da escola. Então teria que buscar junto com a comunidade toda e a família fazer a aplicação de alguma prática voltada para a proteção do meio ambiente, essa proteção é um processo da agroecologia. Também o não uso de defensivos químicos, buscar a produção e conservação das sementes crioulas. Então já é um debate bem próximo da agroecologia também.

A partir da formação que foi em abril de 2019, já em maio de 2019 eu fui acompanhar o escritório de mulheres (do MMC) lá no Distrito Federal, onde a gente trazia a questão da pauta das mulheres da agroecologia, dessa sobrevivência e resistência no campo, focado também no discurso da agroecologia e da produção pelas mulheres. Então foi fantástico também, por mais que a gente estivesse ali discutindo a luta por direitos, mas com isso não perdendo de vista esse ponto que era o trabalho das mulheres, que era não, que é o trabalho das mulheres. E a partir daí eu fiquei nove meses nesse trabalho, me conectei com o movimento de mulheres das cinco regiões do Brasil, porque cada semana ia um grupo de cada região do Brasil e aí era organizado esse coletivo de mulheres que a gente deu o nome Brigada Loiva Robenich que foi uma companheira do movimento de mulheres e a gente deu o nome a essa luta que era contra a reforma da previdência, pela não retirada do direito das mulheres, a permanência da aposentadoria para as mulheres do campo, pelo não aumento da idade, porque a gente sabe que isso sempre implica, para as mulheres, por mais que realmente para os homens também. A gente não estava só para as mulheres do campo, mas também para as da cidade. Foi uma atividade bem legal, mas também muito árdua, a gente vê o quanto nossos direitos são violados assim do dia para a noite e a gente percebe o quanto poucas pessoas pensam de verdade sobre isso, o quanto a gente também é alienada com tudo isso e se a gente não tiver acompanhando de perto nem sabe o que que tá acontecendo, só depois aparecem os resultados, quando a gente vai tentar acessar, a gente não consegue, muita gente não sabe nem por que e nem quando mudou.

Depois de um período em casa durante a pandemia, eu fui trabalhar lá no território Velho Chico, com essa experiência do ATER para mulheres. Antes eu já tinha ouvido falar da

caderneta agroecológica, quando eu entrei no movimento de mulheres, algumas mulheres já tinham adotado o uso da caderneta e falavam da importância, mas eu nunca tinha acompanhado isso de perto, nem tentado fazer o uso da mesma. E quando eu cheguei no ATER para as mulheres, a gente teve esse processo e aí chegou a vez da formação para a caderneta agroecológica, ela é fantástica de tudo, o quanto dá visibilidade para o trabalho das mulheres, porque aí algumas falavam assim “ó, às vezes o meu marido fala que eu não faço nada, mas é isso muitas coisas também que a gente não compra, e com a caderneta, eu anotando todo o dia, se eu fosse comprar isso todo dia, só agora que eu vejo mesmo o quanto a gente consegue produzir e muitas das vezes eu achei que não é nada.”. Então o quanto é invisibilizado esse trabalho.

Eu achei legal também nesse projeto essa discussão de não fazer esse olhar para a agroecologia só enquanto a produção a gente buscar um outro olhar mais humano também. Além de buscar a produção do pé de alface, vamos buscar como que chegou nesse processo da produção do pé de alface, né? Quem são as pessoas que estão por trás dessa produção? O que está por trás dessa atividade toda, então assim, é fantástico mesmo. Fazer esse olhar da agroecologia, além da produção, agroecologia não é só produção, no campo e na cidade, a gente consegue fazer agroecologia. Dentro desse processo também tiveram as oficinas, oficinas de gênero, invisibilidade, trabalho e quando eu saí estava no processo que eu não consegui participar mais, era oficina de violência contra a mulher do campo. Então é um processo que trazia bem marcado essa questão de gênero.

Aí eu vim para o trabalho que eu estou agora na AEDAS - Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social, que foi um trabalho bem desafiador, tá sendo na verdade, que é trabalhar com os atingidos e atingidas por barragens ou, no nosso caso, os atingidos pelo crime da Vale. Onde eu atuo é na região Paraopeba 2 e tudo isso me fez pensar também o quanto é violado nosso território, sabe? pelas grandes empresas e muitas das vezes a gente está só como os sujeitos passivos ali a sofrer um ataque a qualquer momento. Nesse trabalho, que está sendo bem desafiador, na questão da gente pensar tudo o que a gente tem, no caso desse território além de ser explorada nossas terras aqui em Minas tem a questão do minério, o quanto isso não tem um retorno bem visto na questão da conservação, simplesmente não é feito, então fica tudo de fato muito devastado, muito, muito, é triste.

E o choque que a gente tem também em lidar com as famílias que perderam tudo, algumas perderam família, tipo, pai, mãe, irmãos e ficou somente uma pessoa, de perder amigos, todos que conhecia e ficar sozinha. Então como que fica essa questão psicológica, essa questão de, vamos dizer, reintegrar de novo não é porque a área contaminada, o rio já está

contaminado e como que fica esse processo que é bem difícil, mas apesar de tudo isso, para mim tá sendo assim uma experiência fantástica. Muitas coisas não dependem só da gente, por que são acordos das instituições de justiça com o estado e com as assessorias técnicas que estão aí pra fazer tocar o projeto.

O foco do projeto é essa reparação integral. Tem também a equipe de gênero que faz esse olhar para os espaços da participação das mulheres e da produção. Então tem muitas coisas que conseguem ser contempladas, nesse sentido. Eu sou mobilizadora social, atuando nas comunidades, fazendo os repasses do acordo que está acontecendo no momento que eu estive com as instituições de justiça. A ideia é buscar essa integração, levar também a voz da população.”

*Danieli Bassanesi – Paraná*



Daniele Bassanesi é agricultora de Flor da Serra do Sul, Paraná, militante do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC

“A agroecologia por nome assim eu não conhecia, eu fico conhecendo quando eu entro para o movimento de mulheres camponesas, eu acho que da parte da minha mãe já tinha essa prática na nossa propriedade, mas a gente não dava esse nome pra isso, era produção sem

veneno, era produção para o consumo, mas agroecologia para mim foi um termo que eu fui conhecer quando eu entrei para o movimento por volta de 2014 – 2015.

A primeira coisa que me vem na cabeça quando fala da ELAA é de como eu ficava encantada quando eu olhava para aquela terra de lá e via a produção que tem nas agroflorestas, acho que é o primeiro ponto assim, que mais me marca. A formação política, aprendi muito e a vivência com pessoas de diferentes lugares e diferentes países, isso me fez aprender muito, acrescentou muito, acho que foi muito importante assim, esse troca.

Depois da conclusão do curso eu entrei no mestrado e segui tocando essa formação da agroecologia, o mestrado foi em agroecologia e desenvolvimento rural sustentável na UFS (Universidade da Fronteira Sul) em Laranjeira do Sul a pesquisa foi voltada para a agroecologia. Eu precisei pedir prorrogação, mas aí eu acho que a agroecologia esteve presente o tempo todo, eu estava dentro de um curso de agroecologia numa universidade conquistada pelos movimentos sociais, que tinha um peso muito grande. Nos primeiros seis meses, eu fiquei num projeto também conciliando com o mestrado, era um projeto dentro da universidade mesmo, no NEA (Núcleo de Estudos em Agroecologia) CANTU, onde a gente estava tocando uma horta mandala, e aí tinha visitas no assentamento para falar com as pessoas do assentamento sobre as hortas, tinha visitas das escolas do município, de outros municípios que vinham para conhecer a horta mandala.



E aí também no último ano, a gente estava ligado a uma associação no sudoeste do Paraná, a ASSESSOAR que também toca projetos com foco na agroecologia, a gente acessou um desses projetos chamado Horta

Pomar e estava tocando uma horta modelo lá na nossa propriedade, foram 70 hortas que saíram nesse projeto e era uma das formas que a gente encontrou na região de tocar a produção de uma forma agroecológica, porque na nossa região é bem complicado, são pequenas propriedades, mas o jeito que se trabalha, o tanto que se usa de veneno é muita coisa. E quando a gente fala de agroecologia é bem difícil, porque é difícil as pessoas saberem o que é, a única referência que a gente tem em agroecologia é a ASSESSOAR mesmo, que apesar de tratar da agroecologia

desde do princípio da existência da entidade, ainda é algo que engatinha, porque é difícil avançar com agroecologia na região.

Atualmente estou no Rio de Janeiro, continuo fazendo parte do Movimento de Mulheres Camponesas mas no momento um pouco distante, um pouco afastada porque no Rio de Janeiro a gente não tem base, aí estou me somando na brigada do MST aqui no Rio, em Maricá, em um processo de transição recém chegada no Rio de Janeiro.”

*Diego Rangel Fraga - Rio de Janeiro*



Diego é assentado no PDS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável) Osvaldo de Oliveira em Macaé - Rio de Janeiro e milita no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

“Hoje eu estou colaborando no setor de formação do movimento, não é exatamente setor, a gente está reconstruindo um coletivo de formação, para constituir um setor e estou ajudando a coordenar a Unidade Pedagógica de Agroecologia no acampamento Edson Nogueira.

Então assim, desde que eu conheci o movimento, os meus primeiros contatos foi por conta da agroecologia, né? Quando eu cheguei na Universidade Federal de Campos para fazer o curso de geografia, eu conheci um companheiro que era assentado e foi quem fez essa ponte com o movimento. E a minha primeira contribuição foi num coletivo de agroecologia do setor de produção do movimento, a gente começou a organizar, tentar organizar uns debates de agroecologia na universidade, que não surtiu muito efeito.

E aí depois eu fui mais um grupo de estudantes, a gente foi morar no assentamento junto com esse companheiro, com o Mineiro, éramos em quatro e a ideia era a gente experimentar na prática a agroecologia, porque a gente tentava fazer esse debate na universidade e não conseguia. Então lá a gente experimentou, foi onde eu comecei a experimentar agroecologia de fato, enquanto uma prática agrícola e tal, a gente fez horta, fizemos plantio consorciado, algumas caldas, composteira, tudo no sentido da gente experimentar e produzir comida.

Quando eu fui para o Rio, eu passei a acompanhar o assentamento onde hoje eu estou assentado, que é o PDS Osvaldo de Oliveira, isso foi a partir de 2013. E aí por ser um PDS,

uma modalidade diferenciada de assentamento, que tem a obrigatoriedade de trabalhar com a matriz agroecológica e tal, desde o princípio do acampamento, a gente trabalhou com as famílias na perspectiva de formar e capacitar a galera no campo da agroecologia. E aí eu participei também um pouco desse processo, do acampamento, das formações, capacitações. Quando saiu a emissão da posse em 2014, eu passei a acompanhar de forma mais sistemática a área e em 2015, eu vou morar lá junto com a comunidade. Aí a gente faz os debates, as formações para construção do PDS, que foi a primeira experiência do Rio de Janeiro, então foi muito um processo de experiência, tanto do Movimento aqui no Rio, quanto do próprio INCRA que não tinha feito uma modalidade dessas ainda, foi muito ali no exercício de fazer no cotidiano mesmo. Nós fomos conhecer outras experiências, a gente foi para a Barra do Turvo, foi para a região de Riberão Preto também, Assentamento Mário Lago.

E a questão da produção com uma matriz diferenciada, no nosso caso, a gente fez uma opção política por colocar a agroecologia ao invés de sei lá, o orgânico, nessa época (na época do ingresso no curso) eu estava na direção estadual pelo setor de produção e foi bem no período que eu estava fazendo o debate na direção estadual de ir para o assentamento pra ajudar nessa construção e nesse ponto da vida, eu já tinha abandonado o curso de geografia e a galera me cobrava muito, que eu voltasse a estudar, aí saiu o chamado da turma e a galera me deu uma enquadrada, cara! você precisa voltar a estudar, a gente está construindo um PDS e vai ser importante você fazer, então eu entrei no curso de agroecologia da ELAA.

Bem no período que a gente estava indo para a última etapa do nosso curso, que era entregar o trabalho e tudo mais, no acampamento a gente sofre um processo de despejo, e aí a forma que a gente tem de se defender do despejo é organizar a nossa escola, não é? Então, em uma semana nós montamos o curso, articulamos os parceiros necessários e começamos uma turma, a primeira turma de agroecologia, isso já em 2019. Foi muito esse processo assim da gente ir rebatendo a ameaça de despejo, construindo uma escola, foi um momento de muita aprendizagem. A gente não pode dar mole se não a gente vai perder a área, então a gente tem que estar constantemente construindo o nosso curso, a escola tem que estar funcionando. Era isso, uma escola que não tinha estrutura, as aulas aconteciam em baixo de pés de manga, um espaço completamente freiriano e tal e aí quando chovia, a gente ia pra um galpão. Então a gente fez muito no improviso assim, toda a semana, o que a gente trabalhou foi o seguinte, quais são os princípios que vão nortear a escola? era a pedagogia da alternância e a pedagogia do trabalho, e a gente ia organizando todo final de semana, sábado a parte teórica, domingo, a parte prática. E aí 2019 foi um ano de experimentação, de fevereiro até dezembro, a gente fez muitas

atividades, todo final de semana, nessa época a gente tinha um coletivo bom, assim, comprometido com a unidade pedagógica.

A partir do início da escola a gente obrigou a prefeitura a dialogar com a gente, a gente construiu um contrato de cessão de uso e uma das coisas que a gente pactua com o poder público é que a nossa escola vai ser uma escola aberta, então vai atender os acampados e vai atender a população em geral. E aí a gente tem muita



articulação com o movimento estudantil na região que tem duas UFs, uma em Rio das Ostras outra em Macaé, tem a UFRJ, tem o IF, tem uma molecadinha muito boa assim que acompanha os processos, então é basicamente os acampados e o movimento estudantil de Macaé e Rio das Ostras. Esse ano, o que a gente está dando conta são esses três cursos, o EJA, o curso básico de agroecologia e o agente popular de saúde, mas a gente pretende abrir mais, fazer mais coisas, até porque tem as demandas internas também do acampamento. Então esse ano a gente fez, o curso de formação, um curso básico assim, como fazer uma reunião, quais os papéis dos setores, explicar a organicidade do movimento a partir da demanda interna dos próprios acampados, a medida que vai aparecendo a demanda também no acampamento a gente vai organizando para dar conta. E agora como a gente está organizando o coletivo de formação a nível estadual, outras demandas também foram aparecendo e aí a unidade pedagógica é um dos instrumento que a gente tem para atender.”

*Ana Karoline Rodrigues Dias – Ceará*

Ana Karoline Rodrigues Dias, é agricultora assentada no assentamento Palmares em Crateús no Ceará, militante do MST.

“Desde que eu retornei depois do curso, eu tenho me inserido na militância do Movimento (MST) primeiro no setor estadual de educação vinculado a outros setores. Agora estou fazendo parte de duas frentes do setor de produção, a frente de formação de pessoas e a



frente de produção e agroecologia, entre outras coisas. Sou agricultora, filha de agricultora, neta de agricultora, assentada da reforma agrária. A gente teve esse vínculo com o trabalho agrícola desde muito pequena, sempre vivendo nesse meio. Então, a formação em agroecologia, ela vem muito mais para complementar aquilo que a gente já fazia de forma menos

qualificada tecnicamente, digamos assim.

Eu estudei pedagogia e depois trabalhei com comunicação popular, aliás antes de começar a trabalhar a comunicação popular, eu trabalhava num projeto de extensão da Universidade Federal daqui (Ceará) e a gente fazia monitoramento e avaliação de projetos que utilizavam recursos governamentais, eu tive a oportunidade de conhecer muitas experiências de organização da produção financiadas e apoiadas por recursos governamentais, através de diversos projetos. Então a gente ia conhecendo várias experiências que tinham esse vínculo, que a gente compreende como agroecologia. Aí depois eu fui trabalhar com comunicação popular na ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro, mais especificamente numa ONG dentro dessa articulação, com a tarefa de fazer a sistematização de experiências de convivência com o semiárido, porque a gente também entende por agroecologia, a convivência com o ambiente, então tem esse sentido, as experiências agroecológicas que possibilitavam a melhor convivência com o semiárido.

E fui participando de encontros de agricultura de agricultores experimentadores, várias ações voltadas para essa perspectiva agroecológica, aí fui pesquisando e comprando livros, tentando entender melhor, nesse meio de caminho, eu fiz uma especialização também em educação do campo e convivência com o semiárido cearense e tudo isso foi se tornando insuficiente no sentido da formação mesmo e eu fui buscar cursos de formação que se aprofundassem mais no tema da agroecologia, fui para a internet pesquisar e encontrei o curso da Escola Latina, então eu entrei em contato com pessoal de lá, também pelo vínculo com movimento, a gente passou um ano se articulando, conversando, enquanto estava previsto para começar o curso, a gente ia se comunicando e articulando a minha ida para o Paraná, para o Assentamento Contestado. Quando estava para começar o curso, em 2015, eu fui convidada a



ir antes para fazer parte de uma equipe que ia iniciar um trabalho com assistência técnica pela parceria da Cooperativa Terra Livre com a Associação Regional das Casas Familiares Rurais da Região Sul, precisava de uma pessoa que tivesse formação na área social para compor a equipe técnica. Eu fui antes de começar o curso para fazer parte dessa equipe, com a ideia de que depois eu ia conseguir estudar e trabalhar, doce engano.

Aí eu fiquei trabalhando, fui em março de 2015 para o Contestado e fiquei na equipe técnica até que a gente teve a etapa preparatória e ficou inviável conciliar as duas coisas, o estudo e o trabalho na Cooperativa que era uma chamada pública de ATER e agroecologia. Então eu pensei, se eu tenho que priorizar, eu vim para estudar, era prioridade, se não dá para fazer as duas coisas, eu opto pelo curso. Foi quando eu fiquei ainda contribuindo, naquele período que a gente ficou aguardando, teve a etapa preparatória em um ano e só começou no ano seguinte, nisso ainda fiquei contribuindo alguns meses até conseguir encontrar a pessoa para substituir na equipe. Então fiquei lá aguardando o início do curso e contribuindo com a escola nesse período.

Logo depois da conclusão do curso fiz essa viagem pra Guatemala, passei 6 meses lá, vivenciando a realidade das comunidades camponesas. O intercâmbio tinha esse enfoque, nesse formato de intercâmbio que é em parceria com uma organização da Noruega que financia intercâmbios entre Brasil, Colômbia e Guatemala. Aí para dar uma intencionalidade mais política mesmo, para o intercâmbio, começaram a definir temas, a gente aqui do Brasil para a Guatemala, foi com o enfoque de mulheres, agroecologia e cooperação. Foram duas pessoas, então eu fui com essa tarefa, digamos assim, de conhecer as experiências das mulheres com agroecologia e fazer essa troca de compartilhar o que a gente tinha das nossas experiências de avanços a partir das áreas nossas do movimento (MST).

A gente passou nesses 6 meses lá conhecendo as comunidades camponesas. É uma realidade muito mais difícil do que eu já tinha conhecido aqui na nossa região, muito tenso. A situação das comunidades camponesas indígenas, a infraestrutura é muito precária, não tem acesso à terra, uma luta muito dura para ter acesso à terra. O dirigente do movimento que andava com a gente, andava com escolta armada então imagina o risco também que a gente correu, claro que tinha toda uma articulação pra gente poder ir para as comunidades, mas nada tranquila.

A gente conheceu diversas experiências não só relacionadas à produção, são duas organizações que acolhem quem vai no intercâmbio, tem uma que tem muita similaridade com o MST, que é o Comitê de Unidade Camponesa que faz a luta pela terra, pela reforma agrária integral, que faz essa luta pela desapropriação de áreas com os povos camponeses e indígenas,

porque tem uma população muito indígena ainda lá. E a outra organização é a Coordenação Nacional de Viúvas de Guatemala, é uma organização, uma ordem surgida justamente das mulheres que ficaram viúvas a partir do assassinato dos seus esposos, durante esse o período de conflito armado recente que existiu no país.

É isso, a gente foi vivenciar a realidade das comunidades camponesas, aí tinha as atividades, a gente fazia o trabalho em conjunto, desafiaram a gente a conduzir algumas oficinas, aí vem aquela coisa que a gente sente falta da formação técnica porque a gente tem que ter alguma informação para poder partilhar. Também conhecemos essa realidade da luta pela Terra, mas também a da resistência das mulheres, dos processos de formação que elas vêm organizando para recuperar as práticas agroecológicas. Agora já tem esse impulso às práticas agroecológicas muito conduzidas pelas mulheres. Lá a gente conheceu várias experiências, participou, trabalhou junto, foi muito interessante. Tem muita produção de hortaliça e das regiões que a gente foi tinha produção de café, cardamomo, a milpa que a gente chama, mas só que era milho, feijão e pimenta, nas regiões que a gente foi tinha pimenta pra comercializar mas muito para consumo também. Conhecemos algumas experiências de agroindustrialização, outras de algumas comunidades que elas já começaram com a definição de que a produção não podia ter uso de veneno, então a experiência de produção de hortaliças em mandala. Conhecemos também as experiências com monocultivo, que ainda tem bastante monocultivo de banana, de dendê que lá chama palma azeiteira, nessas experiências que as mulheres vêm trabalhando com apoio também de incentivo de cooperação externa, mas a partir delas a produção muito de hortaliças e de frutíferas para consumo, para beneficiamento e comercialização.

Depois que eu retornei da Guatemala, uns quinze dias depois, a gente teve um encontro estadual do MST, nesse encontro já me escalaram para o setor de educação, estava precisando de pessoas para contribuir na preparação dos cursos técnicos, um em agroecologia e outro em administração, a gente quer ofertar os dois cursos nas dez escolas de ensino médio do campo em funcionamento. Aí entre tensões e negociações, acaba que a gente vai começar agora, em função da pandemia, teve todo um atraso. A gente vai começar agora em duas escolas, para gente tirar os aprendizados, para depois conseguir ampliar para as demais 8 escolas, mas muito desafio. Então a gente vem preparando material de estudo, apostila e fazendo as negociações necessárias com a própria secretaria de educação estadual. Já está tudo aprovado e já está para iniciar quatro turmas, duas de agroecologia e duas de administração vão funcionar.

No setor de educação a gente já vinha fazendo nos assentamentos um trabalho com a metodologia campesino a campesino, a gente estava com uma experiência em um assentamento

com esse enfoque na territorialização da agroecologia, experimentando os passos de processo da metodologia e quando eu chego, que entro para o setor de educação, está em plena discussão como que a gente faz para ampliar para outros territórios, aí a gente pensava que seria interessante que a gente experimentasse em todos os assentamentos, mas aí numa semana pedagógica das escolas do campo, a gente teve uma oficina sobre a metodologia e definimos que a gente não tinha condições, quer dizer, entendemos que a gente não tinha condições de ampliar para todos os assentamentos que a gente tem na base de 264, 265 assentamentos aqui no estado. Então definimos começar onde estão situadas as escolas, são dez assentamentos e onde estão situados os sistemas produtivos que a gente tem cinco sistemas produtivos em funcionamento. Tem assentamento que tem a escola e o sistema produtivo, a gente priorizou, começar por aí, por onde a gente tem essas forças mais atuantes.

Então são treze assentamentos de início, com o andar das atividades, com os processos que a gente foi fazendo mais três assentamentos a partir da demanda da brigada, foram sendo somados, então estamos com dezesseis assentamentos. A definição naquele período da semana pedagógica foi no início de 2020, só que em seguida já começou a pandemia, precisamos nos reorganizar para poder dar conta de avançar com as atividades. Elaboramos umas propostas de projeto e colocamos para esses editais de apoio financeiro e aí conseguimos aprovação de um projeto para trabalhar com a metodologia com enfoque na formação das mulheres como promotoras da agroecologia dos territórios, pensar na territorialização da agroecologia a partir, principalmente das experiências das mulheres, dos quintais produtivos. Quando o projeto nosso foi aprovado, a gente começou formando coletivo de pelo menos dez mulheres em cada um desses assentamentos, então fizemos um coletivo ampliado no estado de 160 mulheres. A gente foi fazendo formações virtuais, definimos uma coordenação Inter setorial para conduzir, para pensar estrategicamente, planejar as atividades para a gente fazer todo mês um encontro de formação virtual.

E assim, com todos os limites com as dificuldades, que estas plataformas trazem, da gente se apropriar delas. Elas também com dificuldade, a gente articulava para o pessoal reproduzir, projetar nas escolas, enfim, a gente conseguiu avançar bastante. Com essas formações virtuais e em diálogo também com elas para definir quais eram os temas que elas tinham interesse de estudar na agroecologia, pensando na formação, na dimensão técnica, política, agroecológica, na dimensão feminista, o feminismo camponês e popular. Fomos estudando com elas e desenvolvendo.”

*Tiago de Oliveira Paiva – Rondônia*

“Meu nome é Tiago, sou natural de Rondônia, sou filho de paranaenses. Meus pais, eles são naturais do Paraná, foram para Rondônia ainda crianças naquela política de governo da época, não me lembro bem ao certo quem era o presidente, mas o nome da política era “terra em gente para gente sem terra”. Então, surgia muito conflito aqui no sul por terra e o território ao norte do estado como um todo, despovoado, então meus pais foram para lá nesse



período, foram com os meus avós. Eles se conheceram lá e se casaram lá, mas os dois são paranaenses. Eu sou natural mesmo de Rondônia, fui criado por uma família religiosa, mas aquele religioso católico ainda combativo, da época das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), do surgimento das lutas sociais no campo, onde a CPT (Coordenação Pastoral da Terra) organizava acampamentos. E no norte do estado, era muito forte isso. Enquanto aqui no sul foram se perdendo essas características combativas da igreja, no norte, como era uma área nova ainda e muito mais precária, a produção das famílias, cidade longe, malária, doença. Então assim, a igreja era a principal ferramenta de luta dos povos lá, as romarias da Terra eram eventos onde surgiam pautas que pressionavam o governo, pressionavam os municípios a resolverem demandas do povo, então cresci nesse meio.

O primeiro contato que eu tive com lutas sociais foi através das CEBS, que são as comunidades eclesiais de bases, que eram organizadas pela igreja. Hoje em dia ainda existe em Rondônia, porém com um caráter bem menos combativo do que tinha na época, mas ainda existem. Então cresci nesse processo, meu pai e minha mãe, sindicalistas também, filiados ao sindicato dos trabalhadores rurais. Então mais grande, um pouco mais adolescente esse foi o segundo contato que eu tive com a luta, através dos sindicatos, que na minha cidade era ligado ao movimento de pequenos agricultores, um período antes de eu ter contato, ele era ligado a FETAGRO, que é a federação sindicalista do estado, semelhante a FETRAF e no meu município, o sindicato era ligado ao MPA – Movimento de Pequenos Agricultores e justamente

foi o terceiro contato que eu tive então com a luta que foi onde eu ingressei, de fato, na militância. Através dos sindicatos eu conheci o MPA, fui convidado para algumas atividades, logo de cara fui pra uma atividade de formação na Bahia, em Juazeiro, fiquei 45 dias e lá de fato é que desponta o meu interesse pelas lutas sociais, eu acho que eu estava com 18 para 19 anos.

Voltei para o estado depois desse processo de formação, daí ingressei nos coletivos de juventude e aí fui fazendo a escola de formação, fui criando consciência política, a gente vai se aprimorando, até chegar de fato nas instâncias do movimento. E quando eu tive contato com a ELAA foi através do movimento, o MPA que é ligado à Via Campesina, recebi a informação que tinham surgido essas vagas no curso de agroecologia.

E era isso, o contato com a agroecologia, com o termo agroecologia foi na ELAA, porém, eu já tinha contato também através das CEBs com experiências que batiam contra os transgênicos, contra os agrotóxicos, contra uma série de coisas, contra a queimada. A igreja tinha as suas próprias pautas, a própria Romaria da Terra, tinha seus temas, eu me lembro de um tema da Romaria da Terra que era sobre as águas, sobre a preservação das águas, uma romaria até que era contra os agrotóxicos, contra a entrada dos transgênicos, então a gente tinha esses tipos de contato. E depois que eu ingressei no MPA também, um dos princípios do movimento é defender agroecologia, defender e ajudar a construir a agroecologia. Então aí eu comecei a ter contato com o termo agroecologia, porque pra isso a gente usa vários termos informalmente, agricultura natural, agricultura orgânica, plantar sem veneno, mas o termo agroecologia surge na minha cabeça como uma construção bem depois, já na ELAA.

Logo depois que eu me formei, a escola, entrou em contato com o MPA de Rondônia, pra que eu pudesse vir contribuir na escola por um período de dois anos. Inicialmente no setor de produção, porque era o setor que estava com mais falta de pessoas para desenvolver as atividades da ELAA. Então a gente dinamizou muita coisa assim da ELAA -eu sinto assim que não só minha contribuição, mas minha e do Fernando que também é um educando que se formou na quarta turma de agroecologia e que hoje também está atuando no setor de produção da ELAA - que para o processo de formação da escola, na minha concepção fez com que evoluísse bastante.

Primeira coisa, que a gente achava muito contraditório para as pessoas que vinham conhecer a ELAA e até para os próprios educandos eu me senti assim quando cheguei, a gente está num território que se propõem a construir a agroecologia, se propõem a ser referência nessa construção da agroecologia, porém, que pouco uso se faz de fato da agroecologia dentro desse espaço. Então nossa alimentação é muito pouco proveniente das nossas experiências, ali na

escola, nossa renda tampouco, então como que a gente vai provar para os outros e afirmar que a agroecologia ela é sustentável em si, se nem economicamente a gente consegue provar que ela é sustentável. A gente bate muito que ambientalmente ela é sustentável, mas se tratando do financeiro a gente não consegue. Então a gente construiu a experiência de fazer uma cotação dentro do setor de produção em que a gente fizesse um levantamento do que era comprado pela escola no mercado, na cidade que isso fosse comprado do setor de produção. Ou seja, o setor de produção forneceria para escola e a escola compraria de setor de produção e isso financiaria a próxima produção.

A tendência era que a gente caminhasse para uma independência financeira do externo, então você trabalharia dentro do setor de produção com a produção se tratando da proteína animal, porco e galinha vamos supor, se analisaria quais os custos de produção de 1 kg de porco e repassaria isto para a cozinha somente pelo custo de produção, sem valor agregado nenhum, isso criaria um ciclo, porque o que era de resto de comida na cozinha, retornaria para a produção animal, para os porcos, para as galinhas e isso baixaria o custo de produção, o que automaticamente baixaria o preço para a cozinha e assim iria fechando esse ciclo. Esse foi o primeiro processo dinâmico que a gente propôs na escola e que vem fluindo, vem funcionando. Agora a gente está na escola com a produção de porco, galinha, ovelha e vaca e inclusive, o leite que a gente está consumindo na escola hoje, zero vem de fora, tudo é das vacas da escola.



Esse para mim foi um processo de construção ali na estrutura de produção que foi através da nossa formação aqui que a gente chegou a essa ideia. Então, essa foi uma contribuição, passando pelo setor de produção, que eu acho que foi fundamental para evolução do processo formativo

da ELAA, porque hoje as visitas chegam na escola, a gente consegue dizer para elas, olha parte da nossa alimentação vem do setor de produção e parte do dinheiro que financia o setor de produção, vem da cozinha, então fecha um ciclo dentro da ELAA.

Aí eu fiquei no setor de produção e a gente definiu, conseguiu acertar toda a papelada, documentação para sair a quinta turma de agroecologia, daí surgiu a necessidade de alguém que estivesse disponível para acompanhar a quinta turma de agroecologia pela CPP (Coordenação Político Pedagógica). Tinham que ser pessoas, para além de ser pedagogo, pessoas que passaram por essa experiência, então assim, não seria qualquer pessoa formada em pedagogia para formar a CPP. O ideal é que fosse alguém que tivesse também essa experiência como educando da ELAA e da agroecologia, então eu fui indicado.

E aí a gente deixou de trabalhar com o diálogo de saberes na escola, porque na nossa análise, estava esgotado no assentamento, fazendo uma análise que a gente fez, são quatro turmas, então são quase doze anos, as mesmas famílias recebendo educandos, fazendo as mesmas perguntas e chegando quase sempre as mesmas conclusões. Então isso já estava em um nível de saturação nas famílias e até com a própria escola, que pra gente chegar nas famílias e pedir para receber educando, tinha família recusando então a gente chegou a essa concepção, olha o diálogo de saberes é uma ferramenta importantíssima na formação, mas que a gente conseguiria, talvez através de outras ferramentas, chegar onde o diálogo de saberes propunha que a gente chegasse.

Então a gente começou a debater o que a gente iria construir como alternativa para esse processo, daí a gente resgatou lá da terceira turma, uma experiência que se iniciou e não foi concluída, o nome da experiência é UCA, que é Unidade Camponesa de Agroecologia. Isso começou a ser trabalhado lá e se perdeu no meio do caminho e a gente foi resgatar, a gente foi estudar o que tinha e a gente optou por trabalhar com as UCA's. E o que seria o processo das Unidades Camponesas de Agroecologia? a gente tá construindo ainda, mas daqui para frente a proposta é que todas as turmas que passarem pela Escola Latina de Agroecologia seja dividida por aptidão, nos temas que a gente pré-definiu, então hoje tem a Unidade Camponesa de Agroecologia de sementes crioulas, de pomar agroecológico, de agrofloresta, de Bioinsumos e de produção animal.

Então a gente tem todas essas UCA's para que a turma se divida entre elas por aptidão e os educandos vão trabalhar todo esse processo prático, é a coisa dos laboratórios vivos, hoje eles existem dentro da turma, eles vão existir como espaços de experimentação. Para ajudar na construção da escrita dos TCC's a proposta das UCA's é que também os TCC's saiam de dentro das experiências das UCA's, baseado no conhecimento que já vai se construir ao longo do

curso, é importante frisar que isso começou desde a primeira etapa e a proposta é que siga até a última etapa.

Dentro disso, o processo de construção da escrita do projeto. Eles vão construir um projeto de pesquisa, que seja aplicável na ELAA, por exemplo, quem vai trabalhar com o pomar agroecológico, eles vão fazer um projeto de implantação de um pomar agroecológico e eles vão sistematizar, escrever ao longo de todo o processo. Qual a contribuição política que isso vai ter, tanto no território da ELAA quanto teria em um território deles que eles fossem construir a mesma experiência e qual o avanço político disso? Qual a sustentabilidade econômica, social, política, dessa experiência? E tudo isso utilizando-se do método do materialismo histórico dialético para a construção de dessa UCA.

É um processo que eu ainda tenho receio porque a gente está bem no começo, mas que eu acho que pode dar muito certo aqui na escola. A partir de agora toda a turma vai deixar o seu legado na escola, a sua experimentação como experiência para as próximas turmas e para além disso o conhecimento, porque aí assim lá no final do curso eles vão ter que fazer a defesa dessa UCA, eles vão ter que convencer quem estiver assistindo o seminário de que realmente a UCA, que é uma experiência agroecológica, portanto, é a construção da agroecologia, tem toda a sua viabilidade política, econômica, social, cultural.

Então esta construção, que eles vão ter que fazer, a gente não teve a oportunidade. Então se lá no final eles vão ter que defender isso, é sinal que eles vão sair, se eles conseguirem convencer a gente, sinal que eles estão preparados para atuar em qualquer processo, em qualquer lugar, diante dessa formação.

Eu estou acompanhando a UCA de sementes, foi outro detalhe que eu esqueci de falar em cada UCA tem uma pessoa da CPP e da produção acompanhando, essa pessoa vai dar suporte técnico e político. Então assim a nossa proposta é construir uma casa de sementes na ELAA para armazenamento de sementes, dentro da programação do nosso projeto está a realizar pelo menos duas oficinas, de conservação de semente e de reprodução de sementes e até mesmo feiras para a troca de sementes.

Depois que voltou da pandemia, impressionante assim é uma visita atrás da outra, sabe? Porque parece que o pessoal foi acumulando na fila ali quando abriu a porteira, veio todo mundo. E aí esses espaços da UCA's são também espaços que vão ser abertos à visitação externa, toda vez que uma visita vier na escola, essas UCAs vão ser apresentadas para essa visita e dizer, ó, essa aqui foi uma experiência que foi construída pela turma tal, utilizaram de tal estratégia para isso, de tal metodologia para construir isso aqui.



A ideia é explorar esse potencial para atrair as pessoas e realmente ter a ELAA como uma referência em agroecologia, todas as UCAs tem esse potencial e também é uma estratégia que a gente adotou pra economicamente a gente se manter e tornar a ELAA cada vez mais referência mesmo na região. A medida que o governo Bolsonaro foi sucateando o que a gente tinha de referências no estado, que era o CPRA, que era experiências da EMATER, a gente precisa ir potencializando outras que são nossas para que a gente não se perca, né? Então o que a gente tem de experiências ali, no CPRA e que foram sendo sucateadas, no órgãos do governo, na Embrapa, a gente traz para nós e vamos trabalhar aqui. Quanto mais referência a gente conseguir se tornar para esse público, mais a escola vai ser bem vista e mais procurada para esse ponto de vista de formação das turmas.”

*Hudson Vialetto de Oliveira – Espírito Santo*



“Meu nome é Hudson, eu sou do estado do Espírito Santo, do município de Nova Venécia e faço parte do Movimento Sem Terra (MST), contribuo e faço parte do acampamento

Ondina Dias, inserido na Brigada Irmã Dorothy, que tem cerca de 80 famílias do campo e da cidade. Então agora eu estou na coordenação, organizando e puxando a formação do acampamento.

Antes de entrar curso de agroecologia da ELAA eu já meio que conhecia, já estudava e em parte tentava praticar também a agroecologia. Desde a adolescência e juventude, eu tive o meu primeiro contato na escola família agrícola durante o ensino médio, a agroecologia fazia parte da grade curricular do curso da Escola Família Agrícola de Chapadinha. Que também era um centro de educação e pedagogia da alternância e era um curso técnico em agropecuária, mas os professores levaram muito em conta a agroecologia. E aí, dentre os poucos que se interessava na agroecologia eu era um dos que estava no meio e depois do curso eu continuei, tentei ver formas de aplicar a agroecologia na minha prática, na propriedade rural, mas também busquei formas de me organizar. A gente entende que na agroecologia é muito importante a construção da organização coletiva, então entrei na Pastoral da Juventude Rural (PJR), lá eu trabalhava na assistência técnica, na orientação de alguns grupos de produção de jovens e aí com o tempo eu fui indicado para o curso de agroecologia da ELAA pela PJR.

Olha, eu acredito que desde que eu saí da ELAA estou tentando aplicar a agroecologia, pôr o que eu aprendi em prática. O primeiro espaço foi o movimento (MST), eu não queria fazer aquele primeiro embate de começo em casa, então o primeiro espaço que eu corri atrás foi no movimento. A gente começa ali no acampamento e tem a questão da própria organicidade do MST, a partir disso, a gente vem tentando construir um grupo regional. No meu município é bem forte a agroecologia, se você comparar com outras regiões, tem bastante produtores e um pouco, eu já me sentia parte dessa rede, aqui já existia esse movimento de agroecologia, mas é muito essa agroecologia de ONG, às vezes sem um posicionamento firme político.

Já nos assentamentos daqui da região, a leitura que eu faço é que estão um pouco abandonados, não tem um acompanhamento, não tem esse incentivo pra agroecologia. E a partir do acampamento, da coordenação, do dirigente nosso, nós estamos tentando ressuscitar a agroecologia dentro dos espaços de assentamento, eu sinto que isso também é um pouco de fruto do que eu aprendi na ELAA, desde as atividades que eu falava, dos círculos de cultura, das reuniões de núcleo e tudo mais, hoje eu sinto que era uma forma de preparação, por exemplo, pra ter o entendimento de como funciona um acampamento, hoje eu consigo ver bem nítido, fazer essa comparação.

Quando eu saio da ELAA, quando a gente concluiu o curso, eu estava naquele processo de ir para Antonina, mas já sabia que não ia ter condição de permanecer lá, então eu já terminei o curso na intenção de retornar pra cá pra casa. Aqui a gente é uma propriedade convencional,

dependente e presa na cadeia do agronegócio do café, nessa cadeia produtiva. Além disso, somos uma família muito endividada, eu estou tentando primeiro resolver um pouco as partes das dívidas e até mesmo a questão de produtividade e tudo mais daqui da roça, porque até mesmo para o sistema convencional, a gente tem uma produtividade muito baixa. Nesse processo eu estou tentando aplicar dentro do que aprendi da agroecologia, melhorar a questão de solo, a qualidade dos solos, a questão de adubação, eu até fiz umas caldas de experiência, mas é esse processo lento, em resumo, eu estou numa transição que eu não botei metas. Nessa transição agroecológica aqui em casa, eu estou com áreas minhas, onde eu consegui fazer mais práticas, avançar nessas pequenas áreas, desenvolver ali pra quem sabe depois irradiar.

Além disso, do trabalho aqui na roça, eu tô no acampamento Ondina Dias, lá de início a gente estava desenvolvendo práticas, mutirões, atividades de estudo, mas eu fui entrando muito nessa questão da coordenação e um pouco assumindo essa parte de puxar as frentes, até por entender um pouco dessa organicidade, aí eu fui assumindo o papel de formação. Até para pensar mesmo, quem sabe, um cursinho de agroecologia, pros acampados é um pouco responsabilidade minha.

E a gente não consegue avançar muito nesse processo, por causa do período mesmo que a gente tá vivendo e que a gente viveu, passou pandemia, as famílias passaram vários perrengues, então tem até a questão de ânimo, a gente estar durante o governo Bolsonaro e permanecer animado com a luta pela Terra é para quem de fato quer. É isso, eu estou num papel de militante, ajudando a puxar a formação e o debate da agroecologia. A gente está fazendo esse trabalho todo de tentar aproximar os assentamentos, aproximar os assentados mesmo, porque uma das estratégias nossa é construir uma rede de cooperativas, para conseguir fazer comercialização, conseguir ter assistência técnica para as famílias, incentivar a agroecologia.

A região aqui é muito ligada ao café e a pimenta, já a produção de alimentos que na nossa região tem muito potencial, é pouco explorada, inclusive nos assentamentos, que era para ter, de repente, essa visão de aproveitar melhor a terra. A gente fez esse debate na nossa regional de criar uma entidade jurídica para poder avançar no estudo da agroecologia, a gente tá chamando de centro de agroecologia, está tudo no plano das ideias ainda, estamos construindo. E nesse último período agora que parece que, de fato, está começando a fluir de verdade, a gente está conseguindo fazer trabalho de base na cidade, está conseguindo estabelecer a organicidade no acampamento. E tem uma proposta do encontro para a gente formalizar essas questões de compromisso dos assentados, dos assentamentos e a partir disso aí nós estamos querendo criar um processo revolucionário aqui no Espírito Santo.

Por aqui não existe mais tanto conflito por terra, conflito agrário, embora ainda existam, mas não é como antigamente. E da questão da agroecologia aqui na região, surgiu um pouco organizado pela igreja, tinha um padre que começou falando sobre isso nas comunidades, começou a falar, investigar e depois de um tempo, surgiu um coletivo desses agricultores que foram estudar a agroecologia e então se organizaram pra obter a certificação orgânica. Hoje existe essa associação de agroecologia daqui no município, eu acredito que eles tenham em torno de uns 40 a 50 agricultores. Aqui no estado são poucas iniciativas como essa, então esse movimento dos produtores agroecológicos é referência na região, porém é uma realidade diferente dos assentamentos, onde a gente tem sempre aquela questão das famílias com menores condições de renda, que mesmo assentadas, as famílias continuam à margem da sociedade. Então o debate da agroecologia, tem que fazer todo esse processo de avaliação econômica e a questão cultural, porque são famílias muitas vezes totalmente habituadas ao trabalho no sistema convencional, que é imposto na nossa região. Mas é o espaço que a gente tem para debater, o MST tem potencial da gente se desenvolver e fazer daqui da região até mais forte.

Se o MST tivesse aqui no município 50% das propriedades agroecológicas, nossa, era produção de alimento pra abastecer o estado todo, porque só no meu município são treze assentamentos, então você começa a imaginar, e aí pensa esses assentamentos organizados numa cooperativa, com assistência técnica, podendo comercializar, estamos nessa luta. E aí mais uma informação é que o estado do Espírito Santo é bem bolsonarista, os agricultores aqui da região também são bem bolsonaristas, então é um debate tanto de classe, quanto um enfrentamento. É muita coisa que a gente tem pra fazer, é uma tarefa bem grandinha que nós estamos propondo aí.”

*Fernando Schalm Rinaldi – Paraná*

“Eu sou o Fernando, sou agricultor e meus pais são agricultores e sempre foram, antes mesmo de entrar no movimento (MST). Aí a partir do movimento foram entrando nessa luta pela terra sonhada, na busca por autonomia, porque eles eram agricultores mas trabalhavam pros outros, em um chácara privada, não eram donos do seu pedaço de chão. Hoje eu tô contribuindo no setor de produção da ELAA e tenho meu cadastro em Castro, vai fazer três anos que eu sou pré-assentado lá no Acampamento Maria Rosa.



Sou militante do MST, já desde 2002. Minha inserção no movimento eu ainda era criança, a partir disso eu estudei um período nas escolas itinerantes. Aí em seguida, começando o ensino médio, fui fazer o técnico em agropecuária e conheci a agroecologia. Esse foi o primeiro contato, assim com o tema da agroecologia em si, foi muito mais na parte teórica, não vivenciei muito da prática da agroecologia, mas surgiu após isso um interesse em conhecer um pouco mais.

A partir da minha formação como técnico no ensino médio eu fui fazer uma preparatória para entrar na turma de agronomia, no Rio Grande do Sul, por fim não deu certo e eu acabei vindo pra Escola Latina. Então eu tive o primeiro contato com a ELAA em 2015 e resolvi me desafiar a entender um pouco mais da agroecologia, tanto na teoria quanto na prática. Essa foi a minha inserção mais direta com agroecologia, a partir do movimento, talvez se eu não tivesse sido do MST eu não teria nem conhecido a agroecologia.

Então, a princípio, para dentro da minha comunidade, eu acho que do período de 2015 quando teve a preparatória até o 2019, que foi no período de encerramento do curso, acho que foi possível estimular dentro do assentamento da minha família, incentivar algumas família e mostrar um pouco do que é a agroecologia, todo seu benefício. Hoje a gente tem um assentamento lá com 57 famílias, não é muito mas já temos umas quatro famílias que são dedicadas hoje e produzem de forma orgânica e também já despertou curiosidade em outras

peessoas. Então a gente vai semeando ali e acaba que as coisas vão avançando. Talvez não consegui fazer com que minha família produzisse de forma mais orgânica. A minha meta era eu produzir lá, começar a fazer a transição, até começamos, mas como eu acabei vindo de vez para escola, esse processo acabou não se desenvolvendo.

Mas eu acho que o maior avanço é no processo da escola mesmo, de a gente colocar na prática, tudo o que a gente veio acumulando durante o curso. E como a escola tem o seu papel principal da formação, então tudo o que a gente faz aqui na escola tem que ser pensado pra que seja pedagógico. Então, todos os processos que a gente pensa enquanto setor de produção hoje a gente pensa isso, desde plantar um pé de alface, podar uma árvore ou ter uma criação de animais, então tudo não é só plantar, tudo tem uma explicação. Como tem muitas visitas, a escola tá recebendo bastante visita. Então são pessoas que talvez só vê um pé de alface na quitanda e quando ele vivencia aqui o processo, desde o preparo do solo até o colher do alimento, organizar para poder embalar ou para consumir no espaço da escolas, então tudo gera um entusiasmo de conhecer o processo.

Eu ainda peguei esse processo da pandemia, logo quando cheguei na escola já como integrante do setor de produção e deu uma parada em todo esse fluxo. Mas aí também surgiu a necessidade das “Marmitas da Terra”, das ações de solidariedade e para nós da escola foi bom, por mais que era um processo que a gente estava naquele pânico da pandemia ainda, a gente começou a fazer uns mutirões aqui, onde trazia os voluntários de Curitiba e região metropolitana pra vivenciar o trabalho prático na escola e no assentamento. Então, todos os sábados, estamos com essa continuidade, faz dois anos esse trabalho, todos os sábados, vem um grupo de voluntários, uma média de 15 a 25, às vezes até 100 pessoas, dependendo da necessidade nossa aqui. No sábado é feito um mutirão, eu faço parte dessa coordenação aqui da escola, na parte mais técnica dos processos, pelo setor de produção, coordenando os mutirões das “Marmitas da Terra”. Tem pessoas que estão presentes nesse período de dois anos, nesse processo e já está atuando praticamente todo sábado e aí a gente percebe que a pessoa vai avançando de nível, são pessoas que chegaram e não sabiam nem pegar uma enxada, não sabiam como que fazia ali o preparo de solo, mas que logo ele foi avançando, então hoje a gente já consegue dividir tarefas com ele e deixar ele sozinho, no espaço de trabalho que eu fazia a orientação, agora eles já conseguem fazer. E é isso, vem gente trabalhadora que tá nesse processo de pobreza e que vem para cá doar um pouco do que tem, que é um trabalho voluntário, até juiz, então tem uma diversidade de pessoas aqui que é coisa de louco, a gente avançou muito nessa construção política, isso é muito importante eu avalio na minha formação. Do que a escola se propõe enquanto formação eu estou me sentindo muito bem contemplado.



E também tem o os estudantes que vêm com visitas pra conhecer o espaço tanto do assentamento, da cooperativa e que se concentram na escola, né. Então, tem todo esse processo de apresentação do espaço de contar o que é a agroecologia, qual a importância, explicar a função do nosso setor de produção hoje, desperta muita curiosidade deles. Isso também constitui nessa parte pedagógica importante na construção e na disseminação da agroecologia. Eles levam daqui o que a gente passa para eles, mas a gente não passa só na fala, mas também mostra como que o processo está se desenrolando aqui.

E daí, talvez pra alongar um pouco mais, abrir mais um pouco esse leque de conhecimento é a turma de agroecologia e licenciatura em educação do campo que estão iniciando agora, estão indo pra segunda etapa presencial. Tem o pessoal da Zâmbia que tá por aqui, são 6 companheiros(as) que formam parte da quinta turma de agroecologia então abriu ainda mais o nosso leque. A quinta turma é um grupo de alunos que é isso, tem os agricultores que sempre fazem parte do processo e também tem essa galera nova que está se inserindo, que vem com uma curiosidade bem grande, de aprender o que a gente faz aqui pra levar para ser replicado nas comunidades e países, mas a ELAA está cumprindo muito bem essa função e eu agora estou fazendo parte desse processo, não mais como educando, mas sim como um educador.

E quanto a militância, também é isso, agora eu estou inserido de forma mais ativa no movimento, acompanho a coordenação da escola pelo setor de produção, acompanho também

a coordenação do plano nacional de plantio de árvores, pelo estado e também agora estou fazendo parte do grupo de bioinsumos, também estou fazendo parte desse processo do setor nacional de produção.

E no acampamento que eu tô hoje, conseguimos certificar todo acampamento é agroecológico, eu contribui muito pouco lá porque a demanda da escola é muito grande. Já foi separado a agrovila, então temos os lotes da agrovila. Eu lá tô iniciando, preparei o solo e agora vou plantar as mudas frutíferas. O próximo passo é construir minha casa, não sei se esse ano vai dar porque o ritmo aqui da escola é bem puxado. Mas o debate lá também está sendo muito importante, estamos tendo bastante apoio da universidade.”

*João Carlos Victor Pereira da Silva - Sinop, Mato Grosso*



João Carlos é de Sinop – Mato Grosso e é militante do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB

“Meus primeiros contatos com agroecologia foram no final do ensino médio, no saudoso terceirão, quando um companheiro, que era do MST, na época eu estava muito próximo do MST aqui, ainda não era militante do MST oficial, mas o meu pai era militante do MST aí no



Paraná, minha mãe era sindicalista. O MST nunca teve secretaria aqui em Sinop e a casa da minha mãe, que era uma quitinete de dois quartos, um lote com oito quitinete dentro, era onde a gente dividia marmita, então foram os primeiros contatos, assim, eu dividindo marmita com a galera da direção estadual do MST, isso aí nessa época, no entorno de 2007 – 2008. Em 2009 se forma o Edesmar, é uma dessas pessoas que saiu da segunda turma de agroecologia da ELAA e eu me encanto um pouco com esse negócio de agroecologia, a minha família tem todo um histórico com a terra e eu já sou nascido na cidade, mas boa parte da minha infância, momentos de lazer, nos finais de semana, no sítio, brincando com as primas, com os primos, aquela coisa de ficar jogando o torrão de terra no outro, de ficar tomando banho de poça d'água, essa coisa saudosa gostosa que fica na memória. E me encantou aquilo de certa forma. E aí em 2010, eu vou para a primeira turma de agronomia, com ênfase em agroecologia. Então, nesse momento, eu tenho o primeiro contato com a parte técnica da agroecologia, então um moleque de 17 anos sai correndo do Mato Grosso, anda 2200 km para chegar em Laranjeiras do Sul, numa cidade que ele não conhece ninguém. Mas como a gente já tinha um contato bom com os movimentos sociais, eu já achei uma Secretaria do MST, que tinha uma galera que trabalhava com o projeto de agroecologia. Muita coisa aconteceu e eu acabei não concluindo o curso.

Aí nesse processo, eu me afasto das universidades, faço um curso de internacionalismo na ENFF (Escola Nacional Florestan Fernandes) em 2015, que foi uma super reentrada assim nos movimentos sociais, a relação com o MST começa a se refortalecer e eu estava lá, meio que dentro, meio fora do MAB, meio que sem ter o que fazer, mas ainda sem faculdade, aí começa a pressão da família, a pressão da companheira, a pressão do movimento, tipo ó você vai ter que fazer a faculdade, eu ia protelando isso até que eu recebi um ultimato e apareceu o curso de agroecologia da ELAA, eu falo assim, nossa, é o curso que se formou o Edesmar, eu vou fazer!

Agora eu continuo militante do MAB, mas não estou mais da direção estadual. Nesse período de pandemia, acabei pifando, sem ajuda de custo. Os projetos foram acabando, a pandemia acabou com os projetos que estavam acontecendo, sem previsão de recursos para cobrir ajuda de custo. Conversei com as coordenações pra poder ser liberado pra dar umas aulas. Então eu continuo indo na Gleba Mercedes de vez em quando pra dar uma força, mas ao invés de três vezes por semana, eu vou uma vez a cada duas semanas, sem o terror psicológico e a pressão da entrega de relatórios. E aí deu certo, eu peguei 30 horas de aulas numa escola técnica do estado, uma montoeira de disciplina, até ensinar “agricolino” a plantar soja eu vou ter que fazer, ao mesmo tempo que vou conseguir ensinar trabalhadores e trabalhadoras a cultivar horta urbana, que é um curso que a gente já tá montando, nós estamos já com um hortinha modelo

numa escola, eu tô indo lá trabalhar na horta, mesmo sem tá com contrato assinado ainda, é isso que tá segurando a onda no momento.

Até o final do ano passado minha atuação no MAB era estadual, estava indo pra Cuiabá eventualmente, quando estourou aquela barragem em Nossa Senhora do Livramento, que era uma barragem de mineração, que não teve vítimas fatais, ainda bem, mas teve trabalhadores que tiveram prejuízo de cerca, medo, ameaça de morte, até correr de jagunço eu tive que correr, esse tipo de coisa. Mas aí obviamente que Sinop a gente acompanha mais, porque é onde tá a secretária estadual, não fica na capital, é onde tá a barragem que mais gerou conflito que mais causa dano ambiental, é a Usina Hidrelétrica de Sinop.

Eu percebo a agroecologia como uma ferramenta bacana, que você chega na geração de renda, que é uma coisa que a família se questiona que tinha 40 hectares de terra e agora tem 15 ha, que só sabe criar gado branco. Aí você chega conversando com a família e propõem um projeto de banana consorciada com alguma anual e vamos fazer assim porque é mais barato, vamos buscar o adubo ali naquela indústria de alimentos que tem um rejeito de fruta que é mais barato, do que ir lá e comprar um saco de ureia, por exemplo.

Dessa forma nós conseguimos fazer com que as famílias pensassem um pouco mais a questão do futuro da estrutura da comunidade, enquanto comunidade atingida por barragem e a agroecologia ali no meio. Ela foi um tema transversal que a gente conseguiu usar pra comunidade pensar em se reestruturar enquanto comunidade que sofreu todas essas violações. É aquele início de prospecção de futuro da comunidade, aquele comecinho do que que a gente vai fazer agora, por exemplo a comunidade demanda que a prefeitura construa um barracão na cidade pra que seja possível fazer um mercadinho da reforma agrária, então fazemos as articulações políticas e construção de projetos pra viabilizar essas coisas. A agroecologia, querendo ou não, foi uma porta que abriu, com isso a gente conseguiu um projeto de 30 hortas agroecológicas, foi um momento marcante pro movimento dentro da comunidade. Porque a comunidade tem 20 anos e nunca tinha conseguido finalizar um projeto nesse período todo. Foram dois anos lutando pra conseguir que as famílias se inscrevessem, porque depois de 20 anos de decepções, eles não acreditavam que fosse pra frente de verdade. Mas aconteceu, as hortas chegaram e a relação com a comunidade mudou.

Uma comunidade que tem 20 anos e nunca tinha feito um mutirão se juntou pra descarregar um bitrem que tinha levado um milhão e meio de reais em equipamento, numa comunidade que nunca tinha recebido 50 centavos. A nossa relação com a comunidade melhorou muito. E isso veio porque a gente tinha uma afinidade com a agroecologia, porque acreditávamos que a agroecologia tem um potencial transformativo, que consegue dialogar

questão de gênero de levinho, consegue dialogar a soberania, a auto sustentação, qualidade de vida, qualidade de alimentação. Então você vê essa galera mudando um pouquinho o pensamento, fez um ano em março de 2021 que as hortas chegaram. Então a agroecologia funciona como uma argamassa, como um barro que vai dando liga na construção com as comunidades. De uns tempos pra cá o MAB adotou a agroecologia a nível nacional, mas antes não se pensava muito essa questão da produção, o foco era mais a defesa dos direitos dos atingidos por barragens. No entanto essa temática veio sendo demandada pelas próprias comunidades, enquanto uma necessidade. A formação dos quadros, dos militantes e dirigentes que foram entendendo melhor a proposta da agroecologia e isso foi tomando forma.

É óbvio que encontra algumas resistências e é uma das coisas que eu vejo hoje assim, se a gente pegar das 30 famílias lá do projeto, as cinco que mais se destacam, que tem assim uma vanguarda, você vê que as cinco têm palha no canteiro e uma delas é uma família que falou assim para mim, por que que eu vou pôr sujeira no canteiro? E hoje é uma das famílias que falam assim, nossa, ficou muito mais fácil.

Então nós temos aí o projeto PAIS que são as 30 hortas agroecológicas, que eu estava extremamente envolvido até comecinho de janeiro e que agora eu ainda estou envolvido, mas o projeto já acabou. A gente tem o CantaSol, que eu inclusive comercializei algumas coisas no CantaSol, porque eu fiz uns própolis aí nessa época que eu tava sem ajuda de custo e que é aquele projeto que eu falei de economia solidária, que eu conheci desde o começo e que eu ainda estou participando, a gente compra, sou amigo das famílias, então ainda estou ali olhando isso. Me aproximei de um coletivo que surgiu aqui com o nome mais clichê do mundo, que é Gaia, que é uma galera da Embrapa com uma galera da UFMT, uma galera da UNEMAT e esse coletivo começou a crescer muito ligeiro e tem umas pessoas fantásticas lá dentro.

Eu estou na periferia desse projeto, assim, meio dentro, meio fora, que eles estão com projetos grandes de assistência técnica de horta dentro de creche. Eles tomaram do agronegócio, 1 ha dentro da universidade. Era do agronegócio, estava em desuso, e eles iniciaram um projeto de SAF (Sistema Agroflorestal) lindo lá dentro, eles estão com um projeto de comercialização. Então, eu também tô meio com essa galera, conversando direto e tem uma horta que eu comecei a acompanhar aqui, enquanto ainda estava no final do curso e que aí eu passei a acompanhar oficialmente em 2019, de julho para frente, que é uma horta na escola técnica, que é onde eu vou dar aula agora e aí eu estava de voluntário, por um tempo eu recebi uma grana, de consultoria agroecológica. Então, criou um vínculo entre o movimento social e essa escola técnica, que sempre existiu, mas agora ele é mais forte assim e aí eu vou dar aula nessa escola técnica. Se criou um grupo de trabalho lá dentro, que discute a agroecologia, que discute

sociedade, que discute raça, que discutir gênero dentro de uma escola técnica, com todas as limitações de uma escola técnica, então acabei meio envolvido com isso agora eu estou indo para esse lado, para esse viés da educação.”

*Édio Berardi Moro – Cacaúlândia, Rondônia*



“Eu sou Édio, atualmente estou aqui em Rondônia, morando, mas eu nasci no Paraná. Meus pais foram migrantes, que vieram pra cá nesta onda de conquistar a terra aqui. No início foi bem difícil, eles passaram bastante dificuldade, mas conseguiram ter uma vida estruturada.

Eu atuo no MPA, o Movimento dos Pequenos Agricultores, conheci o movimento em 2007 e de lá para cá gostei da organização do movimento que abrange várias áreas, desde a educação, da produção, essa questão social, essa preocupação e eu tenho isso muito no sangue também e acredito que o espaço que nós estamos tem que ser melhor para todos, não ser bom só para alguns, tem que ser bom para todos e o movimento, assim como outros movimentos também tem essa ideologia de um mundo que seja bom para todos.

Eu moro num município chamado Cacaúlândia, aqui quando iniciou a colonização teve muito cacau, foi muita produção de cacau e daí o nome veio por isso. Mas hoje é um município com pouco cacau, já virou mais fazendas, os lotes foram sendo vendidos e hoje Cacaúlândia se tornou áreas de grandes fazendas de gado. Então as propriedades pequenas aqui é bem pouco, tem, mas é pouco. E hoje é gado aqui em Cacaúlândia, é um município de 6 mil habitantes, eu vivo na área rural, produzindo agroecológico, com todos os desafios que encontramos pela frente.

Eu estou na coordenação estadual do movimento, mas com a pandemia o movimento deu uma parada e agora que nós estamos retomando as atividades novamente, ainda é muito pouco

porque está se iniciando. Agora o grande desafio é reorganizar o que nós já tínhamos de base, que ficou tudo parado, então estamos na luta, no desafio de reorganizar, nessa conjuntura atual, mas estamos caminhando.

O meu processo na agroecologia veio quando eu conheci o movimento, a primeira palestra que eu assisti, a primeira formação que eu tive com o movimento já foi sobre a questão das consequências dos agrotóxicos e eu achei muito interessante, porque até então eu utilizava muito veneno, eu usava 24 horas por dia muito veneno, eu tinha um plantio de café e a hora que saía um matinho eu estava lá com uma bomba nas costas.

Nós gastava muito veneno, uma parte da renda era só para pagar veneno e além de tudo, sem nenhum cuidado, sem máscara, sem nada. Então assim, como eu conheci o movimento, quando eu percebi que as consequências dos agrotóxicos eram trágicas, tanto no ser humano, mas principalmente na natureza, aí eu fiz uma mudança muito radical, eu parei com tudo. Aí eu tive conflitos dentro de casa porque o pai já tinha aquela ideia diferente da minha, mas eu parei de uma vez, não utilizei, até tinha uns venenos que eu tinha comprado eu fiz doação que não achei como fazer o descarte né. Então comecei a participar do movimento e logo em seguida eu sempre fui mais nessa área da agroecologia dentro do movimento, eu me encontrava mais nessa área. E a partir de quando surgiu a oportunidade de estudar na ELAA, então eu já tinha uma pequena bagagem sobre a agroecologia, através do MPA.

Daí também, o movimento me colocou num curso de homeopatia. Isso também, a homeopatia e a fitoterapia, tem muito isso da questão natural e combate aos agrotóxicos. Então assim, as coisas foram se encaixando na minha vida, um passo de cada vez, mas foi muito importante para mim chegar na ELAA, aonde eu acabei fazendo a formação.

Com a minha experiência, sair de uma vez da produção convencional é bem dramático, eu sei porque eu passei por isso. Eu acho que hoje eu tenho uma visão diferente, eu prefiro falar da transição, de passo a passo do que fazer uma mudança radical igual eu fiz por consciência, por ideologia isso, me trouxe grandes consequências depois, eu não consegui uma produção boa, tive prejuízo, por isso que eu acho importante, até coloquei isso no meu TCC, que a transição ela tem que ser lenta, até para o agricultor adquirir experiência, porque a gente vem acostumado com tudo prontinho ali, por isso eu defendo muito a transição.

Então, quando eu saí de lá (da ELAA), comecei a atuar mais no sítio, porque essa formação, ela exige muito de você, por exemplo, tudo o que eu tinha aqui, eu dei uma parada na produção porque não dava conta, até porque era mais ou menos um período na escola, um período em comunidade. Então quando eu voltava eu só fazia o básico para manter. Então quando eu voltei eu voltei para fazer a produção, comecei a trabalhar no sítio mesmo e daí

quando o movimento precisava, eu ia e fazia os trabalhos de agroecologia, mas meu foco foi aqui na roça mesmo até para recuperar a produção que tinha. Então comecei na área do gado, hoje eu trabalho com o gado com o homeopatia, relacionado à agroecologia. Tem a produção de cacau agroecológico também, a banana agroecológica.

O cacau está iniciando a produção este ano, quando eu preciso de alguma coisa, eu trabalho com homeopatia ou com biofertilizante. O bacana é que eu fiz uma área de produção na beira da estrada, aí as pessoas passam e me perguntam qual adubo e veneno que você está usando lá, e eu explico que não uso nada químico. A produção de banana mesmo é muito bonita, o pessoal fica admirado e é só com manejo agroecológico, principalmente aquilo que nós aprendemos na agrofloresta, você roçar e dar vida ao solo, fazer uma cobertura.

Não utilizo muito esterco, porque como a área é um pouco maior, não tem como se trabalhar, mas eu trabalho muito com mucuna, andu, as coberturas e adubação verde. É uma produção muito boa, porque agora nós passamos um período de estiagem aqui em Rondônia e as plantas permaneceram, verdes, na maioria do tempo, as plantas tão sempre bonitas, mesmo nos períodos de estiagem. E com o gado eu tento trabalhar com a homeopatia. Porque com o gado a homeopatia ajuda muito e a manutenção do pasto eu faço de roçadeira.”

*Yoseth Condori Crispin – Bolívia*



Yoseth é boliviana de Oruro e milita na Confederación Nacional de Mujeres Campesinas, Indígenas y Originárias – Bartolina Sisa.

“Aqui na Bolívia é muito diferente a educação, todas as aulas são em edifícios fechados, você não tem essa ideia de fazer práticas, de conhecer movimentos e ir fazer junto. Eu, na verdade, não sabia o que era agroecologia no começo, um amigo me convidou pra esse curso e eu tinha a ideia de estudar no Brasil, fosse o que fosse. Então as primeira práticas, quando íamos aos lotes do assentamento trabalhar com as famílias pra mim era realmente interessante, aprender e entender como funcionava aquele sistema, eles começavam a falar da lua, de outras coisas que faziam bem pra terra, da água, do ar e eu começava a lembrar do meu avô que ele falava isso, que era pra fazer isso tal dia, que não podia fazer tal coisa e aí como muitos dos companheiros também falavam, sobre o mutirão,

o trabalho coletivo, os paraguaios sempre falavam. Então eu comecei a lembrar dessas coisas, entender e ao mesmo tempo aplicar na minha vida, na minha comunidade. E isso me ajudou a entender a agroecologia, desde a prática, não a partir da teoria, com a experiências de alguns professores, de vocês mesmo, de algumas pessoas isso me ajudou a entender o que é a agroecologia. Na Bolívia ainda se confunde muito a agroecologia com agricultura orgânica, eles ainda não entendem aqui a agroecologia a partir da visão dos povos andinos, dos saberes ancestrais, esse entendimento ainda é incipiente.

Durante a formação o primeiro ano foi um pouco mais de choque pela cultura, pela comida, pelo estudo, pelos companheiros, eu lembro que eu chorava muito, eu não entendia as piadas, as gírias, eu não entendia o que eles falavam e pra mim era difícil porque eu falava algo e eles compreendiam outra coisa, os companheiros e as companheiras querendo falar espanhol e eu querendo falar português, e ao final ficava uma confusão. Também eu ficava com vontade de comer outras coisas, em alguns períodos a comida era pouca, foi assim chocante e eu não entendia muitas coisas.

A partir do segundo ano foi mais leve, vocês compreendiam mais meu português, eu compreendia mais vocês e o último ano foi um ano de muitas coisas boas, viagem para São Paulo, para Brasília, para outros lugares, eu fui reconhecida e valorizada pela minha cultura. Porque inicialmente eu assumia que eu era menos que vocês pela cultura que eu tenho, como se fosse inferior, a cultura quéchua a qual eu pertença e essa visão ocidental menospreza essa cultura, então na minha cabeça ficava isso, que eu era menos que vocês, mas que eu tinha que fazer igual vocês, mas ao final no último ano foi diferente porque consegui compreender muitas coisas e aí virou outra coisa. Isso foi muito interessante pra mim, fazer esse intercâmbio de muitos saberes, de muitas culturas, de dança, de música, de comida e acabou sendo muito bonito depois. Foi uma experiência muito importante pra mim, pra conhecer e estudar o que são cursos de formação de base, quando nós fomos para a Vigília de Lula e fazer os estudos, isso me ajudou a compreender que o trabalho de base é complexo e aqui na Bolívia está se perdendo esse estudo.

Depois que me formei, eu voltei pra Bolívia com a ideia de fazer a militância e trabalhar com agroecologia como técnica, então os primeiros momentos foram assim, assistência técnica com as mulheres que eu pesquisei no meu trabalho de conclusão de curso, fiquei cerca de dois anos trabalhando com elas dando sequência a pesquisa das ervas medicinais e também trabalhamos acerca da violência contra mulheres e o tema das juventudes, fiz esse trabalho até que acabou a parte técnica de agroecologia, o contrato se encerrou e eu precisei me inserir em um outro trabalho que não tem a ver com agroecologia ou militância, ainda que siga fazendo

parte do Movimento Bartolina Sisa. Estamos estruturando um novo movimento das mulheres, formando lideranças, trazendo para a Bolívia novos projetos pra impulsionar novas ideias e criar condições para poder estar sempre fazendo esse trabalho de base com as mulheres.

Eu ainda não fiz a revalidação do diploma, na verdade ainda não retirei o diploma no Brasil, mas eles me falaram que é fácil, porém vai demorar. Estou com isso em mente por agora, mas aqui não tem muita validação esse diploma porque aqui não há reconhecimento do tecnólogo, eu penso em continuar estudando, mas mesmo nas universidades públicas um mestrado, um doutorado são pagos.”

*Valmir Neves Fernandes – Paraná*

Valmir é agricultor acampado em Antonina – Paraná no acampamento José Lutzeberguer e militante do MST

“A minha ideia era fazer uma faculdade, não sabia qual, então pensei - vou tirar esse ano agora aqui 2014, 2015 pra dar uma pensada e tentar fazer alguma coisa, eu sempre quis estudar, arrumar um emprego e tentar trabalhar e fazer uma faculdade. Aí eu fui no sindicato e eles falaram - ó tem um curso na



Escola Latino-Americana de Agroecologia, eu nunca tinha ouvido falar, na época tinha o edital aberto pra Licenciatura em Educação do Campo, mas quando eu fui ver já tinham se encerrado as inscrições. Mas eu gostei, eu peguei a apresentação do curso e achei interessante, então eu falei beleza, provavelmente vai abrir no ano que vem outro curso, então se abrir eu faço. Aí eu estava em casa e fui avisado que abriu vaga pro curso de Tecnólogo em Agroecologia, então eu pensei, mano não tenho nada a perder, qual que é chance de um cara como eu fazer faculdade, é muito pequena. Tinha lá na convocação qual que era o esquema, que eu precisaria arcar com os custos da viagem, isso eu tinha condição de fazer, o que eu tinha a perder? Literalmente nada, então eu fui e deu no que deu, tamo aí até hoje.



Mas no fundo assim, eu não tinha encontrado o meu lugar no mundo até aquele momento. Sabe quando você está perdido sem saber o que fazer, aquele caos depois que sai do ensino médio e não tem uma perspectiva, a maioria dos jovens pobres do campo não tem essa perspectiva de sair do ensino médio, fazer uma faculdade e seguir no campo, não tem uma parada que você consiga falar - é isso que eu vou seguir pra minha vida, você fica meio solto, onde bater o vento é onde você vai parar. Chegando lá eu falei mano, que lugar é esse, que realidade é essa? Era tudo diferente do que eu estava acostumado, no primeiro dia foi um impacto. A partir do terceiro dia eu entendi, é isso que eu quero pra minha vida, é uma coisa que eu nem sei explicar, eu me apaixonei por todo aquele processo. Aqui não tem ninguém mais do que ninguém e ninguém menos, muito diferente da sociedade que eu tava acostumado.

Aí que eu comecei a ficar um pouco mais político, comecei a ler um pouco mais leituras que eu nunca tinha visto e então eu comecei a entender um pouco mais desse processo. A etapa preparatória traz muito conteúdo político, histórico, cultural da sociedade, a questão organizativa do MST e de outras organizações que nós mesmos apresentamos lá. Eu falei, cara, é isso que eu quero. Aí começou a mexer com essa paixão que eu tenho, que é fazer parte de algo, porque todos nós seres humanos nós tendemos a nos relacionar pra tentar fazer parte de algo, tá junto num coletivo, participar, querer mudar alguma coisa, né? Quando você se sente parte de algo, de um grupo maior, fazendo parte de algo maior, naquele momento você deslancha e aí consegue progredir.

A ELAA foi um divisor da água pra mim, principalmente foi isso. Acho que a minha vida inteira ela se baseia no antes da ELAA e agora, depois da ELAA. Por que foi a partir daí que eu me inseri no movimento social que é o MST, minha família também tá inserida agora, eu não era acampado, eu era um sem-terra antes sem saber, hoje tamo acampado, então todo esse processo de eu entrar na ELAA pra mim eu acho que foi uma mudança muito grande. Nós era camponês, só que nós não tinha terra pra plantar, pagava aluguel, e a partir do momento que eu entrei na Escola Latina, teve toda essa mudança.

Foi uma mudança muito grande, porque a ELAA me trouxe todos esses aspectos, essa forma de enxergar a sociedade como ela se estrutura, uma visão mais crítica e saber onde eu ia me colocar, então a partir daí eu tive a coragem ou a audácia de me acampar, então eu entrei de cara no movimento social e hoje eu estou aqui contribuindo desde que saí da escola. Eu saí de lá e fui pra vigília Lula Livre, fiquei quase um ano lá.

O mais marcante foi essa mudança durante o curso, que foi mudar toda a estrutura da minha vida, na minha casa, a forma como a gente se organizava financeiramente, além de mim eu trouxe minha família junto. Mas a questão também humana que a Escola Latina traz, de

perceber algumas coisas que antes você não percebia e começar a olhar com uma outra visão, essas transformações, que eu acho que aconteceram em mim dentro dos próprios processos da ELAA. Na minha visão a Escola Latina aflora muito, ela vai aflorar tudo, o teu lado bom e o teu lado ruim, porque a forma como é conduzido o processo, faz com que isso aconteça, não que seja ruim, é importante pra mostrar o que a gente é mesmo, se não a gente fica escondido numa casca e só mostra aquele pedacinho que é a parte boa, mas a gente não é só isso, também tem os monstros, os medos, as angústias.

A sociedade é isso, né? Cheia de altos e baixos, de prós e contras e a Escola Latina traz esses elementos e faz aflorar muito isso, um processo pesado de estudo, reflexão. Ficar três meses ali acordando as sete da manhã, toma um café, já tem plenária, vai pra aula, sai, almoça, tem que trabalhar pra manter tudo organizado, você não pára, tem 16 horas diárias que você não pára e ai todo dia você levanta e tem essa dinâmica, tirando o domingo, não tem como você não mostrar quem realmente você é ali, é uma rotina própria pra acontecer esses processos onde talvez a gente evolua como ser humano, é isso que ela traz.

Eu tô militando no MST, no setor de comunicação e cultura, é a minha tarefa, eu sou o cara que tira foto, faz vídeo, tô trabalhando nessas técnicas, uma coisa que não tem quase nada a ver com a nossa formação da ELAA, mas é o que eu tô fazendo hoje, sou tecnólogo em agroecologia, mas hoje minha contribuição tem sido na fotografia e audiovisual e a gente tá trabalhando com a perspectiva de provavelmente conseguir uma ilha de edição e também esse é o caminho que eu vou ir seguindo, produzindo materiais audiovisuais pro estado e aqui pra nossa região, então esse é o caminho que a gente está traçando pra minha pessoa. Mas começou tudo lá na ELAA, esse caminho da comunicação, com a gente fazendo aqueles laboratórios de comunicação e cultura.

Até porque a agroecologia não é apenas a questão de você plantar, é todo um conjunto de relações que abrange as relações políticas, econômicas, sociais e além disso você também tem que mostrar a agroecologia como por exemplo através do audiovisual, o meu olhar quando eu vou fazer algum material que tem relação com a agroecologia é outro, eu sou tecnólogo e vou observar algumas coisas que às vezes um cara da comunicação, formado fotógrafo profissional não vai observar. A agroecologia tem um âmbito muito grande e nós tecnólogos e tecnólogas temos que mostrar também o que estamos fazendo, eu não falo só no sentido de tirar foto e fazer vídeo mas de comunicar, falar e trazer vários elementos, então a gente também tem que dominar vários campos pra poder construir a agroecologia, que não é uma coisa pequena uma coisa fechada ela abrange muita coisa e é uma coisa muito bonita isso, é lindo!

O avanço da agroecologia pra mim é um tema muito complexo, dentro da sociedade como ela tá estruturada hoje e que se baseia em outra forma de agricultura, em alguns momentos até, tem muita colocação contrária dentro dos nossos próprios espaços. Mas como eu tô aqui na regional sul do MST e basicamente todos os nossos acampamentos tem princípios agroecológicos ou são totalmente agroecológicos, então a minha realidade aonde eu tô inserido é completamente diferente de outras regiões que eu já tive, o acampamento que eu tô inserido tem um processo agroecológico de quase duas décadas, onde a gente estudou também Assentamento Contestado, o Zapata, o Maria Rosa o Padre Roque Zimerman, todos são totalmente ou parcialmente agroecológicos. Então todos os espaços que eu tô inserido tem o debate da agroecologia muito construtivo. As famílias da nossa região são muito abertas, desde o início já é trabalhado no acampamento essa questão.

O debate central nosso hoje é esse, o por quê fazer agroecologia em todos os assentamentos, se a gente combate o agronegócio, não tem como reproduzir o agronegócio dentro dos nossos espaços, não tem lógica. Esse é o processo que a gente faz, agroecologia por que? Porque é um embate político ideológico, que agroecologia não é só plantar, é todos aqueles aspectos que também correspondem, sociais, ambientais. Então não cabe nas nossas áreas construir mini latifúndios, se a gente quer fazer uma proposta diferente, uma reforma agrária popular, ela tem que ter uma proposta embasada em uma forma que o agronegócio não vai se apropriar.

Quando eu saí da Escola Latina, eu não passei uma semana em casa, eu saí pra militância e entrei nessa vida maluca que é militar, fui pra Vigília Lula Livre, aí como eu já tinha começado a mexer um pouco com fotografia na ELAA, o João me explicou algumas coisas, o DG explicou um pouquinho, o básico, na vigília eu fiz um curso de comunicação, depois do curso o pessoal falou, ó precisa de alguém aqui da região pra ficar, você não quer ficar? eu pensei, tinha saído da Escola Latina, não queria e não quero trabalhar de empregado. Tenho só a ganhar contribuindo, então comecei a trabalhar na comunicação da vigília e comecei a ter mais contato com o pessoal que era mais profissional que trouxe mais elementos mais técnicos da fotografia, do fotojornalismo, do ponto de vista dos vídeos sentaram comigo várias vezes pra explicar a edição e eu fui experimentando, ali foi um laboratório pra mim da comunicação que é hoje um espaço que eu atuo enquanto militante, foi ali que desencadeou todo esse processo.”

*Marileu Antu Avendaño – Chile*



Marileu é chilena de Petorca e militante da CONAPROCH – Confederación Campesina de Chile. “Meu ingresso foi muito casual, por muito tempo eu morei na cidade e me afastei bastante da agricultura. Então eu tive uma crise pessoal, eu estava envolvida com as questões ambientais por conta da situação do roubo da água

que acontece no Chile, então tínhamos uma organização, um movimento muito pequeno da província que era confederado com a CONAPROCH – essa sim é muito antiga e capilarizada pelo Chile, então chegou esse informe de que este curso estava recebendo militantes da América Latina, em um primeiro momento eu não acreditei que faria o curso, porque queria ser bailarina, fazer teatro, eu não queria fazer agricultura.

Mas eu sempre tive essa tendência ambientalista e ecológica, eu reciclava, eu gostava de compostar de plantar e coisas assim, mas nada muito além disso. Mas sim entendia que a agricultura e a crise da água está totalmente relacionada com o que acontece no Chile. Por essa crise pessoal eu me arrisquei a ir ao Brasil, sem muito pensar, então não era muito profunda essa minha relação com a agroecologia, mas quando eu cheguei na ELAA foi como se encaixasse o quebra-cabeça da minha vida e comecei a entender o que queria fazer, eu ainda sinto uma dívida com a dança, mas a vida tem muitas direções, nem sempre é o que a pessoa quer idealmente.

Também me apaixonei pela agroecologia, apesar de que eu tenho minhas críticas severas a ELAA e ao IFPR, a agroecologia não tem culpa, eu vou conseguir continuar estudando formal

ou informalmente. E pra mim a agroecologia também é parte do que me dá sentido vital, sinto que essa sensação interna que eu tinha de que, é algo também que aprendi do povo Mapuche, que nós seres humanos também somos parte da natureza, desde uma visão que rompe com a visão antropocêntrica e toma um sentido biocêntrico ou ecocêntrico então para mim a agroecologia foi acontecendo assim, como uma questão que reajustou minhas concepções de vida e me reapropriei de sentido, eu estava muito fragilizada no começo do curso, não comentava muito sobre isso porque sou um pouco fechada.

Eu percebo que a agroecologia se trata de sustentabilidade muito para além de ecológica, a sustentabilidade também é no sentido físico, espiritual, no sentido de gênero. Então também para mim sempre fica essa dualidade das contradições humanas, que mais do que contradições me parecem como manutenções do status quo.

A passagem pela ELAA me instrumentalizou para contribuir com o avanço da agroecologia, hoje em dia em milito na CONAPROCH e estou como secretária geral e encarregada da articulação dos jovens na CLOC Chile. Sim me contribuiu, porque antes mesmo de concluir o curso, eu e meu companheiro nos mudamos de Santiago para Chincolco que é um pequeno povoado do município de Petorca e aí começamos a criar a Escola de Agroecologia Germinar, que é uma organização de base da CONAPROCH. Eu acho que me contribuiu a ELAA a ser mais militante, de corpo inteiro e também a nossa organização o nome é Escola, é um lugar de educação popular.

Aqui temos a situação da falta de água, com o avanço da monocultura principalmente de abacate, mas também cítricos, como laranja e limão, nozes e também tem a mineração. Aqui é um dos municípios mais pobres do Chile, por essa situação da falta de acesso à água, tem gente que vive com menos de 50 l de água por dia, muito abaixo do que diz a OMC que tem como medida 100 litros diários como mínimo.

Tem uma taxa de desemprego muito alta, tem muita pobreza, dificuldade de locomoção, o transporte público é muito ruim e caro, aqui não tem universidade, não tem institutos técnicos. Então uma das coisas que caracteriza esse município é a exclusão, é a falta de oportunidade, falta trabalho, falta educação, falta água que é o mais básico, se falta água todo o restante fica precarizado.

O que caracteriza nossa região é a miséria, a precarização, o roubo da água é feito institucionalmente, aqui o roubo está institucionalizado, o Estado subsidia o poder privado para fazer as construções e os tanques, onde fica presa a água e essa água que está aí contida é a mesma água que é usurpada dos rios, das nascentes, da água subterrânea. E o Estado está avalizando isso, entendeu? A comissão nacional de irrigação e o Estado não faz nada, não

supervisionam, não se responsabilizam sobre o que acontece, enquanto você vê um morro verde (com plantios irrigados) imediatamente abaixo você consegue enxergar o rio totalmente seco e abaixo também as comunidades camponesas totalmente empobrecidas, sem cultivos, aqui a taxa de mortalidade do gado o ano passado foi de quase 100%, quase todo o gado morreu.

Não somente nesse município mas na região como um todo, você encontra pessoas procurando água, é como estar no deserto mas do seu lado tem os morros verdes, enquanto os camponeses procuram água, não com um equipamento adequado, mas com um pedaço de pau e suas próprias mãos, cavando 20 ou 30 metros procurando água e tem gente que morre procurando água, é assim cruel, porque não tem dinheiro para pagar o maquinário, porque o Estado não cumpre sua função porque o desespero de salvar o que dá de comer que é a produção agrícola. Então Petorca é o epicentro a nível nacional do roubo da água e efetivamente é isso porque aqui se conjugam grandes empresas e a classe política, que na verdade são as mesmas pessoas.

Enquanto técnica estou mediana, porque não consegui plenamente me sentir tecnóloga em agroecologia, ademais porque no Chile não tem muitos profissionais dessa área, não tem nenhum curso de agroecologia. Na Escola Germinar estamos passando por várias situações, tivemos que deixar o lugar que era o banco de sementes e agora estamos nessa busca de encontrar um lugar que seja nosso banco de sementes e faz uns oito meses começamos uma rede de abastecimento, de comercialização, organizamos produtores e produtoras, centralizamos os alimentos e fazemos a distribuição, comercialização em diferentes pontos. Está funcionando bem, estamos com dificuldades na viabilidade econômica, mas estamos em processo de ajustes e está crescendo a rede, já estamos em quatro municípios.

A pandemia dificultou muito o trabalho, tivemos diversos problemas. O objetivo da Escola é educar a partir da educação popular especialmente os camponeses, mas não está fechado a esse público, inclusive muitas pessoas que se aproximam da Escola são jovens que estudaram na cidade grande, voltaram para o interior e se interessam pela temática da agroecologia, mesmo que seja para cultivar em pequenas hortas urbanas. Antes da pandemia tudo era feito presencial, assim conseguíamos a presença dos agricultores, depois da entrada da pandemia iniciamos alguns cursos online, mas é muito difícil fazer agricultura online, tem coisas que conseguimos abranger enquanto conceitual, falamos sobre feminismo, sobre escrita de projetos, de economia solidária e outros temas, mas o nosso foco que é a agroecologia desde a prática ou práxis foi quase impossível de manter. Nesse sentido o circuito de comercialização veio para dar um suporte e não permitir que as atividades parassem. O coletivo tem entre 15 a

20 pessoas, transdisciplinar – historiadores, sociólogos, trabalhadores sociais, artistas, professores, geógrafos, músicos, educadores físicos.”

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta investigativa principal dessa pesquisa se tratava de entender se a formação da Escola Latino-Americana de Agroecologia instrumentaliza os(as) estudantes a contribuir no avanço da agroecologia nos mais diferentes territórios onde estão atuando. Para tal, passamos pela descrição e avaliação do processo formativo até chegar no “resultado” que é a conclusão do curso e a inserção nas atividades profissionais relacionadas a agroecologia de cada entrevistado(a). Através desse trabalho, fica aparente que a produção da agroecologia que a ELAA nos apresentou, compreendendo a construção de conhecimentos como um processo, possibilitou a nós, egressos(as) da turma Abya Yala, condições para atuar numa diversidade de situações. As trajetórias aqui apresentadas nos indicam um pouco do desafio em se disputar territórios políticos, ideológicos, visando a mudança da estruturação societária.

Ao analisar os relatos é notório que a construção da agroecologia vêm se dando através de inúmeros espaços os quais estiveram inseridos(as) os(as) militantes que compuseram a turma Abya Yala, a maioria chega a ELAA com uma bagagem prévia de conhecimento e aproximação da agroecologia que se dá, majoritariamente, por duas vias que, eventualmente, se sobrepõem, uma delas são os espaços de educação do campo - as escolas famílias agrícolas ou escolas itinerantes que nas últimas décadas têm conseguido trazer a agroecologia para a matriz pedagógica e os diferentes movimentos sociais citados. Isso nos leva a pensar que o processo formativo é uma constante em nossas trajetórias e não se resume ao período do curso, ou seja, a ELAA tem um papel crucial na formação profissional em agroecologia, mas ela compõem uma espécie de rede de proporção muito maior. É interessante nesse ponto também perceber o caráter formativo da luta, os movimentos sociais camponeses se apresentam inicialmente como organizações que lutam por direitos, mas ao longo de sua existência vão tomando forma e se caracterizando também como potentes espaços de formação.

Sendo assim, compreende-se que as histórias contadas pelos(as) egressos(as) demonstram uma diversidade de realidades, pessoas que já vinham de uma relação com a agroecologia a partir dos movimentos sociais, das escolas famílias agrícolas, dos debates nas universidades, assim como gente que realmente conheceu e entendeu a agroecologia a partir da inserção na ELAA. A ELAA pode ser considerada um dos elos dessa corrente que está se

formando a nível global, especialmente a partir dos movimentos sociais camponeses organizados na Via Campesina que luta pela massificação da agroecologia se contrapondo ao modelo predatório do agronegócio.

A forma com que as pedagogias socialista e do movimento se relacionam com a pedagogia freiriana e com a pedagogia da alternância, possibilitam uma nova maneira de disciplina na construção de conhecimentos. Se de um lado a experiência dos movimentos sociais inspiram uma disciplina militante, a autonomia e rebeldia se apresentam como fatores de renovação desta própria militância, que busca dialogar conhecimentos tradicionais, acadêmicos e políticos. Essas pedagogias, todas bastante revolucionárias, foram vivenciadas com tensões e contradições, que nos ajudaram a nos preparar para uma diversidade de situações, de perspectivas e realidades.

No início do último capítulo eu teço algumas considerações sobre três importantes aspectos que se destacaram na sistematização das entrevistas, são eles as situações de conflito, a questão de gênero e a educação em agroecologia, de alguma forma esses temas apareceram repetidas vezes nas narrativas e nos fazem perceber que são condições transversais ao desenvolvimento da agroecologia nos territórios camponeses.

Os conflitos acontecem majoritariamente por disputa de terra, de bens naturais e de projetos societários. Não é novidade que esse é o substrato básico da condição social do sul do mundo atravessada pelo colonialismo há tantos séculos, construir a agroecologia passa justamente pelo enfrentamento dessa condição almejando a emancipação da classe camponesa e trabalhadora.

A questão de gênero também é fundante, muitos movimentos já adotam a palavra de ordem que anuncia: "sem feminismo, não há agroecologia", é urgente uma revisão da estrutura hierárquica social camponesa marcada pelo patriarcado, onde o homem centraliza as tomadas de decisão e a gestão das unidades produtivas. As mulheres possuem uma destacada tendência as práticas agroecológicas por estarem mais ligadas as produções de autoconsumo e por uma preocupação mais aguçada com os impactos negativos das práticas convencionais, como o uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos, visto que são elas que assumem os cuidados de saúde da famílias, nesse sentido a formação em agroecologia precisa preparar os profissionais a partir desse prisma e fomentar o desenvolvimento de projetos com foco em mulheres e agroecologia.

Experiências de educação em agroecologia aparecem em cerca de metade das entrevistas. Enfatizo aqui a importância da contribuição dos educandos que se formaram na ELAA e depois passaram a fazer parte do coletivo de trabalhadores(as) da escola, essa é uma



prática que procurou ser replicada ao longo da formação das turmas e, invariavelmente, traz grandes aportes na produção de um processo educativo do campo qualificado e dialético.

Me chamou a atenção o caso de alguns(mas) jovens que, apesar de acumularem experiências e formações em agroecologia encontram dificuldade em fomentar a transição dentro do seu próprio núcleo familiar, se nos debruçamos um pouco mais sobre a questão, ela deflagra a situação crítica da juventude camponesa, que por diversos motivos sociais, culturais e econômicos encontra muitos impedimentos no trabalho junto com suas famílias.

Esse tema sensível precisaria de uma pesquisa específica que contemplasse as complexidades aqui postas, mas o que fica claro é que a hierarquização patriarcal embasada nos fatores de gênero e geração precisa ser questionada se queremos ver o avanço de práticas agroecológicas nos territórios camponeses, é preciso dar espaço para que a juventude possa conduzir processos e romper com a lógica da agricultura convencional, para que isso aconteça é necessário uma ampliação de políticas públicas voltadas a juventude camponesa. Ainda assim é perceptível que os conhecimentos inspirados pela agroecologia oportunizam a permanência da juventude no campo, com acesso à educação e condições de trabalho menos precarizadas, mesmo se deparando com limites dentro do próprio núcleo familiar esses(as) jovens conseguem fazer a difusão e a partilha dos saberes agroecológicos a nível comunitário.

Um aspecto interessante descortinado pela pesquisa é a multiplicidade do alcance da agroecologia e as diversas possibilidades de atuação. Mesmo que sinteticamente, descrevi experiências dos(as) egressos(as) da turma Abya Yala com educação, comunicação, assistência técnica, práticas agroecológicas, mobilização social, conservação de sementes e gênero. O período da realização da pesquisa coincidiu com o período da pandemia da COVID-19 e certamente isso exerceu muita influência nas experiências descritas, confesso que fico curiosa para saber o andamento das atividades agora que a pandemia teve uma diminuição significativa nos impactos cotidianos.

A condição pandêmica em que pesquisei me fez perceber que em diferentes realidades foi possível dar continuidade aos trabalhos através de formas alternativas, quase todas calçadas nos dispositivos tecnológicos de comunicação (aqui se abre a questão sobre o acesso à internet na zona rural, em muitos lugares longe do ideal e em como esse acesso pode ser utilizado pelo projeto popular camponês, assim como a juventude exerce papel fundamental para tal). Nos períodos de distanciamento percebemos que, apesar de não substituírem plenamente as atividades presenciais, podemos contar também com o ambiente digital para a construção do conhecimento e a troca de experiências agroecológicas.

No projeto em que estive inserida nós concluímos que a pandemia nos forçou a desenvolver o acompanhamento técnico online e que mesmo após o retorno das atividades presenciais esse canal seguiu sendo utilizado, facilitando ações e encurtando distâncias. Ainda assim, em muitos casos, a pandemia ofereceu obstáculos a uma possibilidade maior de articulação e alcance dos projetos desenvolvidos.

Nesse sentido também, nos deparamos com a limitação temporal que um trabalho como esse enuncia, o intento desta sistematização que registrou brevemente as vivências dos(as) ex-alunos(as) não dá conta de abarcar a grandeza das histórias de cada um(a), certamente hoje, no dia em que escrevo essa conclusão, ou, no dia em que você lê esse texto, muito mais elementos poderiam ser trazidos para estas páginas, ficamos aqui com a fotografia do período das entrevistas, mas o filme da vida segue com suas mudanças, surpresas e desafios.

Esta condição, inerente a passagem do tempo me fez sonhar com o desenvolvimento de uma plataforma em que egressos(as) de todas as turmas da ELAA pudessem registrar suas atividades para que assim pudéssemos ter um arquivo interativo que não ficaria obsoleto, mas sim acompanharia a trajetória de cada um(a) através de atualizações periódicas, bem como poderíamos estabelecer debates e trocas sobre as distintas realidades atingidas no desenvolvimento dos trabalhos, esse material poderia também ser fonte de pesquisa para quem está em fase de formação.

A ELAA proporciona uma experiência de educação do campo formidável, com singularidades e riquezas que ainda não encontrei pesquisando sobre outros cursos de agroecologia no Brasil, mas ainda não foi capaz de fazer um acompanhamento dos(as) egressos(as), o presente trabalho de certa forma contribui para isso, ainda que com as limitações postas, mas fica também a provocação para que possamos, eventualmente a muitas mãos, desenvolver essa tarefa.

O que já vem acontecendo de significativo nesse âmbito é uma articulação entre os(as) ex-alunos(as), majoritariamente através de grupos de whatsapp, especialmente para fomentar o debate da regulamentação da profissão de agroecólogo(a). A PL3710/2019 foi aprovada em novembro de 2022 na Comissão de Trabalho e Serviço Público (CTasp) da Câmara dos Deputados e atualmente segue aguardando designação de relator na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC). A expectativa é que aprovação da PL garanta maior inclusão no mercado de trabalho, visto que se trata de uma profissão relativamente nova que, pela falta de regulamentação, impede o acesso dos(as) profissionais a inúmeras vagas e cargos.

Certamente ainda há muito que refletir, mas é perceptível o avanço da agroecologia fortalecido pela educação do campo, a despeito dos diferentes ventos políticos que sopram na

América Latina, oscilando entre governos mais conservadores e governos mais progressistas, o processo de territorialização da agroecologia é real e palpável, ainda que haja falta de políticas públicas permanentes que possam garantir a continuidade de muitas ações, que seguem dependendo de investimentos da cooperação internacional, ou mesmo de iniciativas dos próprios movimentos sociais

Nesse cenário a Escola Latino-Americana vêm cumprindo seu papel ao longo dos seus 17 anos de história, formando humana-político e tecnicamente militantes que se capacitam para incidir nos territórios e fomentar a construção e/ou a ampliação da agroecologia.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDART, Roseli Salette(Org.) **Dicionário da educação do campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, J. e BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Ed. Atlas, 2014

DA SILVA, V. I. **Classe camponesa: modo de ser, de viver e de produzir**. 1. ed. Porto Alegre: Padre Josimo, 2014.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, J. e BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Ed. Atlas, 2014.

FREITAS, Helena Célia A. e MOLINA, Mônica Castagna. **Avanços e desafios na construção da Educação do Campo**. Revista Em Aberto, Brasília, v.24, n.85, abril 2011.  
**Proposta de regulamentação da pedagogia da alternância**. Ministério Da Educação Conselho Nacional De Educação Câmara De Educação Básica. 2020.

GUHUR, D. M. P.; TONÁ, N. Agroecologia In: CALDART, R. S.(Org.) **Dicionário da educação do campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Expressão Popular, 2012. p. 59 – 67.

KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Orgs.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**, Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna. O Pronera como construção prática e teórica da Educação do campo. *In: Educação na Reforma Agrária em Perspectiva*. Andrade, M.R., ET all. (orgs). Brasília: PRONERA, 2004, p. 61-88.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise Documental como Método e Técnica. *In: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Ed. Atlas, 2014.

NOORGARD, R. A. Base Epistemológica da Agroecologia. *In: ALTIERI, M. A. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ROSSET, P. A territorialização da Agroecologia na disputa de projetos e os desafios para as escolas do campo. *In: RIBEIRO, D.S. et al. Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia*. São Paulo, Expressão Popular, 2017. p. 83-93.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. MOLINA, Mônica Castagna. JESUS, Sonia Meire dos Santos Azevedo de (organizadoras). *Memória e História do PRONERA Contribuições do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária para a Educação do Campo no Brasil*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2010.

SCHMIDT, W. *Educação do campo: agroecologia [e] campesinato: três ângulos, três lados, mas não um triângulo.* / Wilson Schmidt. – Florianópolis: NEA EduCampo/UFSC, 2018.

SILVA, J. A. P. da. *Educação do campo: possíveis contribuições da proposta educativa Sem Terra*. PUC. XII Congresso Nacional da Educação - EDUCERE , 2015.

SILVA, L. H. da; MIRANDA, E. L. *Educação do Campo e agroecologia: diálogos em construção*. UFV. 37ª reunião anual da ANPED, 2015.

SOUZA, Alessandra Silva De. *Educação do Campo e Agroecologia: emancipação e resistência camponesa a partir da formação popular - o caso da Escola Latino Americana De Agroecologia - ELAA / Orientadora Marta Inez Medeiros Marques Marques*. - São Paulo, 2018.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Tradução Rosa L. Peralta. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TONÁ, Nilciney. GUHUR, Dominique M. P. *O diálogo de saberes na promoção da agroecologia na base nos movimentos sociais populares*. Revista Brasileira de Agroecologia/Nov. 2009 Vol. 4 No. 2.

TARDIN, José Maria. *Relatório Interno da Experiência da Escola Latino-Americana de Agroecologia – ELAA*. La Via Campesina – CLOC. Lapa-PR, Brasil - 2014.

WIGINESKI, Laís Rossatto. *Cultura alimentar – um indicativo de resistência no povoado de Tremembé-BA*. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal do Paraná – Campo Largo-PR, Brasil. 2019.